

MICHEL
SERRES

O Terceiro Instruído



PRIMEIRA
EDIÇÃO



MICHEL SERRES

***O TERCEIRO
INSTRUÍDO***



**INSTITUTO
PIAGET**

*Para Anne-Marie,
Emmanuelle e Stéphanie*

*Philomuthos, philosophos pôs.
Philosophos, philomuthos pôs.*

ARISTÓTELES

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UFRGS
BIBLIOTECA

Regressado de uma viagem de inspecção em terrenos lunares, Arlequim, imperador, aparece em cena para dar uma conferência de imprensa. Que maravilhas pôde ver ao atravessar lugares tão extraordinários? O público espera dele grandes novidades.

— Não, não — começa por responder às questões que lhe colocam —, em toda a parte tudo é como aqui, tudo é idêntico ao que vulgarmente se pode ver no globo terráqueo. Excepto a temperatura, a imensidão e a beleza.

Desiludidas, as pessoas presentes não acreditam no que ouvem, aliás, com toda a certeza estão em desacordo! Então, não pôde observar mesmo nada durante a sua viagem? A princípio caladas, estupefactas, começam depois a murmurar, enquanto Arlequim repete sabiamente a sua lição: não existe nada de novo sob o Sol nem na Lua. A palavra do rei Salomão precede a do poderoso satélite. Nada mais a dizer, pois, mais nenhum comentário a fazer.

Real ou imperial, quem detém o poder não encontra, de facto, no espaço, senão obediência à sua força, ou seja à sua lei: o poder não se desloca. E quando o faz, avança através de uma passadeira vermelha. E assim a razão, sob os seus passos, apenas descobre a sua regra.

Altivo, Arlequim observa os espectadores com um desprezo e uma arrogância ridículos. No meio da sala, que se torna ruidosa, levanta-se alguém que logo estende a mão na direcção do manto de Arlequim.

— Eh! — grita essa pessoa —, tu que dizes que em toda a parte tudo é como aqui, queres também fazer-nos acreditar que o teu manto é só feito de uma peça, tanto à frente como atrás?

Surpreendido por essa intervenção, o público já não sabe se deve manter-se calado ou desatar a rir, porque na verdade a vestimenta do rei anuncia o contrário do que ele pretende. Mescla compósita de cores, aos retalhos, às tiras ou em farrapos, de vários tamanhos, por entre mil formas e cores variadas, de épocas diferentes e proveniências diversas, mal alinhavados, justapostos sem harmonia, sem atenção nos pormenores, distribuídos ao sabor das circunstâncias e à medida das necessidades, acidentes e contingências, não parece ser antes uma espécie de mapa-mundo, um roteiro das viagens do comediante, como uma mala cheia de etiquetas? Então, nada é nunca como aqui, nenhuma peça se assemelha a qualquer outra, nenhuma província poderia comparar-se a esta ou àquela e todas as culturas diferem. Mas o manto portulano desmente o que o rei da Lua pretende dizer.

Portanto, vejam com os vossos próprios olhos essa paisagem zebrada, listrada, ondulada, enfeitada, pesarosa, fustigada, lacunar, ocelada, matizada, dilacerada, feita de nós e laços, com gorros e franjas já puídos, por toda a parte inesperada, miserável, gloriosa, magnífica até cortar a respiração e fazer bater o coração.

Poderosa e calma, a palavra reina, monótona, e vitrifica o espaço; soberba de miséria, a vestimenta, improvável, ofusca. O imperador ridículo, que se comporta como um bobo, envolve-se num mapa do mundo de multiplicidades mal ligadas. Verbo puro e simples, manto compósito e mal ajustado, reluzente, belo como uma coisa: que escolher?

— Estás vestido como o roteiro das tuas viagens? — pergunta ainda a mesma pessoa de modo pífido.

Toda a gente ri. O rei sente-se atingido e perturbado.

Arlequim depressa adivinhou qual a saída para o ridículo da sua situação: não mais usar aquele manto que o desautoriza. Levanta-se, hesitante, olha surpreendido os andrajos que veste, depois, com um ar lastimoso, observa o público, volta depois a olhar o seu manto, como se se sentisse envergonhado. As pessoas riem-se, um pouco estupidamente. Ele ganha tempo, espera um pouco mais. Por fim, o Imperador da Lua decide-se.

Arlequim despe-se e, depois de algumas caretas e contorsões desajeitadas, acaba por deixar cair aos pés o seu manto esfarrapado.

E aparece então uma outra vestimenta que enverga, por debaixo do manto, também já esfarrapada. Espantada, a sala desata ainda a rir-se. Portanto, é preciso recomeçar, dado que a segunda vestimenta, parecida com o manto, se compõe de novas peças e de velhos farrapos. É impossível descrever a segunda túnica sem repetir, como numa litania, que é listrada, zebrada, constelada...

Arlequim continua, pois, a despir-se. Outro manto furta-cores, uma nova túnica com galões, depois uma espécie de véu estriado, tudo assim aparece sucessivamente, e ainda umas meias sarapintadas... A sala desata a rir às

gargalhadas, cada vez mais estupefacta, mas Arlequim nunca mais acaba de se despir, atrás de uma peça aparece outra, que se pensa ser a antepenúltima: esfarrapada, compósita, aos pedaços... Arlequim traz consigo uma camada espessa de mantos de arlequim.

Indefinidamente, o nu recua sob o que se esconde e o vivo sob a figura ou a expressão ainda carregadas de andrajos. Decerto, o primeiro manto deixa ver a justaposição de peças, mas a multiplicidade, o cruzamento das sucessivas camadas também o revelam e dissimulam. Como uma cebola ou alcaçofra, Arlequim não pára de retirar todas essas camadas e o público não deixa de se rir.

De súbito, um silêncio: uma certa gravidade espalha-se pela sala, muito a sério, descobre-se que afinal o rei vai nu. Erguido atrás dele, o último pano acaba de cair.

Espanto! Tatuado, o Imperador da Lua exhibe uma pele matizada, que é muito mais do que a pele do próprio corpo, que no seu todo quase se assemelha a uma impressão digital. Como uma tapeçaria, a tatuagem, estriada, salpicada, listrada, adamascada, ondulada, impede que se possa olhar, tal como as roupas ou os mantos espalhados pelo chão.

Mas caia o último véu e o segredo se desvendará, por mais complicado que seja o conjunto das barreiras que o protegiam. E a própria pele de Arlequim desmente a unidade pretendida por assim dizer, dado que também ela é um manto de arlequim.

A sala quer ainda rir-se, mas já não consegue: será mesmo necessário que o homem se despoje, por entre assobios e graçaças, para se pedir a alguém que se maltrate a si mesmo?

A sala ficou depois em silêncio, quase se podia ouvir uma mosca. Arlequim não é imperador, mesmo ridículo, Arlequim não é Arlequim, múltiplo e diverso, ondulante e plural, a não ser quando se veste e se despe: nomeado, educado para se proteger, defende-se e esconde-se, multiplicada e indefinidamente. De um modo brutal, todos os espectadores acabam por perceber inteiramente esse mistério.

Eis aqui, pois, como ele se sente despojado e entregue sem defesa à sua intuição. Arlequim é hermafrodita, corpo desdobrado de homem e mulher. Escândalo na sala, que se vê abalada até às lágrimas. O andrógino nu confunde os géneros sem que possa repetir os limites, lugares ou margens em que se detêm e começam os sexos: o homem perdido numa fêmea, a mulher confundida com um macho. Eis como ele ou ela se mostram: como um monstro.

Monstro? Esfinge, besta e rapariga; centauro, macho e cavalo, licorne, quimera, corpo compósito e misto; onde e como observar o lugar de ligação ou de acasalamento, o sulco em que esse laço se faz ou se corta, a cicatriz em que se abrem os lábios, a direita e a esquerda, o alto e o baixo, mas também o anjo e a besta, o vencedor orgulhoso, modesto ou vingador e a humilde ou

repugnante vítima, o inerte e o vivo, o miserável e o riquíssimo, o vulgar estúpido e o doido varrido, o gênio e o imbecil, o senhor e o escravo, o imperador e o palhaço. Monstro, decerto, mas normal. Que expressão distinguir agora para conhecer o lugar de junção?

Arlequim-Hermafroditas serve-se das duas mãos, não é inteiramente ambidestro mas canhoto assumido, como se pôde ver bem, pôde ver-se como era hábil mesmo com a esquerda quando se despia e atirava as roupas para ambos os lados. Alguns encantos infantis misturados com as rugas próprias dos velhos exigem que se lhe pergunte a idade: adolescente ou jarreta? Mas, de imediato, logo que apareceu a pele e a carne, toda a gente descobriu a sua mestiçagem: mulato, mestiço, asiático, híbrido em geral, e em que grau? Quarterão, octavão? E se não representava nunca o rei, mesmo como comédia, sentir-se-ia vontade de lhe chamar bastardo ou cruzado, atravessado. Mestiço, marrão ou marrana, atravessado.

Tatuado, ambidestro, hermafrodita e mestiço, que poderia o monstro agora fazer-nos ver sob a sua pele? Sim, o sangue e a carne. A ciência fala de órgãos, funções, células e moléculas, para confessar finalmente que desde há muito tempo se não fala já da vida nos laboratórios, mas não indica nunca a carne que, muito claramente, designa a mistura, num dado lugar do corpo, aqui e agora, de músculos e sangue, de pele e pêlos, de ossos, nervos e funções diversas, que confunde, pois, aquilo que o saber pertinente analisa. Assim, a vida brinca aos dados ou dá as cartas. Arlequim descobre, para acabar, a sua própria carne. Misturados, a carne e o sangue do Arlequim parecem ainda aí confundir-se com um manto de arlequim.

Desde há muito que alguns dos espectadores tinham abandonado a sala, cansados dessas atitudes teatrais falhadas, incomodados com essa viragem da comédia em tragédia, obrigados a rir-se e desiludidos por terem pensado nisso. Alguns deles, sem dúvida sábios especialistas, compreenderam, por sua conta, que cada porção do seu saber se assemelha assim com o manto de Arlequim, dado que cada uma delas trabalha na intersecção ou interferência de várias outras ciências e por vezes de quase todas. Por isso, a sua academia ou a enciclopédia rejeitava formalmente a comédia da arte.

Assim, quando toda a gente estava já de costas voltadas e os olhos davam sinais de cansaço, todos sentiam que a improvisação nessa noite acabaria em fiasco, mas de súbito alguém lançou um apelo, como se novamente se estivesse a representar num lugar em que tudo nessa noite era repetido, de modo que o público por inteiro, voltando-se ao mesmo tempo com os olhos postos no palco, violentamente iluminado pelas derradeiras luzes mortíferas da ribalta, desatou a gritar:

— Pierrot! Pierrot! Pierrot lunar!

No lugar exacto do Imperador da Lua erguia-se então uma massa deslumbrante, incandescente, mais clara do que pálida, antes transparente do que desbotada, lilial, enevoada, cândida, pura e virginal, muito branca.

— Pierrot! Pierrot! — gritavam ainda esses idiotas, quando a cortina desceu.

E, enquanto saíam, não deixavam de se interrogar:

— Como é que as mil cores assim confundidas podem dar origem a uma massa tão branca?

— Como acontece com o corpo — explicavam os mais doutos — que assimila e retém as várias diferenças conhecidas durante as viagens e regressa a casa matizado de novos gestos e outros usos, baseados nas suas atitudes e funções, ao ponto de se não acreditar que alguma coisa nele mudou, ou ainda como o milagre laico da tolerância, da neutralidade benevolente, que acolhe, pela paz, muitas outras aprendizagens para fazer brilhar a liberdade de invenção, ou seja, de pensamento.

CRIAR

Corpo
Sentidos
Nascimento do Terceiro
Aprendizagem
Nascimento e conhecimento
Escrever
Sexo
Quimera
Vinco e laço
Primeiras recordações
Dia. Noite. Manhã
Rosácea
Trinado, música
Dança
Magnificência
Alegria, dilatação, criação

AGRADECIMENTO

Obrigado. O meu reconhecimento patético vai em primeiro lugar para um antigo professor, cujo rosto, voz e mãos continuarão presentes na minha memória até à morte e que, à distância de alguns decénios, fez de mim o que a maioria deitista chama por compaixão um canhoto contrariado, mas que devo descrever alegremente como uma parte adaptada. Nenhum acontecimento pôde modelar o meu corpo com outras consequências, ninguém decidiu por mim no sentido mais revolucionário da palavra.

Por uma vez, o corpo de quem ensina, que se levanta para dizer e convencer ou se inclina para escrever, revela-se perante o seu público com a maior ingenuidade: como um organismo, que dá lugar à língua e ao pensamento, é evidente, mas carnalmente modelado por um mestre-escola anónimo a quem eu agradeço.

CORPO

Ninguém coloca em dúvida a bondade da reforma que permitiu aos canhotos, meus semelhantes, escrever com a sua própria mão. Os outros tinham-nos precipitado no meio de uma população vaga de mudos, perversos ou nevróticos, ou seja, a teoria. Em princípio, eu faço parte desse grupo tão doente, que hoje represento e ao qual empresto a palavra. Estranha novidade: tudo avança pelo melhor no melhor dos corpos possíveis.

* { "Como descrever um destro? Como um organismo cortado, sofrendo gravemente de hemiplegia. A caneta, a faca, o martelo ou a raqueta apenas se manejam com uma das mãos, enquanto a outra não serve para nada. Vivo, quente e flexível, uma parte do próprio corpo e da sua estatura carrega consigo uma espécie de gêmeo cadavérico, feio e frio, desprezível e impotente: inconsciente."

Eis aí apenas uma parte da verdade. Como descrever por sua vez um canhoto? Como um organismo atravessado por uma racha, paraplégico, doente. O lápis, o garfo, a bola, o cinzel, tudo convém a essa mão, enquanto a outra pende, dorme. Alerta, suave, presente, eis aí uma face do espaço e da vida, enquanto a outra metade do corpo empurra ou abandona sem equilíbrio possível a outra, dura, ausente, morta, peso sem força, massa inconsciente sem língua.

* { Como balanço, portanto, uma vale pela outra. Cada uma das partes divorciadas compõe-se de dois gêmeos, de que apenas um, por escolha, de um lado ou do outro, tem direito à vida, não tendo o outro podido nascer. E deixar livremente que os canhotos assim permaneçam equivale a fazer deles pessoas destros, isto é, novos destros, do outro lado. Por isso, a libertação da esquerda parece-me agora uma decisão da direita.

Os corpos hemiplégicos reconhecem-se entre si e impõem que todos permaneçam na estúpida patologia da divisão.

Não, não somos um, mas dois. Canhoto ou destro, o corpo de cada um compõe-se de dois irmãos inimigos, gêmeos perfeitos, embora enantiomorfos, ou seja, ao mesmo tempo simétricos e assimétricos, gêmeos concorrentes e contrariados, depois de um deles ter já morto o outro e trazer o seu cadáver na bandoleira, como os generais da antiga Roma, que arrastavam, no meio do seu triunfo, os adversários vencidos escravizados? Esse uso, que alguns etnólogos consideraram universal, apenas em metade do seu corpo remontará a imemoriais práticas de sacrifício? Direito ou canhoto, nunca suportam o outro a seu lado, excepto morto ou nado-morto.

Protesto contra a pena de morte nesta matéria, sou pelo corpo reconciliado, pela amizade entre irmãos, enfim, a favor dessa tolerância talvez rara do amor, que procura que o outro, seu semelhante mais próximo, viva feliz e tenha no futuro pelo menos a oportunidade ou o direito de nascer."

O cérebro divide-se em duas partes que, através de feixes cruzados, comunicam com o outro lado do corpo, respectivamente. A hemiplegia paralisa ao mesmo tempo ou o lado esquerdo do corpo e o direito do cérebro ou o lado esquerdo deste e o direito do outro. Parece-me melhor viver, falar ou pensar com todos os seus órgãos do que suprimir do seu conjunto uma metade escura. Ninguém imagina um tal princípio, apesar da sua bela, harmónica e plena evidência: como explicar a paixão da Humanidade, parece que por inteiro, através de uma doença que obriga metade do nosso corpo a agarrar-se a um cadáver, como num casamento odioso?

Portanto, obrigado em primeiro lugar àquele que me formou na plenitude e na saturação próprias de um corpo completo. Nada faz mais sentido do que mudar de sentido. Assim, conto por imagens a lembrança que guardo dessa mutação.

Ninguém sabe nadar verdadeiramente antes de ter atravessado sozinho um rio largo e impetuoso ou um estreito, um braço de mar agitado. Existe apenas um espaço numa piscina, que é território para aí se mergulhar em conjunto. Partamos, mergulhemos. Depois de ter deixado a margem, permanece-se algum tempo muito mais perto de um do que de outro, mesmo de frente, pelo menos o suficiente para que o corpo se entregue a esse cálculo e diga silenciosamente que pode sempre regressar. Até um certo limite, podemos encarar essa segurança, ou seja, que nada foi abandonado. Do outro lado da aventura, o pé espera a aproximação, desde que franqueou um segundo limiar: encontra-se bem perto da margem para dizer que se chegou. Margem direita ou margem esquerda, pouco importa nos dois casos: terra ou solo. Não se nada, espera-se poder andar, como alguém que salta no ar e desce, mas não permanece no seu voo.

Pelo contrário, o nadador sabe que um segundo rio corre naquele que toda a gente vê, entre as duas margens, antes ou depois de terem desaparecido todos os cuidados: é aí que fica toda a referência. } ✕

SENTIDOS

A verdadeira passagem tem lugar no próprio meio. Qualquer sentido que assumo o acto de nadar, o espaço esconde-se a algumas dezenas ou centenas de metros sob o seu ventre ou a vários quilómetros atrás e à frente. O viajante está aí sozinho, precisa, pois, fazer a travessia para conhecer a solidão. E poderá reconhecê-la no desaparecimento das suas referências. }

Num primeiro tempo, o corpo relativiza o sentido: que importa ser a direita ou a esquerda desde que sinta terra firme, diz ele. Mas a meio da passagem, o próprio espaço desaparece, acabam-se as dependências. Então o corpo voa, esquece o que é sólido, já não espera quaisquer apoios estáveis, procede como se se instalasse para sempre na sua estranha vida: braços e pernas entram numa fraca e fluida potência, a pele adapta-se ao meio turbulento, a vertigem da cabeça detém-se porque só pode então contar já com o seu próprio suporte e, sob pena de afogamento, executa com confiança a sua lenta braçada.

O observador que está de fora acredita facilmente que aquilo que muda passa de uma dependência a outra: de pé em Calais como se estivesse em

Douvres, como se fosse necessário dispor de um segundo passaporte. Não. Isso apenas ocorreria se o próprio meio se reduzisse a um ponto sem dimensão, como no caso de um salto. O corpo que faz a travessia apreende decerto um segundo mundo, aquele para o qual se dirige, em que fala uma outra língua, mas inicia-se sobretudo num terceiro, para onde transita.

Não caminhará mais nem se levantará como quando não sabia qual o sentido ou a marcha: bípede antes disso, ei-lo agora carne e peixe. Não mudou apenas de margem, de linguagem, de hábitos, de gênero, de espécie, mas conheceu o seu traço de união: homem-rã. O primeiro animal beneficia de certa dependência, e também o segundo, claro, mas o estranho ser vivo que um dia entrou nesse rio branco que corre nas águas visíveis e teve de se adaptar a essas águas estranhas para não morrer deixou atrás de si qualquer dependência.

Através dessa nova vivência, sente-se verdadeiramente exilado. Privado de casa própria. Morto sem sepultura. Intermediário. Anjo. Mensageiro. Traço de união. Para sempre fora de toda a comunidade, mas um pouco e muito ligeiramente em todas. Arlequim, pois.

NASCIMENTO DO TERCEIRO

E alcança a outra margem: sendo antes destro, é agora visto como canhoto; antes, gascão, vemo-lo ser hoje francófono ou anglómano. Julgamo-lo naturalizado, convertido, mudado, transformado. Claro, que temos razão. De facto, embora contrariado, habita agora a segunda margem. Pensam que isso é simples? Não, claro que não, é complicado. Embora seja destro, continua como canhoto. Bilingue não quer dizer somente que fala duas línguas: passa sem cessar pelas pregas do dicionário. Bem adaptado, mas fiel ao que foi antes. Esqueceu tudo obrigatoriamente, mas lembra-se disso quando é preciso. Julgam-no um duplo?

Mas não têm em conta essa passagem, o sofrimento, a coragem da aprendizagem, as aflições de um possível afogamento, da fenda aberta no tórax para o afastamento dos braços, das pernas e da língua, uma ampla barra de esquecimento e memória que assinala o eixo longitudinal dessas margens infernais que os nossos antepassados designavam como amnésias. Julgam-no duplo, ambidestro, dicionário, e ei-lo triplo ou terceiro, habitante das duas margens e frequentando esse meio em que convergem os dois sentidos, além do sentido do rio que corre, mesmo o do vento, e ainda as inclinações inquietas do acto de nadar, as inúmeras intenções que provocam as decisões. E nesse rio no rio, ou a abertura no meio do corpo, se forma uma bússola ou rotunda de onde divergem vinte ou cem mil sentidos. Consideram-no como triplo?

Ainda o desprezam, mas ele é múltiplo. Como fonte ou modificador de sentidos, relativizando para sempre a esquerda, a direita e a terra de onde

saem as direcções, integrou um compasso no seu corpo líquido. Julgam-no convertido, mudado, transformado? Decerto. E mais ainda: universal. Sobre o eixo móvel do rio e do corpo estremece, como vida, a fonte dos sentidos.

APRENDIZAGEM

Atravessando o rio, entregando-se todo nu à dependência da margem à sua frente, acaba de aprender uma terceira coisa. Do outro lado, decerto, existem novos hábitos e uma linguagem estranha. Mas, para lá de tudo isso, conhecerá a aprendizagem nesse meio difuso que não faz sentido para os reencontrar a todos. Porque no vértice do crânio, em turbilhão, vê-se o redemoinho dos cabelos, lugar-meio em que se integram todas as direcções.

Universal quer dizer que, o que é único, se orienta em todos os sentidos. O infinito entra no corpo de quem, demoradamente, atravessa um rio bastante perigoso e largo para conhecer essas paragens longínquas em que, seja qual for a direcção que se adopte ou decida, a referência está sempre indiferentemente distante. Desde logo, pois, um solitário, errando sem destino, tudo pode receber e integrar: todos os sentidos se equivalem. Mas terá atravessado a totalidade do concreto para entrar na abstracção?

Os professores poderão duvidar do que ensinaram, num sentido pleno, àqueles que foram contrariados, ou antes completados, mais do que àqueles que fizeram atravessar esse caminho?

Decerto, não aprendi nada de que não tenha partido, nem ensinei os outros sem os convidar a abandonar o seu ninho.

→ Partir exige um dilaceramento que arranca uma parte do corpo à parte que permanece ligada à margem de nascimento, à proximidade de parentesco, à casa e aos costumes próprios do meio, à cultura da língua e à rigidez dos hábitos. Quem não se mexe não aprende nada. Sim, parte, divide-te em partes. Os teus pais correm o risco de te condenarem como um irmão separado. Eras único e assinalado, vais tornar-te em vários, por vezes incoerente, como o universo que no começo, diz-se, explodiu com grande estrondo. Parte, e então tudo começa, pelo menos a tua explosão em mundos à parte. E tudo começa por esse nada.

Nenhuma aprendizagem evita a viagem. Sob a orientação de um guia, a educação empurra para o exterior. Parte: sai. Sai do ventre de tua mãe, do berço, da sombra oferecida pela casa paterna e as paisagens juvenis. Ao vento e à chuva: lá fora, faltam todos os abrigos. As tuas ideias iniciais não repetem senão palavras antigas. Jovem: velho tagarela. A viagem dos filhos, eis o sentido despido da palavra grega pedagogia. Aprender provoca a errância.

Partir em bocados para se lançar num caminho de saída incerta exige um tal heroísmo que sobretudo a infância não é capaz de oferecer e, portanto, é preciso seduzi-la para a comprometer. Seduzir: conduzir para outro lado. Bifurcar a direcção dita natural. Nenhum gesto da mão que segura uma raqueta prossegue uma atitude que o corpo tomaria espontaneamente, nenhuma palavra em inglês emana facilmente dos lábios de um francês, uns grandes olhos abertos não revelam qualquer ideia da geometria, nem o vento nem os pássaros nos ensinam música. Resta, pois, encarar o corpo, a língua ou a alma em sentido contrário. Bifurcar, obrigatoriamente, quer dizer enveredar por um atalho que conduz a um lugar desconhecido. Sobretudo: nunca tomar facilmente uma rota, atravessar de preferência um rio a nado.

Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se em vários, enfrentar o exterior, bifurcar em qualquer direcção. Eis as três primeiras singularidades, as três variedades de alteridade, as três primeiras formas de se expor. Porque não existe aprendizagem sem exposição, muitas vezes perigosa, ao outro. Jamais saberei o que sou, onde estou, de onde venho, para onde vou, por onde avançar. Exponho-me aos outros, às singularidades.

Para onde, eis a quarta questão, colocada com novos custos. O guia temporário, o professor, conhecem o lugar para onde conduzem o iniciado, que agora desconhece e a seu tempo o descobrirá. Esse espaço existe, terra, cidade, língua, gesto ou teorema. A viagem avança por aí. Mas a corrida acompanha certas curvas de nível, segundo uma altura ou um perfil que dependem ao mesmo tempo das pernas do corredor e do terreno: lque percorre, pedreira, deserto ou mar, pântano ou parede. Não se apressa para o objectivo, para o fim, no sentido da sua finalidade. Não, o jogo da pedagogia nunca se efectua a dois, viajante e destino, mas a três. O terceiro lugar intervém aí tanto como o limiar da passagem. Ora, nem o aluno nem o iniciador sabem muitas vezes qual o lugar ou o uso dessa porta.

Um dia, em qualquer momento, cada um passa pelo meio desse rio límpido, numa situação estranha de mudança de fase, que se pode chamar sensibilidade, palavra que significa a possibilidade ou a capacidade em todos os sentidos. Sensível, por exemplo, a balança quando se inclina para cima e para baixo ao mesmo tempo, vibrando assim muito bem nos dois sentidos; sensível também a criança que vai avançar, quando se lança num desequilíbrio reequilibrado; mas observe-se ainda, quando mergulha na palavra, na leitura ou na escrita, esclarecido ou confundido pelo sentido e pelo não-sentido. Como fomos hipersensíveis, apreendidos, censurados, no momento de franquear todos os limiares da juventude. Esse estado vibra como uma instabilidade, uma metaestabilidade, como um terceiro não excluído entre o equilíbrio e o desequilíbrio, entre o ser e o nada. A sensibilidade frequente, pois, um lugar central e periférico: em forma de estrela.¹⁾

Alguma vez se mantêm os objectivos da sua equipa quando um adversário se apresta para desferir em breve uma boa pancada? Descontraído,

sentindo-se livre, o corpo imita o particípio futuro, bem preparado para se distender: para cima, ao rés da terra ou a meia altura, nos dois sentidos, esquerda e direita; para o centro do plexus solar, um palco iluminado lança os seus raios virtuais em todos os sentidos ao mesmo tempo, como um feixe de axónios. Eis aí o estado de sensibilidade vibrante, despertar, alerta, atenção, apelo ao animal que rasteja, espreita, espia, solicitação em todos os sentidos de toda a admirável rede de neurónios. Corre até à rede, pronto a despachar: ainda como particípio futuro, a raqueta destina-se ao mesmo tempo a todos os golpes em conjunto, como se o corpo, posto em desequilíbrio de todos os lados, alimentasse uma bola de tempo, uma esfera de sentidos e libertasse a partir do tórax uma estrela do mar. No centro da estrela esconde-se o terceiro lugar, a que antes chamei alma, experimentado na passagem de um obstáculo difícil de ultrapassar. Habita esse pólo da sensibilidade, dessa capacidade virtual, ao mesmo tempo que se lança e se detém, isto é, se lança em parte ao longo das camadas flutuantes do astro que explora o espaço, como um sol.

CÉREBRO

Se o corpo ou a alma sabem isso, o cérebro não o ignora. Tanto no sono como na vigília, vibra e salta em todos os sentidos simultaneamente de tal modo que a curva complexa que deixa traçada no electroencefalograma exprime ou imita a sua autonomia como bola e feixe ou em milhões de estrelas: sob a camada craniana cintilam as constelações. Multiplicamente sensível, sobe à rede para despachar ou, bem experiente a defender-se, apresta-se para receber a bola em todos os ângulos do espaço e em todos os instantes, como balança bem aferida, criança audaciosa que se lança numa tarefa incerta, boca que balbucia entra o rumor e a palavra, entre sim e não, claro e escuro, mentira e verdade, língua, lábios e palato abrigando esse terceiro aí incluído. O cérebro activa-se a quadricular o espaço-tempo: como? Com toda a evidência, estando aí e noutro lado ao mesmo tempo, contínua e descontinuamente. Saltitando e cintilando, Tassedia esse terceiro lugar descoberto pelo acto de nadar para atravessar o rio.

Tal como a inteligência, a promessa de invenção domina durante muito tempo esse jogador, essa criança, esse vigia, que balança ou nada, essa virgem que se apressa a decidir. Corpo, músculos, nervos, sentidos e sensibilidade, alma, cérebro e conhecimento, tudo converge nesse terceiro lugar em forma de estrela: olha à esquerda, passa à direita, observa em cima e corre em baixo...

{ Esse terceiro lugar consolida-se no tempo e no espaço. Através da janela que atravessa, o corpo sabe que passou para o exterior, que acaba de

entrar num outro mundo. O espaço e as nossas histórias são densas em tais limiares: eixo do rio, braço de mar que o acto de nadar ultrapassa. Parece acabar aqui a aventura, enquanto a viagem atinge um certo estágio, com o terceiro seguramente incluído, dado que alguma coisa acaba e não acaba sempre ao mesmo tempo. Eis aí o ponto de chegada, variável conforme o dia e o trepador, em que descobre que, nessa manhã, poderá passá-lo, mesmo que ocorra uma tempestade. Terceiro incluído: não chegado, mas todavia esperado. Eis o momento próprio em que, de súbito, como por graça, tudo se torna fácil e não se sabe porquê. Mesmo no meio, a obra estremece. É esse o instante em que, depois de alguns anos de treino, de vontade, de preocupação, tudo de repente entra e se instala no esquema corporal ou até categorial; mas isso mesmo eu começo e acabo simultaneamente, sei que falarei chinês sem ainda falar, que resolverei as equações do problema, recuperarei a saúde, acabarei a travessia. Mas é tão real esse limiar que nos podemos iludir com ele: eis aí o momento em que se inicia a corrida, embora o principiante julgue que ela acaba mesmo por vencer os seus obstáculos; falso meio, por vezes um terceiro imaginário.

NASCIMENTO E CONHECIMENTO

Não sei o que me leva a dizer que estas quatro provas ou exposições maiores da pedagogia — o escalonamento do corpo em partes, a expulsão para o exterior, a escolha necessária de um caminho transversal e paradoxal e, por fim, a passagem para o terceiro lugar — não as sofremos logo nos primeiros instantes do próprio nascimento, em que é preciso, por vezes com efusão de sangue ou mesmo o esmagamento da cabeça, retirar-se de um corpo o que no nosso se integrava, porque vivíamos como parte do corpo materno, ou suportar um impulso irresistível para o frio irrespirável sentido de fora, tomar um caminho que nenhuma restrição anterior previa, passar, finalmente, por uma abertura retraída e até pouco dilatada, pronta a fechar-se de imediato, com risco de nos abafar ou estrangular, de apertar o cordão em redor do pescoço, fazer sufocar, morrer por asfixia no canal assim obstruído, estenosado, apertado, fechado, de maneira que assim se vive, e toda a gente como eu sabe isso, tudo isso, essa agonia para nascer, essa morte para reviver noutro lado, que desejo dizer agora, num outro tempo, ou seja neste instante em que estou aí, com o pé e o coração a bater, ofegante, disposto já a adaptar-se, a aprender: morrer-viver mesmo como um terceiro.

Assim, todos passamos por um desfiladeiro, esse estranho e natural lugar na montanha em que o ponto mais alto dos pontos baixos iguala exactamente o ponto mais baixo dos pontos elevados. Aprendemos já que o fim de uma agonia de repente pode aproximar-se do sentido da vida.

* { Nascimento, conhecimento: não será espantoso o perigo se mais terrível for a exposição?

No decurso dessas experiências, o tempo não brota nem da posição, como equilíbrio estatutário, nem da oposição, uma segunda estabilidade de onde nada pode derivar, nem da sua relação, arca ou arco estático de imobilidade perene, mas de uma falta de equilíbrio que esboça ou toma posição fora de si mesma, para o desequilíbrio, que a exclui do seu sossego, exactamente de um falso suporte: a língua usual exprime-a expressivamente através da exposição. No eixo do rio cuja corrente o dissipa, como alguém que assume um risco, o nadador expõe-se. }

O tempo expõe-se e, no espaço, lança alguns lugares em que não existe o estar neles. O espaço enxameia-se de lugares de exposição em que se gasta o tempo.

Deslizante, esse terceiro lugar expõe quem por ele passa, mas ninguém passa sem esse deslizamento. Nunca ninguém mudou nada, nem coisa nenhuma do mundo, sem ser através de uma queda. Portanto, qualquer evolução ou mesmo aprendizagem exigem a passagem por um terceiro lugar e por isso o conhecimento, pensamento ou invenção, não cessa de saltar de um terceiro para outro terceiro lugar, expõe-se sempre, pois, ou aquele que conhece, pensa ou inventa depressa se torna nesse terceiro que passa. Nem posto nem oposto, sem cessar exposto. Um pouco em equilíbrio, raramente também em desequilíbrio, sempre afastado do lugar, errando sem um *habitat* fixo, caracterizando-se pelo não-lugar, sim, como alargamento portanto da liberdade, ou melhor ainda, como suporte falso e condição constrangedora e soberana de avançar para o que é verdadeiro.

Eis assim descrito o terceiro instruído, cuja instrução não pára: pela sua natureza e pelas suas experiências, acaba de entrar no tempo; abandonou o seu lugar, o seu ser e o próprio estar aí, a sua terra de origem, viu-se excluído do paraíso, atravessou vários rios, com todos os seus riscos e perigos. Mas será que descola agora da própria terra: habitará ele o tempo?

! { Não, ninguém habita o seu tempo, porque isso exclui os terceiros e desaloja toda a gente de forma imediata. Por isso, vivemos todos quase sempre desalojados.

ESCREVER

Durante esta viagem da pedagogia, não aconselharei, pois, ninguém a deixar que uma criança canhota utilize à sua vontade essa mão, sobretudo para escrever. Como trabalho extraordinário, escrever mobiliza e recruta um conjunto tão refinado de músculos e extremidades nervosas que qual-

quer delicado trabalho manual, de óptica ou de relojoaria, se revela por comparação mais grosseiro. Ensinar essa alta escola a uma população torna-a em si mesma, em primeiro lugar, uma colectividade de pessoas destros — observe-se de passagem essa palavra pela qual os professores destros fazem toda a sua publicidade junto dos hemiplégicos. Poderão tornar-se cirurgiões do cérebro, mecânicos de precisão, enfim, fazer tudo isso, porque descobrir a alta precisão muscular e nervosa abre à finura do pensamento.

Mas fazer a entrada nesse mundo novo, invertendo o próprio corpo, exige um perturbante abandono. A minha vida reduz-se talvez à memória desse momento dilacerante em que o corpo explode em partes e atravessa um rio transversal em que correm as águas da memória e do esquecimento. Uma parte é arrancada e a outra permanece. Descoberta e abertura de que
→ toda uma vida profissional de escrita descreve, na sua sequência, uma cicatrização diferida.

Este golpe acompanha com fidelidade a velha separação da alma e do corpo? O canhoto dito contrariado poderá tornar-se ambidestro? Não, mas antes um corpo dividido, como uma quimera: permanece canhoto no acto de agarrar no cinzel, martelo, foice, florete, bola, raqueta, num gesto expressivo e não em relação à sociedade — aqui, o corpo —, nunca deixou de pertencer a uma minoria desajeitada e sinistra, pretende o latim — viva a língua grega que se considera aristocrata! Embora destro para agarrar na caneta e no garfo, aperta a mão na sua apresentação — eis aí a alma. Bem educado na sua vida pública, mas canhoto ao fazer uma carícia e na sua vida privada. Para os organismos assim adaptados as mãos adequadas.

¹ Como revelar, enfim, alguma tolerância e não-violência, a não ser colocar-se do ponto de vista do outro, saber estar do outro lado?

Não aconselharei ninguém que prive o seu filho desta aventura, da travessia do rio, dessa riqueza, desse tesouro que nunca eu consegui esgotar, porque contém o essencial da aprendizagem, o universo da tolerância e a cintilação solar da atenção. Os chamados canhotos contrariados vivem num outro mundo que a maioria dos outros apenas em parte explora. Conhecem o limite e a ausência, e sinto-me satisfeito: hermafrodita lateral.

SEXO

Apenas alguns seres vivos beneficiam de um sexo, enquanto tudo no mundo, inerte ou vivo, se revela munido de um sentido, que avança até mais longe e é mais profundo do que aquele. Canhoto e destro diz-se em relação a muitas coisas como macho e fêmea e separam-se mais universalmente quando o género os não distingue.

Os astros giram e avançam, orientados, como as partículas em redor do núcleo do átomo. Cristais e moléculas são lateralizados, em simetrias e assimetrias altamente refinadas. O sentido ou a orientação não resultam

dos homens nem das suas preferências, das suas inclinações, mas do mundo inerte anterior ao ser vivo e do ser vivo antes da própria cultura. As coisas completam-se: campos de forças, auroras boreais, turbulências, ciclones, pesquisas sobre o planeta Júpiter, o universo nasce, diz-se, de uma ruptura de simetria. O sentido percorre, pois, a imensidade do céu, entra na linha do pormenor e cavalga com o próprio tempo. Depois, passa aos mariscos, levógiros, dextrógiros, aos crustáceos, que possuem uma pinça grossa ao lado de outra mais pequena, portanto são heterochercos, depois em todos os corpos, nos nossos, nos olhos, nas narinas, na ponta dos cabelos e no equilíbrio um pouco quebrado do peito feminino: o seio esquerdo impõe-se sobre o do lado direito, pelo menos em termos estatísticos. Atravessa os nossos corpos e faz parte dos objectos fabricados. O canhoto insinua-se com dificuldade na floresta da tecnologia destra.

A orientação interessa, finalmente, às nossas preferências, às nossas partilhas culturais, os vermelhos no poder e os brancos sentados no banco, ou o contrário, conforme o hemisfério das revoluções. A política, como coisa última, perdidamente, se repete. Se o tribunal da sociologia me condenasse por não ter dito que o mundo é apenas orientado pela projecção das suas partilhas ou pela imposição das próprias escolhas, creio que responderia assim — e contudo ele move-se. O mundo está lateralizado por toda a parte e é assim que existe. (dir/esq)

A orientação parte do local para o global e do pequeno para o grande, átomos e astros, da matéria inerte para o ser vivo, cristais e conchas, da Natureza à cultura, do puro ao aplicado, do espaço ao tempo, das coisas às línguas: aliás, atravessa sobretudo as passagens, e sem dificuldade, que a filosofia considera mais delicadas.

Ora, a divisão por géneros apenas concede aos seres vivos sexuais alguns papéis sociais, por vezes a sua linguagem. Em suma, bem pouca coisa.

Toda a gente diz, sem saber que repete isso, que a bússola, indicando o norte, permite que nos orientemos. E se eu me decidisse, como aquitano, californiano ou habitante do Sudoeste, a orientar-me para o sul? Pois bem: ir em frente, diz-se, sem tomar em conta que a rectidão recomenda que se volte a estibordo. Como pode a justiça apresentar-se segundo a imagem publicitária de uma balança equilibrada, quando é o próprio direito que a faz inclinar para um dos pratos? Mas aqui, levado pela inclinação, o dizer não é adiantado pelo género.

Em suma, o sexo pesa menos que o sentido ou o macho que a direita. Vivemos constantemente mergulhados mais no turbilhão lateralizado do que na emoção sexual. Esta comparação designa a experiência do canhoto contrariado ou adaptado no centro da primeira partilha como mais intensa e mais larga do que mítica, a do andrógino no centro do segundo, porque este avança para o objecto, dos cristais para as estrelas, e o Hermafrodita detém-se na carne, voltado sobre si, forçadamente narcísico, aberto para o mundo e portanto conhecedor.

Assim, nada na Natureza, inerte ou vivo, nem na cultura, linguística ou imaginada, se refere a um espaço ou a um tempo homogêneos ou isotropos, reversíveis, que se possa partilhar perfeitamente de uma forma equivalente ou simétrica. Não existe, pois, qualquer indiferença balanceada. Não há nenhum centro nem eixo, inencontráveis ou ausentes.

A orientação pode, portanto, considerar-se originária, invariante, irreduzível, tão constantemente física que se torna metafísica. Através dela, sendo universal, nós comunicamos com o universo que nasce, devo repetir, desse *clinamen* antigo, rejuvenescido, pelas ciências contemporâneas, sob a designação de uma ruptura de simetria.

Leibniz assimila-a mesmo à razão de ser das coisas: elas existem antes de mais nada. Podemos, pois, descrever o princípio da razão como um diferencial de sentido e esboçá-lo através de uma pequena flecha que parta do centro ausente e inencontrável para se dirigir não importa seja para onde for. A sua inclinação aparece assim como um clarão, em lugares e tempos improváveis.

E daí resulta assim que o ambidestro não tem razão de ser: nulo, sob o sentido, a zero, indeciso, vulgar, não-codificado, doente por falta de alguma coisa. O destro ou o canhoto vivem num semi mundo e deitam-se sobre um dos lados, mergulhados numa das metades. Fraccionários, mas justificados pela sua razão de ser; obstinados, aliás, como um complemento morto, privados de uma ligação virtual ao outro sentido; o macho procura a fêmea que ele reclama e o sexo impõe-se pelo desejo desse instante intimativo enquanto a partilha do sentido não acontece. Nada faz esperar à direita um encontro com a esquerda, o tracejado para aí chegar apaga-se. O hermafrodita também poucas vezes encontra com frequência certos coitos falhados ou que as fêmeas rejeitam, embora esse corpo adaptado possa dormir a sono solto, sem nunca se poder substituir nem converter. Universo pleno, um só ou a soma das partes.

O ambidestro: neutro; os outros dois: as metades; apenas o canhoto contrariado completa essa parte e a unidade. Zero; duas metades; um indivíduo indiviso. Um mundo ou antes um universo, alguns fragmentos ou nada. Quem não se adapta como canhoto é sempre objecto de análise porque vive no meio da partilha e da destruição.

• Quem se encontra apenas em parte não vê nem pressente o limite e, portanto, não compreende qualquer ruptura, falha, desejo forçado de transgredir essa fronteira inacessível e se pergunta mesmo por onde é que ela passa. Levei muito tempo a compreender a minha oportunidade inexprimível de não conseguir entender essas singularidades.

Por exemplo, a que consiste em repetir que qualquer sociedade se baseia na troca. Não: a simples flecha, assimétrica, mais elementar, oferece sem cessar ao parasita um lugar de destaque, perigoso, trágico, exposto.

Mas necessita pelo menos do direito e da moral, aliás, para construir pacientemente a dupla curva das suas trocas, globalmente equilibradas. Começa sempre assim e por toda a parte a orientação, restando construir em seguida os diferentes equilíbrios. A troca aparece, pois, em segundo lugar.

Da escrita à caneta, o nosso tempo passa por vários tons. Como os compositores falham quando utilizam a mão esquerda! Ela acompanha-a, dizem eles, como serva, escrava, sombra da outra. Não, as mãos no emaranhado das notas fazem amor entre si, que habitual barbárie deixar passar tudo isso quase passivamente! Andróginos por vezes em miraculosas partituras que os fazem sentir realmente bilateralizados.

O próprio piano figura como um corpo adaptado, embora vulgar e sempre codificado, e o corpo assemelha-se mesmo a uma mesa. Harmonias cortadas, quebradas, em que se não podem ler senão alguns fragmentos ou análises, pianos suaves em que o alto se perderia no cinzento, apagado pelas nuvens, instrumentos agudos em que o baixo se perderia na sombra profunda, eis os canhotos ou os destros. Ora, amanhã havemos de escrever de preferência com essa única mão que segura o lápis e a caneta sobre uma página, orientados ou desorientados, mas como duas mãos complementares sobre as pautas ou outras consolas. A questão da escrita encontra-se alterada: por acaso, teremos de contar também com os destros adaptados na sua mão esquerda. Deixamos a civilização destra do estilo para entrarmos na dos tons, plana, volumosa e descentrada. Tudo isso mudará o nosso corpo e alma e transformará o tempo.

QUIMERA

Onde soa o centro do piano? Em redor do terceiro lá? Escutem o *x* ou o *chi* da gama ascendente da esquerda para a direita, encontrando de algum modo a torrente de notas que correm de cima para baixo, escutem a própria quimera e o ponto de cobertura. Nesse ponto determinado, vernal, nasce a encruzilhada, sob a estátua do Hermafrodita; esse lugar primaveril encontra-se no corpo, conheço-o como dor e matriz, cicatriz e origem, tesouro e carta secreta, numa ligação que passa por aí como tratamento de um segundo caminho e este como forma de ligação do primeiro. Não quebrem os laços da quimera.

* { Os nossos antepassados procuravam justamente o lugar misterioso em que o corpo se entende com a alma, os laços e segredos dessa ligação.

O canhoto contrariado assemelha-se a uma quimera que levaria a sua alma para a direita, dado que escreve ao lado das obras de cultura, e o seu corpo para a esquerda, porque conserva os seus utensílios nesse trabalho

com que ganha a vida; eis aí um mundo contínuo, passando pelas suas entranhas, que une o ser vivo à pura cultura, mão para lavrar a terra ou espalhar as sementes, mão para escrever delicadamente e com estilo ou compor música, passagem permutável por esse lugar vernal em que o labor corporal se prolonga normalmente, pela encruzilhada, no pensamento profundamente abstracto.

Este monstro adaptado, quero dizer normal, licorne, esfinge, mulher-serpente ou sereia, constrói um universo conexo, passando pelas coberturas do centro, que une a vida privada ao colectivo exterior, mão pronta a uma carícia, voltada para o gesto e a saudação, em que se tocam e se confundem os espaços dos jogos e a delicada seriedade, na esquerda a bola e na direita a caneta, passagem para um ponto estabelecido em que o sentido de uma sensação se transmuda em sentido de uma significação, em que se desvenda mesmo a solidão, em que a atenção livre se torna produtora, em que o riso se misturará com as lágrimas, em que o rigor se afina pela beleza.

O canhoto contrariado-adaptado desliza constantemente sobre a encruzilhada ou a conexão, pratica com vezes por dia esse papel de permutador em que o seu esforçado suor se encaminha para as singularidades da arte, por onde o trabalho persistente e obstinado se desdobra em obra, por onde as poderosas fermentações da terra acabam no universal da forma pura. «Ligre» ou «tigrão», saído de tigre e de leoa ou de tigre-fêmea e de leão, mestiço, Arlequim, animal cruzado, erguido desde sempre na direita tradicional, permanecendo na esquerda pela vida vulgar e básica, liga, alimenta, corta, articula, cicatriza, harmoniza, teve mesmo de provocar centenas de mortes para chegar aí, esventrado debaixo da sua cintura enfraquecida, a alma como um saco de lágrimas no meio do tórax, fazendo esse jogo com as duas mãos, passando, voltando a passar, acariciando e cuidando do seu meio próprio, vernal, novo, sólido, sereno, mais jovem do que a infância envelhecida.

É necessário demarcar uma cruz para determinar um centro e percorrer um caminho penoso para aí chegar. Não basta apenas a direita ou um desses lados. É preciso um corpo cruzado que passe pelos órgãos do centro, coração, ventre, plexus solar, sexo, língua, nariz de sapiência e de sabedor, atravessando o reconhecimento dos lugares axiais, para que a língua comece verdadeiramente, para que o sexo faça a sua aparição. Como é que um canhoto ou um destro, assim divididos, podem atingir o seu centro, deitados que estão no mesmo leito? Uma rajada de vento não forma uma rosácea, são precisas muitas e que se cruzem no próprio compasso para fazerem sentido. Mas tendo esses infelizes um sexo e uma língua, como ocupam eles essa rosácea que multiplamente se atravessa no seu cérebro?

Uma parte do corpo muito sublinhada, existindo tão fortemente que se toma como referência, conduz para aí, faz perder o centro, poderíamos chamar-lhe o limite de gravidade, sempre evocado, como uma bola descentrada, tocando no solo sempre do mesmo lado como um boneco teimoso. Mesmo a massa global, forte e sombria, se desvanece pouco a pouco na cabeleira grisalha à medida que se afasta desse lado, até flutuar, quase ausente, com um peso ligeiro, de tom clarete. A lateralidade assemelha-se a um estandarte que se agita ao vento.

O seu corpo caminha por terras estranhas, por lugares desconhecidos, por sítios cujo mapa é inexistente. Poderemos então dizer de outro modo, por entre alguma intenção ou importância dada aos próprios matizes, que o seu centro, claro-escuro, participa da consciência e do inconsciente? Língua talhada, sexo cortado. Ou o sexo é cortado, por secção, ou é cruzado, como intersecção. Mas um corpo cortado ou um corpo cruzado não definem um centro equivalente, nem mesmo no próprio animal.

As duas bandas ou caminhos encontram-se no terceiro lugar de intersecção, simples, duplo e cruzado: ausente, excluído, fortemente presente. O cérebro é simples, duplo e cruzado, como um quiasma, como uma quimera: nós pensamos nele como modelo do corpo, pelo menos organicamente. O canhoto contrariado tem um corpo modelado pelo seu próprio cérebro, organismo adaptado que remete sem cessar para o modelo central, em cruz. E a todos os seus órgãos axiais.

Paralelamente simples, duplo e cruzado, o sexo é assim designado como secção, porque a sua partilha deve derivar do claro e do escuro, do lado consciente forte e do lado inconsciente fraco, no caso normal das pessoas lateralizadas; ou pode antes alargar-se no sentido de intersecção, pela dupla orientação. A grande escolha da quimera esboça e produz essa intersecção que, aliás, quer dizer produto. Uma descoberta luminosa: o sentido produz o sexo, os dois sentidos são disso os seus factores. O desejo, apesar de tudo, é o reencontro agudo, incisivo e vivo desses dois sentidos que formam o mundo e nos fazem participar nele.

O cérebro é simples, duplo e cruzado, intersecção e produto. O sexo é simples, duplo e cruzado. A língua, no centro, é simples, dupla e cruzada, sopra sempre a dúvida e o triplo, esforça-se por traduzir, por cantar o que é quimérico. Ramificada, a língua bifurca, fala a duas vozes, em dois sentidos. É também produzida pelo sentido. Baixa, aguda, forte ou fraca, clara, escura, verdadeira ou falsa, rigorosa, imaginária, mentirosa ou leal, estranha ou vernácula, sedutora, repugnante, sempre polarizada. Sensata, insensata. Mas, de repente, passando de um sentido a outro e daí ao não-sentido, a um terceiro lugar.

VINCO E LAÇO

Não sei, eu sei o que se passa no centro. Conheço o seu envolvimento, designei-o como encruzilhada, cruz ou cruzamento. Qual o caminho que passa por cima ou por baixo?

Esta questão elementar coloca-se quando temos nas mãos dois fios e nos apressamos para fazer um nó, como prática antiga da marinharia ou da tecelagem, ou da teoria muito recente dos gráficos. Para cima, para baixo. Poderia dizer-se que brincamos com as mãos. Penélope como tecedeira entrelaça assim as suas malhas. Pelo direito e pelo avesso. Qualquer nó complexo resolve-se assim através de vinhos locais em que a mesma questão assenta. Para cima, para baixo. Uma outra forma de ligar esquerda e direita, basta inclinar-se um pouco para logo a observar. As duas mãos tecem ou tricotam juntas, são complementares, em qualquer momento poderiam concorrer nos teares. Simples e duplas, cruzam-se: mas em que sentido? Antes de ensinarem as crianças a tocar piano, façam-nas tecer ou tricotar.

Portanto, se se segue atentamente a linguagem, a designação de complexo, resultante do vinco ou do nó, designa e descreve mesmo uma situação um pouco mais complicada do que a multiplicação. Voltada apenas para o número, zomba da paisagem enquanto aquela a leva em linha de conta. O complexo designa, pois, um conjunto de vinhos quando passa do aritmético, como pura redução, à topologia, que não despreza o menor elemento.

Apesar de tudo, o complexo nunca descreve mais do que uma situação dessas como, por exemplo, em física, em que uma rede, eléctrica ou outra, possui numerosos fios que passam uns sobre os outros e os outros sob alguns outros, ou seja, uns à esquerda ou à direita daqueles como melhor se quiser: esboço de topologia combinatória, núcleo generalizado, designado como complexo pela primeira vez por J. B. Listing, em alemão, e utilizado por Maxwell na sua teoria dos campos electrónicos. Uma tal rede de fios ou de forças, interceptada algumas vezes por resistências e capacidades, é chamada pelos físicos como um ponto de Wheatstone.

Quando um tal ponto se equilibra entre dois limites, nenhum aparelho de medição pode desvendá-lo. O complexo é então inobservável: nem visto nem conhecido. Existindo, pois, enorme e por vezes embaraçado, entravado, entrelaçado, mas contudo alimentado em e por essa nulidade da diferença de potencial, não existe senão como potência, como memória apagada, entre a presença e a ausência, o esquecimento e a lembrança, a energia local e a incapacidade global. Descoberto aí, o inconsciente, rede admirável de malhas e de estranhos nós, faz parte da família lógica dos terceiros. Se existe, desliza para o meio e, como ele, revela uma tendência para se perder no escuro da memória e ocupar depois todo o espaço e o tempo.

PRIMEIRAS RECORDAÇÕES

Dia. Durante o dia, Penélope tece, compõe, cria a sua tapeçaria, segundo o cartão perdido de que ninguém fala, mas que segue o seu plano e faz admirar as cenas da viagem, a ilha de Circe, Nausica que joga a bola na praia, Polifemo cego no centro da caverna, as Sereias com os seios à mostra que envolvem o desfiladeiro de encantamento, peça por peça, dia após dia, trabalho para o amante, canseira para o amante, fragmento de um canto para o aedo ou trovador, dezenas de versos para Homero, como se os quatro trabalhassem juntos, sob a iluminação diurna, um deles na sua corrida sob o véu, o outro numa cena na tela, o escritor diante de uma página, o cantor compondo a sua melodia, cada um deles cumprindo assim a sua tarefa diária.

① Nós seguimos, escutamos, lemos, olhamos esses vários quadros, mergulhados no encantamento da música: a feiticeira fatal, a jovem rapariga com as suas amigas, o monstro cego, e, acompanhadas pelo ondular da melodia, os lábios abertos pelo vento silencioso das vozes, as fêmeas-peixes de peito erguido sobre as águas, iluminadas pelo sol.

② *Noite.* Ora, quando o Sol desaparece no horizonte, o marinheiro desce as velas e a lira cala-se, quando a noite impede o génio de escrever e o leitor de ler e ver, diz-se que Penélope desfaz a peça que já teceu, Circe apaga-se, depois a própria ilha, a bola desaparece nos braços de Nausica, o Ciclope perde o seu único olho: e assim os fios se desprendem, tudo o que foi tecido desaparece, as marcações perdem-se e desfiam-se. A escuridão engole esses fantasmas, a melodia mergulha no silêncio, já não se vêem as Sereias nem a boca áfona e musical nem os seios formosos revelados ao sabor solto das vagas.

Este despojamento significa que não temos necessidade nem da tela nem do mapa, da partitura gravada ou do poema escrito, nem mesmo sequer da memória. Basta-nos a vida e as nossas entranhas escuras. A peça ontem tecida, com as suas medidas e estrofes, entraram muito claramente na nossa carne e no sombrio esquecimento, enterradas vivas na sombra do corpo ou da alma obscura, pela noite dos tempos e sem ocupar nenhum lugar, não já incômodas como um braço ou qualquer outro órgão. Podemos desfazê-las sem pena, continuam aí, mas sem lá estarem. A noite serve-se muitas vezes do dia sem o dizer e esse nada representa alguma coisa, porque a memória, musical, não ocupa espaço. As vozes entram em silêncio e trabalham, na escuridão, com uma clara inteligência.

A nossa flexibilidade consente a tapeçaria desfeita, os cartões ausentes e a tácita melodia, sem outra perturbação que não seja a dos músculos, dos nervos, do coração. Incorporada, a lembrança torna-se carne: ressuscita em parte, já vibrante, desse mar negro. → marcas (registros)

Manhã. Eu acredito que nunca os ouvi cantar, que nenhuma velha avó mos contou, vi-os apenas uma vez em perfil fugidio, li-os somente num mau resumo, mas no entanto o meu corpo, esta manhã, sem dificuldade restitui, trazidas do mar e das suas profundas grutas, as ovelhas que saem, enormes, do antro negro do monstro cego, a inquietante Circe que faz emergir os marinheiros como porcos imundos, a bola que salta, dançante, fora da confusão em que se lançam as amigas de Nausica, as Sereias caladas de seios erguidos por cima das rumorosas vagas.

Todos ressuscitam do tumulto vazio, dos fios desfeitos, dos versículos eliminados, do silêncio, dos meus lombos, da ausência, da carne calma e viva, do meu tórax sonoro que sai do mar sombrio.

Tu que escutas ou vês surgir estas figuras da sombra através da estranha luz da música, da récita ritmada ou do escansão da tecelagem, esquece-os altivamente, desfaz dentro de ti sem um lamento os fios que os detêm ou as marcações e as palavras que os evocam, e um dia trautearás de cor tudo isso para as tuas filhas pequenas, compreendendo então, finalmente, o que aprendeste outrora de modo obstinado: o fogo mágico e uma radiante e inocente bola, um monstro perigoso ou um cego vítima e, naturalmente, as Sereias como corais de seios nus por sobre as águas.

Esquecidas nos nossos corpos, as Sereias de tudo se hão-de lembrar; entoam ainda esse poema. Sem espaço, a música desperta em nós a ilha quase sem memória. Desaparece na carne, sem deixar nenhum rasto, o terceiro lugar em redor do qual o ritmo se acompanha e a música vibra. *

ROSÁCEA

Treme e vibra no tempo o que se passa no centro.

O jogador de ténis e o guardião sabem esperar e ao mesmo tempo conseguir e no mesmo instante lançar por baixo, disparar a bola para um ponto bem distante, um lance rápido e curto, um salto no ar, o evitar brusco do corpo se o ataque acontece de frente, esquerda, direita, por cima, por baixo, mas como é que os próprios membros se aguentam? Como é que isso se passa, não sei dizer, mas sei que o corpo o sabe fazer, porque dorme e desperta com os próprios ouvidos. Coloca-se em desequilíbrio, afastado, em todo o lado. Sabe assim prestar atenção. Livre de sentidos. Com os fios deslaçados, flutuantes, todos os nós abertos e não apertados, braços e pernas soltos, a cabeça vazia; circular como uma rotunda, alto como um palco sem causalidade, torna-se possível, se assim me atrevo a dizer. Imóvel, com força para se mover. A tapeçaria a toda a hora se desmancha. Poderá dizer-se que tem uma malha clara, irradiando em todos os sentidos pela rosácea de uma catedral.

Atento, em expectativa, o corpo posiciona-se. Os filósofos chamam tese ao acto de situar: um objecto, um acontecimento, uma verdadeira afirmação. O corpo não se situa assim, como uma pedra ou uma estátua que se imobiliza conforme as leis da estática, assente sobre um alicerce e em redor do seu centro de gravidade, estável, equilibrada, abandonada às regras do descanso. Mas acontece descrever-se o movimento como uma série de equilíbrios, como uma sequência de repouso.

O corpo faz de estátua quando dorme e torna-se também numa depois de morto. Em ambos os casos, descansa, por vezes voltado de frente. Canhoto do lado esquerdo, destro do outro lado. A orientação representa, pois, o papel de uma segunda gravidade. De pé, sinto as minhas pernas pesadas e a cabeça muito ligeira. A pele dos pés por vezes ferida pelas unhas, ideias volantes, palavras emitidas no fôlego. Como se a sustentação produzisse por si algumas divisões que se disputam longamente na arena dos filósofos. O espiritual participa do próprio fôlego, ligeiro, e o real do pesado, importante. Mas os obstinados não se confrontam com um vago sentimento saído do próprio corpo?

Ora, se o corpo faz de estátua, pelo seu peso, para baixo, esculpe uma segunda, pela sua lateralização, para a direita ou para a esquerda. Descansa sobre os pés, mas inclinado para um dos lados. Seria preciso esboçar uma componente oblíqua que desse a verdadeira vertical do ser vivo, seduzido sem cessar por essa diagonal e que formaria com a normal o ângulo da sua própria inclinação. Tudo se inclina e se expõe para o lado em que acabe por tombar.

* { Alguém que se considere realista, dirá de si mesmo que tem os pés na terra. Os pés, mas não as mãos nem a cabeça. O importante nasce de baixo, porém, esquece-se de perguntar em primeiro lugar sobre qual dos pés: esquerdo ou direito? Porque único e bem determinado, não estará já o corpo no seu tûmulo? Mora claramente aí a estátua do próprio corpo, inclinado como qualquer antigo colosso, com a perna lançada para dar a ilusão de caminhar. Eis a tese mais corrente: o descanso. Dorme estendido sobre um dos lados, com os pés para a frente. E assim se desenham as forças da morte.

Pelo contrário, levanta-se, desperta e, atento, espera. Saído do repouso, já não se abandona: fica disponível para qualquer eventualidade. O que vai acontecer pode chegar de qualquer direcção no horizonte. Revela então o cuidado de apagar todas as forças que faziam dele uma estátua inerte, uma tese estática. Contudo, não se mexe, mas elimina o ângulo da sua queda fatal, apaga melhor a sua gravidade, inundando de subjectividade a própria elasticidade muscular, depressa esquecida e inclinada num determinado sentido e posta de outra forma, como jogador de ténis subindo para voar, ou um guarda-redes atento e vigilante. Preenche o seu espaço de modo idêntico: tanto para cima como para baixo, para a direita ou a esquerda, deixa de lado preferências e determinações, abandona as suas dependên-

cias e sabe muito melhor agir porque atravessou muitas vezes o velho e límpido rio. Eis o corpo que se torna adaptado.

E daí se vê como o obstinado, que grita para a esquerda e para a direita, ou para a base real ou para o alto espiritual, mostra realmente a sua falta de atenção. Não se inclina, como outrora um filho fazia perante o rei seu pai, à esquerda e à direita. O vigilante que espia ou o investigador aplicado, suspenso, torna-se muito depressa um canhoto contrariado.

Mas, pelo contrário, presta sempre muita atenção, embora de forma virtual, excedendo sempre que possível a sua capacidade, porque em força, literalmente, se expõe em todos os sentidos, como um sol fugidio. Ao longo da sua paixão eliminou todas as determinações, ou melhor, adaptou-as. E, não sendo de forma nenhuma um anjo ou uma besta, dado que a dupla negação produz uma coisa neutra estúpida e nula, revela-se anjo e besta ao mesmo tempo, errando sem dependência, como corpo amalgamado que acede ao possível. O existente é um possível em primeiro lugar. O corpo faz parte da sua capacidade. Cresce exactamente em força, avança a montante de qualquer passagem ao acto. Não falamos aqui do corpo indeciso, embora ocupe um lugar a jusante de qualquer decisão que precede a ruptura. A indecisão impõe uma dificuldade a jusante e a pré-decisão a força da própria origem. Pre-ciso, mas isso diz-se melhor de outro modo: virgem. O corpo solícito embranquece como neve virginal. A atenção e a expectativa avançam sobre a brancura. Todo o corpo procura uma vizinhança no centro para se enroscar no que é possível. Impossível? Mas dispõe dos seus pequenos modelos reduzidos: cérebro, sexo, língua, pequenos corpos cruzados. Procura o desvio desse cruzamento, lugar onde os sentidos se permutam em conjunto, quase mergulhados em cadeia. Mudem de sentido, pois, mas revelem uma maior atenção, porque esta se assemelha ao sol das rosáceas: uma exposição em todos os sentidos.

Arlequim torna-se Pierrot.

O cérebro, o sexo, a língua expõem alguns possíveis em expectativa, que em si mesmos são órgãos ou funções do possível. No ponto de cruzamento, existe a questão do nó, esquerda, direita, em baixo, em cima, que já não se coloca, mas a sua forma ainda se expõe. O corredor aberto, desocupado, translúcido nas suas linhas, pertence a todos os caminhos de uma forma estável e instável. Praça ampla, rotunda estrelada, flutuante. Tudo freme em redor do eixo ou do centro transparente e na sua vizinhança. O cérebro espera, imenso complexo de vigilância, oscilando multiplamente, estremecendo, vibrando no tempo como o seu próprio electroencefalograma. O sexo hesita, cheio de expectativa e de capacidade e ataca depois, brilhando com toda a força; a língua hesita e embaraça-se, reticente, possível, como um palco de nula causalidade, oscilante e cintilante como a música e os sons que a revelam.

Conjunto de tremores, marcas essenciais e talvez em segredo a vida em que se reconhece a origem dos seus estremecimentos, regulares no caso do coração, caoticamente erráticos e complexos pela cabeça e sistema nervoso.

TRINADO, MÚSICA

Regressemos à pequena flecha diferencial, minúsculo desvio, fundamental, da nossa razão de ser. Deitar-se sobre o lado esquerdo ou direito, passivo, afasta-nos muito dessa flecha. A inquietude, ínfima, drapeja perto do centro ausente: um desvio originário do repouso. Tanto os destros como os canhotos dormem no fundo do leito de um sentido morto, como se fala do sentido do vento ou do braço morto de um regato. É preciso que o canhoto se incline para a direita e o destro para a esquerda a fim de despertarem assim da sua quietude animal ou do seu sono mortal, para aquecerem a sua paralisia. E, fazendo isso, passam pelo centro. (TROCA)

Aquele que parte de uma margem e a deixa para trás, mas não a esquece para tentar de novo alcançar a que está à sua frente e habitá-la, adoptá-la, transita pelo eixo de forma que o corpo experimenta a abertura do tórax ou do ventre, no meio da boca ou entre os olhos, tudo isso feito pela flecha originária. Esquartejado pela sua envergadura, exposto. Como anseia ao mesmo tempo as duas margens esquerda e direita, deve atravessar sem cessar e, portanto, a sua vida, o seu tempo e o seu lugar naturais vibram, estremecem, fremem, tremem, vacilam, hesitam, duvidam em redor de uma dúvida inquieta, sempre desperta e soando como uma corda vibrante.

A orientação originária parte do centro ausente e inencontrável como se aí ganhasse raízes: o clarão que a assinala e a esconde através dos próprios brilhos e ocultações pestaneja por toda a parte como um sol fugidio.

Não nos encontramos no centro e dispomo-nos a abandoná-lo. Inclina-mo-nos para a direita, e a esquerda e daí nos queremos afastar. Teremos realmente medo? Não sabemos nem podemos viver com essa dúvida, nesse eixo ou nesse turbilhão: quem poderia construir a sua casa no meio da corrente? Nenhuma instituição, nenhum sistema, nenhuma ciência, nenhuma língua, nem um gesto ou pensamento se consolida sobre esse lugar movente, que é o fundamento último e não esclarece nada.

Apenas nos podemos dirigir para ele, mas no próprio momento de o alcançarmos, abandonamo-lo, arrastados pelas flechas que daí partem. Não deixamos de ser apenas um instante infinitesimal. Tempo e lugar da mais extrema atenção.

Mas podemos regressar. E, pelo mesmo esforço e no mesmo impulso através de idêntico movimento, dirigimo-nos até ele, mas em sentido inverso. E, de novo para aí empurrados, podemos ultrapassá-lo no momento de o atingir. Permanecemos assim por um tempo muito breve e regressamos

logo depois. Retomamos, em sentido inverso, pelo mesmo caminho, atraídos por essa ausência, e indefinidamente conduzidos por ela. Regressamos ainda e atravessamos sem tréguas o mesmo rio, em sentido oblíquo, diagonal ou transversal, em todos os sentidos possíveis do espaço e do tempo, nessa forma de retorno, da direita para a esquerda, de frente para trás, de baixo para cima, por baixo, por cima.

Nascem assim o ritmo, os equilíbrios, as escalas, as cantigas de embalar, as lengalengas, as canções de jogos, a música, os estribilhos, as melopeias, a dois tempos e a dois pés, a quatro pés ou a três tempos, breves, longas, novamente breves, rimas femininas, rimas masculinas, ligadas ou alternadas, a dança, a valsa, o par e o ímpar, os jogos de vertigem, a rede atirada ao mar no balanço das ondas e turbulências, as orações e os ritos, o sino que toca regularmente, todas as vibrações antes da própria língua, todos os movimentos que passam e voltam a passar pelo centro ausente em que nunca ninguém se pode deter, entre o nada e o ser, pólo ou fundamento último que não suporta nada que se afaste de si, e eis como a experiência, a existência e o êxtase se exprimem por essa mesma palavra de exposição que vai do afastamento à equivalência, embriaguez, arrebatamento, coroando a perturbação geminada do amor. Sol.

Tudo deriva do terceiro lugar no duplo sentido.

DANÇA: MINUETE DO TERCEIRO LUGAR

Os homens e as mulheres dançam juntos e de rostos encostados, mas a respectiva linha descai ligeiramente, de maneira que cada mulher se situa diante do espaço vazio entre dois homens e apenas o vê a ele, enquanto cada homem se revela só por si entre duas mulheres. Qualquer mulher pretende preservar esse espaço aberto, enquanto os homens falam do seu amor na ausência das mulheres, mas por elas sempre influenciados. E assim cada um deles se encontra sozinho na sua calma suficiência e infelicidade.

Então, cansado de sofrer, cada um deles abre os braços, como dantes faziam os suplicantes, e qualquer mão encontra uma à sua esquerda e outra à sua direita: é uma espécie de cadeia cruzada e alternada que assim se forma. Cada um mantém uma relação amorosa com os dois correspondentes que limitam o intervalo que entende como parte do seu destino, mas como os outros dois também revelam uma relação com duas sombras que, de frente, enquadram o seu espaço, nenhum deles vê nem fala a ninguém e, portanto, ninguém lhe responde: essa cadeia de suplicações produz um crescimento da necessidade de suplicar. Uma dupla barreira. E daí derivam as figuras da dança, por estações e passagens, e as suas infinitas substituições.

Malha elementar ou trama de relações humanas reais, nunca em linha recta mas feita de mil arabescos, presilhas, argolas ou hélices nos quartos

ou nas salas, sobre as cadeiras, essa cadeia em quincôncio assemelha-se a uma abertura musical onde as notas tomariam quase o mesmo lugar para se poderem escutar de forma familiar como um ritmo regular, sarabanda, tango, «be-bop», minuete; emana da linha, prossegue desde que o nosso mundo é mundo, esse rumor monótono que canta o indefinido mal do amor.

Figura central da dança. A terceira filosofia gosta dos corpos que se confundem. *Post coitum omne animal triste*; com efeito, isto define muito bem o animal — aquele que se entristece depois do coito.

Portanto, depois do coito, o homem é que ri.

MAGNIFICÊNCIA

Reconheço em mim um ser tranquilo e estável, núcleo denso que não se mexe, como se assemelhasse ao meu centro de gravidade ou aí se concentrasse. Decerto como sujeito porque nada desliza debaixo dele, posto e deposto mais em baixo. O próprio corpo deita-se ou levanta-se em redor dessa posição inclinada, mas quando se levanta lança-se, salta, caminha, corre ou nada, atira a bola ou evolui, agarra um objecto ou olha, viaja ou presta atenção, conhece, inventa, regressa ainda na sua relação com esse ponto.

Mas quem sou eu, antes de mais? Esta pedra negra. Peso resultante e marcado pelos vectores da preguiça e das minhas fraquezas caseiras, que se dirige para o centro da Terra. Embora diversamente localizados, os homens no seu todo somente beneficiam de assim estarem aí, é isso que revela o seu género ou a sua espécie, raiz única da vida e sinal que dá ao homem o nome de húmus. Esse núcleo de gravidade dirige-se para a morte, comum, sem dúvida instalada no próprio centro.

Cuidado! Atenção! Tal acontecimento, esse humor, projecto ou pensamento passam, exigem, solicitam, e acontece depois uma certa distância. Exactamente a distância da sua marcha: a criança vai procurar a sua sorte no mundo, lança um pé em relação a outro já dado, consolidado, como raiz dirigida para o centro da Terra, embora abranja apenas uma certa localidade.

Por um desequilíbrio sem preocupação nem segurança, com uma incoativa inquietude, risonha e arriscada, o ser acaba de abandonar esse centro. Expõe-se. Deixa de se sentir enfraquecido e eleva-se. Acredita e lança os seus ramos. Salta. Abandona o estável e afasta-se. Caminha, corre. Deixa o rio e aventura-se. Nada. Larga o que é habitual para tentar outra coisa. Evolui. Dá-se. Oferece. Ama. Passa a bola. Esquece a sua própria terra, avança, viaja, vagabundeia, conhece, observa, inventa, pensa. Não

repete nada. Penso ou amo, pois, o que não sou; penso ou amo, pois, o que não me pertence; penso ou amo, pois, o que já não está ali. Cansei-me de ser aquele que era.

Medimos o passo do pé esquerdo ao direito, a altura do tacão, o desnivelado da corrida, a largueza de vistas, o volume de conhecimentos, o espaço traçado pela errância, o mapa do deserto percorrido. É essa distância que separa o animal da árvore e a árvore do areal estável. O ser enraíza-se desde esse lugar para o centro comum do mundo e pesa mais a partir desse eixo, como se fosse um vegetal. Alargar a distância para esse equilíbrio imóvel projecta um segundo ponto ou lugar que precisa de estar bem exposto: um distanciamento que inventa um espaço entre a posição e a exposição. Mas a distância e a separação não se referem já ao centro da Terra nem à comunidade da invariância e do peso.

Quem sou eu? Em primeiro lugar, essa inextirpável posição estável. Árvore ou vegetal, um legume qualquer. Mas depois quem sou eu? Não estou aí, não sou eu, exponho-me, sou realmente essa própria exposição. Estou voltado para o outro, não já pelo enraizamento, mas pelas extremidades, flexíveis com o vento, as ramagens, no alto da montanha, no outro extremo do mundo para onde parto, movimento animal, rastejamento, voo, corrida, mas sou também tudo isso que conheço, interrogo ou penso, estátua, círculo ou o outro que eu amo.

Mas afinal quem sou eu? O conjunto de tudo isso entre o estar aí e o ponto exposto, entre a posição depositada nesse lugar, tesc quase sempre muito escassa, e a exposição. Portanto, essa distância engloba no mínimo a árvore toda e um espaço por vezes imenso. Considero que é grande essa dimensão: a alma.

Magni-ficat anima mea: literalmente, essa grandeza produz, constrói, faz a minha alma. Sempre proporcional à exposição. As grandes almas expõem-se bastante, mas muito pouco as pusilânimes. A alegria domina-as e absorve-as, como as pode aprofundar a miséria e a dor.

Chamamos magnificência ao trabalho na abertura dessa distância, com uma dimensão ou volume medíocre ou amplo, entre os dois pólos da posição, um ponto baixo e estável do próprio lugar ou aí posto, deposto, de um lado, e um ponto alto, não-lugar ou aprofundamento da alma, risco e libertação, explosão. Nada pode ser animal ou animado sem esses dois pontos, não ser humano, mesmo mesquinho, sem percorrer esse intervalo. A morte acaba por regressar aí, lá em baixo.

Descrevendo de forma exacta a construção da alma, no próprio momento em que ela se forma, por dilatação ou trabalho no útero de um novo espaço sob a força de um ser vivo equivalente ao verbo, o salmo nomeia esses dois pontos: a humildade servil, na parte baixa, evocando assim o húmus, portanto, o homem ao mesmo tempo que a terra, e para o Mais

Alto a santidade de Deus. Não é de facto muito razoável designar como Deus o conjunto infinito de todos os pontos de exposição. Em contrapartida, provoca em mim grandes coisas: *fecit mihi magna...* palavras que repetem o *magni-ficat* como idêntico, mas invertendo a sua ordem. Deus magnifica a minha alma; a minha alma magnifica Deus; ou seja, a distância entre nada e tudo, a grandeza faz Deus e a minha alma.

ALEGRIA, DILATAÇÃO, CRIAÇÃO

Dentro desta escala, de pé, a humildade servil avalia por duas vezes o volume em formação: de baixo, pela sua alegria, exultação, exaltação, nomes verticais da exposição; do alto, pelo olhar que o próprio Deus lhe lança, para trás, sobre a sua humildade; portanto, a altura é medida por duas vezes, directamente e ao contrário. Um resultado quase métrico: o espaço da alma ocupa a distância, literalmente exaltada, da Terra até Deus.

A mais modesta experiência da alegria confirma que a alma preenche com o seu canto a glória dos céus ou, com o seu vazio, o próprio mundo. E o mesmo se passa com o tempo: a beatitude corre de geração em geração, de modo que a alma beata habita a omnitude desenrolada pelo espaço e pela história.

Acompanhada da alegria, a experiência abre esse espaço, que vai daí para outro lado e pode ir da Terra para Deus, pela construção ou dilatação da alma, pelo fechamento ou abertura de uma passagem, de um limiar, de uma porta, de um porto, e por aí se pode aceder a um desses lugares expostos. A experiência atravessa-os e expõe-se. Entre nada e tudo, lança um espaço e um tempo, como um braço livre e flutuante. O êxtase exprime o fim dessa viagem, uma fixação, temporariamente estável, ou antes um distanciamento do equilíbrio em redor desse ponto exposto, na sua vizinhança, com o diferencial do tempo.

// Programado, o instinto animal fecha-se sobre si, situa-se. O animal é aí um ser e, expondo-se através da experiência, o homem entra no tempo e faz parte dele. Não há nada de humano sem a experiência.

// Designamos por alma a variedade de espaço e de tempo dilatável da sua própria posição em todas as exposições. Assim o tórax, o útero, a boca, o estômago, o sexo e o coração dilatam-se e enchem-se de vento, vida, vinho, canções, bens, prazeres, do outro ou do reconhecimento — da fome, sede, miséria e também de ressentimento. A sua dimensão alarga-se por entre a alegria e os desgostos. Estamos ligados por tecidos elásticos... pelo quê? O crescimento abre no corpo um terceiro lugar para o preencher com outros. Torna-se maior. ⁴

Alegria. Instalado no vale, habito ainda o cume da montanha que na última semana tinha escalado, dilato-me daqui para cima, sim, daqui de baixo para o Mais Alto; a minha alma, humilde, assedia, com a variação de

tempo e de espaço, a cúpula do Goûter, o Monte Branco e o glaciário dos Grandes Mares. Não, não me lembro disso, mas a sua magnificência, que entrou em mim, aí permanece: foi realmente necessário que o meu corpo crescesse, como outrora se alargaram as dimensões do pico do Everest. *Et exaltavit humiles...*

Assim, ergui a minha tenda, depois a minha mais frágil juventude entre as idealidades matemáticas, lá no alto, e as longitudes distantes, para lá das águas. Erro pelo mundo e pelos outros mundos, numa ousada abstracção, as paisagens, as culturas e as línguas, as castas sociais, e assim a minha alma se expõe pelos conhecimentos, como se arriscou e ainda continua sobre o deslizar dos glaciares. Abrir a porta, vislumbrar a parede, e no limite disso expor-se à morte. Uma vida de experiências condiciona a passagem, breve ou longa, estéril ou frutuosa, do nada para a morte, transitando pela alegria, indefinidamente dilatada.

Nada de humano existe sem a experiência, sem essa exposição que se avança até à explosão, nada de humano pode haver sem essas dilatações.

“E de súbito, bem no centro do corpo, elas se enchem com um terceiro, que sou eu sem ser eu. E, pelo crescimento, o eu define-se.”

As grandezas sociais, falsas, aniquilam essa distância: soberbas, ricas e poderosas colocam-se por si nos seus próprios lugares, nas suas cadeiras, com os seus bens, o seu poder, a sua glória e, afastando-as sucessivamente desses lugares, dispersos, esvaziados das suas riquezas e do seu poder, que foi substituído, assim Deus realmente as engrandece ou as magnifica... *deposuit potentes de sede... et divites dimisit inanes...* E só então, recuperada a distância e voltando a ser grandes, pela dispersão ou pela inanidade, grandes porque aí depositadas, é que existem as três verdadeiras medidas de grandeza e de volume. Experimentando a fome dentro de mim, no estômago, no útero e no coração (*re-cordatus miseri-cordiae*, eis ainda aqui uma distância calculada), no espaço imenso da minha alma exposta, recebo com humildade, no ponto mais baixo e terreno, os bens cintilantes vindos do alto, não do lugar de Deus, que preenchem até ao cúmulo... *esurientes implevit bonis...* essa magnífica distância que se chama eu. → “re-tron”

O salmo da Virgem inventa a alma como medida, em grandeza e volume, dessa dilatação. Ontologicamente, a alma é grande; a grandeza produ-la, metricamente. A alma é alegria no plano psicológico. Eticamente, é a contracção, mas ao invés o rebaixamento destrói-a: pecado mortal de pequenez e pusilanimidade.

Sem conhecer o sentido ou a direcção, a nossa errância vai do ser para a exposição, da humildade, verdadeira essência do humano, para o não-lugar ausente e distante, a nossa sujeição, e esse movimento cria uma distância de exaltação, a nossa grandeza e o nosso ser, uma distância vazia ou plena, miserável e radiosa. A miséria e a alegria juntas preenchem a experiência fundamental que podemos ter do ser, da vida, do mundo, dos outros e do pensamento.

Refere-se pouco a um lugar sujeito, mas sobretudo a esse espaço cujo sujeito, humilde, não constitui senão o lábio ou o bordo inferiores e cujo segundo lugar, exposto, define a outra extremidade: exactamente, o bordo do outro. Assim a minha alma, em terceiro lugar, equivale a essa grandeza que limita em baixo o eu terreno que lhe é próprio e, no alto, uma multidão de outros de todas as ordens.

Nesses altos lugares, expostos, sem os quais não somos nada — um eu sem alegria — habita Deus em si mesmo, como nomeação omnivalente, universal, integral, soma das versões indefinidas que se nomeiam, por sua vez, como a cúpula do Goûter, certa idealidade, ou aeroporto no fim do mundo, o outro que eu amo e que me ama, o mundo cuja beleza me maravilha e ao qual me entrego, o objecto que observo e me enche de informação, o pensamento que desenvolvo e a linguagem que cintila sobre mim, a multidão suave daqueles em redor de quem gravito, tu, vós, estranhos ou familiares, portanto, o homem não existe sem Deus, sem essa função-Deus, sem a criação e a experiência desse abismo exposto de que não sou senão a margem mais baixa, um lábio local e terroso, sem esse espaço alto e grande, dilatável, que experimento aqui e agora no meu tórax, no meu coração, no meu estômago, no meu útero, na minha alma, sem essa abertura para a soma da alteridade.

* { O espaço dilatado pela aprendizagem, o outro o preenche com um terceiro ser, eu e não-eu, com quem um dia me não deitarei.

No sujeito, como primeira pessoa, os outros engendram uma terceira pessoa, finalmente bem *educada*.

Manhã. Trevas. Silêncio. Despertar. Pequenos gestos já vivos. Ei-lo que está pronto, com nova força. Amortecida, a bomba. Oferecida, a alegria. Que fazer? Sim, empreender e decerto em grande. Partir para além dos mares, construir, descobrir... O entusiasmo provoca, ao despertar, o regresso ao mundo, ele e eu regressados à própria manhã da criação. Omnipotência: tudo se torna possível. Magnificência: essa força tende para a grandeza.

Qual? Onde, como e porquê? Então, no momento de decidir, na lembrança da própria história, que não modela grandes coisas senão através dos mortos, desde os pés até aos olhos e de um a outro ombro, o meu corpo, feito por ela, chora essa grandeza. Presente em si mesmo, evidente, avassalador, inaplicado.

Nada o forma, nada o demonstra, nada de social nem de histórico, excepto através dos crimes e das falsidades; nem a vitória que esmaga mil vencidos, nem a excelência que depõe a coorte dos medíocres.

Ora, com a experiência assegurada, desde a minha infância, violenta, pesada, exigente, cresce e dilata-se em mim essa grandeza. Portanto, todos

os dias desperta uma energia que já desde há alguns decénios está preparada para se precipitar ao primeiro apelo, vigilante atento, servidor fiel, devotado até morrer, mas apenas a ela obediente.

Essa onnipotência matinal livre, essa exigência imensa, pode esgotar-se numa obra, mas esta apenas raramente alcança a sua grandeza e sem dúvida de forma anónima, porque não se trata de mim, mas do que ela produz e retirará de mim. Então, essa força inaplicável continua intacta, juvenil e fresca até à velhice. Exactamente virginal. E entoia o *Magnificat*.

Ora, nada pode fazer dessa experiência uma excepção. Sem dúvida, cada um, pelo menos um dia, sente essa espantosa dilatação do ser, em volume, força e virtualidade explosivas, essa brisa liberta, essa grandeza à solta, virgem faça o que fizer, no infinito lamento de permanecer a seu lado: a infinita possibilidade de aprender.

Porquê teimar em não chamar alma a essa intensidade disponível, mundo e pensamento possíveis no próprio centro do corpo, como um rosácea ou um sol fugidio?

INSTRUIR

Dia
Noite
Claro-escuro
O terceiro lugar
O terceiro homem
Instruir ou criar
A terceira pessoa
A terceira mulher
O terceiro instruído: antepassados
O terceiro instruído, de novo: a origem
Começo da criação
O problema do mal
Guerra por teses
O estilista e o gramático
Paz sobre as espécies
Núpcias da terra com os seus
sucessivos senhores
Paz e vida pela invenção.
Um outro nome para o terceiro instruído
A dupla genérica da história, morte e imortalidade

Dia. Nem o Sol nem a Terra se situam no centro do Mundo. A filosofia glorificou outrora a revolução coperniciana de ter sacudido o nosso planeta, mas Kepler descobriu que o movimento geral dos astros segue órbitas em elipse, que se referem, decerto, em conjunto, ao doador solar de força e de luz, mas cada um, aliás, num segundo foco de que ninguém nunca fala, revela-se tão eficaz e necessário como o primeiro, uma espécie de segundo sol negro. Ao sol branco, brilhante e único, correspondem vários focos obscuros que se podem reunir numa espécie de zona de forma anelar, exposta, quero dizer colocada longe do Sol.

De resto, nenhum desses dois pólos se encontra no meio.

O centro real de cada órbita habita exactamente um terceiro lugar, justamente entre os seus dois focos, o globo cintilante e o ponto obscuro. Não, nem o Sol nem a Terra se encontram no centro, mas numa terceira zona perdida de que se fala ainda menos do que dos parceiros solares.

De resto, um distanciamento mensurável separa da luz do conhecimento um segundo foco escuro, pelo menos também activo, embora sombrio. Vocábulo de uso corrente, a pesquisa, cuja raiz latina se extrai do círculo, tal como a enciclopédia, palavra sábia que Rabelais, clouto, recopiou em grego da anterior, falam ambas da gnosiologia circular, centrada unicamente sobre um distribuidor de luz. Falando do centro de pesquisa, a língua, redundante, repisa e retarda, porque existem, nos nossos saberes, alguns segundos focos afastados do primeiro, que cumprem ciclos perfeitos de maneira excêntrica. Sim, o conhecimento funciona elipticamente, como Kepler afirmou antes do sistema planetário.

Os fracos e os simples, pobres e iletrados, toda a multidão suave tão desprezada pelos doutores que a não consideram objecto dos seus próprios estudos, os excluídos do saber canónico regulam-se muitas vezes pelos pontos negros, sem dúvida porque os não perturbam nem os incomodam ou os sustentam tanto como o sol arrebatava os filósofos. Além disso, os próprios cientistas poderiam reconhecer os momentos solares do poderoso conhecimento se não confundissem as longas horas do sol negro? A verdadeira intuição não se acompanha por uma fraqueza indispensável? E que lhe deve ela?

Para a clareza, o conhecimento excentra-se, como o mundo, mas como ele, no seu impulso, revela a energia do seu movimento. Desconhecemos o que nos incita a abandonar a ignorância, motivações e finalidades, e mais ainda para onde nos conduz o saber. A motricidade encontra-se partilhada entre a fonte obstinada de luz e um segundo ponto obscuro. O não-saber limita o próprio saber e confunde-se com ele. Una, englobando o mundo e os próprios homens, a pesquisa gira, segundo os seus objectivos, em redor de um centro igualmente distante desse dois focos.

Medir a distância constante desses dois pólos, calcular o que a estrela flamejante deve ao ponto cego e este à primeira, procurar as razões de uma tal distância, avaliar a produtividade da zona obscura e mesmo a fecundidade desse duplo e não já simples comando ou regulação atractiva — que perderia uma sem a outra? —, eis o programa da Terceira Instrução, segundo a lei de Kepler.

Que dizer dos novos centros? Chamava-se outrora *centon* a um poema cujos versos ou fragmentos de versos eram claramente extraídos de vários autores. Por extensão, deveríamos designar assim qualquer espécie de obra, literária, histórica, musical ou teórica criada a partir de fragmentos e pedaços retirados de outras. Transcrevam um modelo qualquer e logo que plagiam, mas se se copiar um cento, depressa se é considerado como doutor. Exemplo: o estudo das raízes greco-latinas da palavra centro reduz-se a um centão, palavra pouco utilizada, na verdade, enquanto a miscelânea que a descreve se apresenta com frequência.

A língua latina, pois, conhecia já a palavra e a coisa, fazia já parte dessas trapalhadas, também chamadas sátiras, de onde se observa como a preguiça não tem idade. Mas antes de se designar essa tal mistura de fragmentos escolhidos, para recitar, cantar ou citar, chamava-se *cento* a um pano remendado, a um retalho de tecido de várias cores, que depressa se tornou no manto de Arlequim, comediante situado no centro do palco e deste livro.

A palavra francesa de que lamento o apagamento entre a abundância de objectos que deveria designar, como o seu equivalente latino, remete para o grego *kentrôn*, que traduz exactamente *cento* e o centão, poema feito a

partir de fragmentos extraídos de várias fontes e o manto remendado, representando um deles o papel da imagem do outro. Mas, em primeiro lugar, *kentrôn* designa o agulhão com que o camponês incitava, ainda há pouco tempo, os bois para puxarem a charrua, a arma no ventre da abelha ou nas costas do escorpião, mas também um chicote cravado de pregos, que servia como instrumento de suplício.

Ora, a mesma palavra designa o utensílio da punição e aquele que a sofre ou a merece, a sua vítima. O centro, portanto, acaba por indicar o miserável, condenado a maus tratos ou ao agulhão mortal e colocado assim no seu próprio lugar. *Kentrôn* traduz então o centro do círculo, o ponto agudo, a singularidade, tudo no seu meio exacto. O lugar certo sobre o palco em que Arlequim se despiu. E já nem recordo qual a aldeia da minha infância em que se designava por esse nome a praça principal: a praça dos Centões.

Sozinha, sem esforço, a língua fala através de várias vozes e narra sem contar comigo a desfolhagem do prelúdio. Eis aqui o manto, centão remendado, e depois o relato simplesmente acrescentado e compósito do cair das sucessivas partes do manto ou das páginas que descrevem o acto de se despir, com o Imperador da Lua no centro, tornado motivo de risota do público e logo depois a sua cabeça de turco, por entre graçolas e assobios, mas, finalmente, o Arlequim coloca-se bem no seu próprio centro, com todos os pedaços das suas roupas, ou debaixo de tudo o que traz por baixo: ou seja, ele é um e vários ao mesmo tempo.

Afirma-se como o ponto central em que se coloca, num todo matizado, como ponto de intersecção indivisível, das direcções e dos mundos em redor. O manto desse pavão vaidoso cintila aos olhos daqueles que o olham, por entre olhares azuis e negros, olhadelas verdes e cor de avelã. A palavra centro representa nele ao mesmo tempo o um e o múltiplo, um pelo sentido espacial evidenciado, como intersecção, e o outro, como reunião, através de raízes linguísticas ocultas, mas ambos, finalmente, em planos geométricos.

Segundo a história das ciências, a língua descreve que o centro do círculo ou que o centro em geral, essa idealidade pura, longe de designar, à partida, o lugar calmo em que se debate uma certa igualdade democrática serena, descreve o rasto deixado pelo agulhão, a estimulação sob um estilo distinto, mas também o prego e o chicote do supliciado, o lugar de suplício e o lugar do rei ridicularizado: a geometria aparece em último lugar, trazendo atrás de si esse passado, como a cauda negra de um cometa atrás do centro que brilha. E brota daí um qualquer São Sebastião atravessado de flechas, traspassado, flagelado, escondido ou sob a transparência desse puro conceito de centro, cuja limpidez esconde, melhor do que um ecrã, esses resíduos de alta formação arcaica. A história das ciências dá assim origem a uma antropologia da geometria, que esta puramente esquece.

Aparece o segundo sol negro, afastado do que cintila, mas o nosso desvanecimento especulativo oculta-o perante o centro desse círculo. Existe

alguma sombra na proximidade dessa luz e da própria dor em relação a este conceito tranquilo.

No centro desliza o centão: cheio de peças, composto de pedaços. Dentro dessa singularidade à distância pontual e quase ausente, o mundo inteiro concentra-se e reencontra-se, muitas vezes justapõe-se ou aí chega mesmo a mergulhar.

No centro desliza o sujeito, definido pelas suas próprias peças, receptor de informação e de dor.

Criação, instrução, educação formam esse sujeito central, à imagem do centro do mundo. Brilhante e sombrio, o mundo converge para ele.

Noite. A imagística astronómica, cujos fastos correm de Platão até Kant e mais além, para canonizar as relações do saber e da luz, do mundo e do sujeito, raramente têm em conta que os observadores, sendo noctâmbulos, trabalham quase sempre de noite.

Não apenas o conhecimento se descentra e reclama o apoio dos segundos sóis negros, mas do próprio centro, meio lugar quase nulo, que de súbito se espalha pelo universo, um meio imenso em que o mundo terrestre, solar e planetário se reduz a um cantão. No decurso dessas longas noites sombrias, confundidas, observam-se essas luzes e trevas saídas de milhões de sóis brilhantes e dos chamados buracos negros.

Canonizado pela esmagadora realza do dia, o nosso saber impõe indevidamente o sistema solar local como lei geral. Ora, a tarde não significa mais do que o escasso principado de uma noite que está próxima. Recebemos de longe a luz de outros sóis, por vezes gigantescos, mais alimentados ainda de sombra.

Por isso, segundo a revolução kepleriana, o Sol não abandonou apenas o centro, mas existem por aí miríades. Ausente ou quase como primeira figura, o centro reproduz-se e multiplica-se no meio da própria totalidade do universo. O seu quase-nada espalha-se indefinidamente. A revolução astrofísica já lhe perdeu a conta.

Existem sujeitos por toda a parte, entre a luz e a sombra.

Traduzidas do espaço na distância, a nostalgia ou o narcisismo, que se revestem de um sujeito que está no centro de tudo, engendram a estranha ideia de que existem dois aspectos análogos desse centro no tempo: o começo e o imediato, sendo este último continuamente optimizado como o momento em que melhor sabemos das coisas.

De facto, como é que o espaço e também o tempo se espalhariam através de uma infinidade de centros ou instantes capitais? Quantos começos e fins têm verdadeiramente lugar nesse instante? Sim, o que é imediato começa sempre um novo destino, ou se se quiser encerra uma fase ou

permanece gentilmente indiferente. Escolham, pois, entre essas verdades equivalentes.

Como um terceiro entre dois pólos, brilhante e sombrio, o centro, de nenhuma parte passa por todo o lado, espaço ou tempo, e de coisa nenhuma se torna múltiplo.

Não fornece apenas a luz, mas também a força, pelo seu papel atractivo. Desde Kepler, cada planeta não se sente unicamente atraído pelo Sol, mas também pelo outro ponto negro. Passamos, pois, a conhecer assim uma multiplicidade de atractivos de formas diversas que produzem determinadas ordens caóticas.

A pesquisa ou a enciclopédia dos conhecimentos, outrora considerada fechada em si mesma, segue uma história equivalente, torna-se elíptica ou com dois focos atractivos como já em Auguste Comte, tanto nas ciências exactas como nas ciências sociais, na física e na sociologia, antes de hoje se dispersar e beneficiar também ela de vários centros ou atractivos; altera-se a forma e o conceito da antiga enciclopédia, mas mesmo assim não se pode designá-la por *caospédia*!

Porém, isto não significa que se abandonem as leis, mas que a sua previsão desça até uma certa imprevisibilidade. E isso abrange tanto as ciências como as próprias coisas, porque ninguém sabe nem pode prever a invenção das leis, mesmo se elas permanecem como o cúmulo da razão e do determinismo. Em ambos os casos, no saber e no universo, existe a própria história e daí essa mistura de previsão e de imprevisibilidade; mas, inversamente, conceber a história torna-se de futuro mais fácil, dado que não se detém em parte nenhuma esse reencontro da razão determinada com o caos.

Uma certa desordem favorece, pois, a síntese.

CLARO-ESCURO

O sol perde o seu domínio sobre o conhecimento: não é o seu último fim nem o seu primeiro começo, mas reduz-se a um pequeno cone de poeira levantada de uma fissura na caixa negra do espaço. O sol do meio-dia produz apenas um deslumbramento oblíquo. Não deixamos de lado as nossas fraquezas nem as nossas limitações. A luz não inunda já o volume, não ocupa o espaço, não ocupa todo o seu lugar, como um deus num reino em que não haverá mais nada de novo, mas chega-nos, como um raio desferido entre miríades, através de singulares cores espectrais. Saída de um sol, cada faixa é interrogada, matizada, listrada, zebrada, mas fornece algumas informações diferenciadas. O manto de Arlequim, Imperador da Lua, figura também nessa sabedoria nocturna.

Sob o sol único e total resplandece a unidade do conhecimento. Com a aurora, a sua luz extingue a multiplicidade indecifrável das diferentes

estrelas. De leste nada de novo. Nada de novo desde que esse fogo nos ilumina, desde as idades de luz: a partir do Sol grego, o Deus único e a ciência clássica, desde Platão, a sabedoria de Salomão, Luís *o Grande* e a *Aufklärung*, esse saber diurno sempre perdera tempo. Nenhum desses nomes, nenhuma dessas eras consideradas novas alguma vez mudou o regime, sempre o mesmo, da própria luz, única e intemporal.

Eis aí o que existe de novo. Não já ingenuamente oposto ao dia, como a ignorância em relação ao conhecimento — que bela oportunidade para o ritmo nictemeral quanto a esses simples e acérrimos defensores do erro e da verdade, da ciência e dos sonhos, do obscurantismo e do progresso! —, mas enxameada de cores e de negro, a noite revela a soma dos próprios dias do conhecer. Assim, arlequinada e cromática, a terceira instrução, como as anteriores, deriva dos noctâmbulos e observadores do espaço que confundem o dia com a noite, e esta integra, por sua vez, os dias das galáxias nas noites cheias de buracos negros e essa mistura provoca assim uma terceira luz.

Deixámos de parte o Bem platônico, o século das luzes, a vitória exclusiva da ciência clássica, a história unitária dos nossos pais. Mas nunca as religiões triunfantes, as políticas gloriosas, a ciência que se julgava no seu apogeu apenas quando mal começava, a história sem falsificação, toleraram as imagens de uma tal discrição ou moderação, nem a confusão de onde nasce o tempo.

Eis-nos chegados, pois, à idade dos clarões. O conhecimento ilumina esse lugar. Trêmulo. Colorido. Frágil. Confuso. Instável. Circunstancial. Penumbroso. Embaraçado. No raio de claridade, matizado, cheio de poeira, dançam os átomos. O rei Sol vê os seus loiros cobertos de pó. Longe de iluminar o universal, pestaneja sob o número da pulverização. Eis aí a idade dos brilhos e das próprias ocultações, a idade da cintilação. Mas, em vez da luz, não se deverá antes preferir o cromatismo à unidade, a velocidade à claridade?

Porém, uma vez mais se pergunta de onde vem, pois, essa sombra necessária tão confundida com a luz e a instrução do terceiro?

Da dor, como aquela que escondia o centro?

O TERCEIRO LUGAR

Cada eclipse revela um centro e dois focos: eis aí um terceiro, um conjunto de três. Mas porquê chamar-lhe terceiro? Um terceiro lugar, um terceiro homem, a terceira pessoa?

Como terceiro no meio dos outros, pode revelar-se uma posição delicada e ambígua, se acaso não for — ou por vezes é — muito limitado. Portador, por exemplo, de boas ou de más notícias, interpreta, aproveita, por vezes imensamente, de uma situação que, com frequência, se volta também contra ele, e

pode assim expulsá-lo de forma impiedosa, excluí-lo daí como parasita. Mas, sendo parasita ou mensageiro, muito bem ou mal colocado, o terceiro sofre, ou abusa, no meio dos outros dois. Expulso por muito interferir, interceptar, se interessar. Aquele que se agarra muito ao lugar, acaba por perdê-lo. Entre duas pessoas que se contradizem, é realmente necessário que uma diga a verdade e a outra minta: não existe um terceiro possível e, por isso, diz-se que o Terceiro está excluído, ou melhor ainda, que o meio-termo não existe. Será verdade? Atentando na palavra *meio*, a língua francesa define-a como um ponto ou um fio quase ausente, como um plano ou uma variedade sem espessura nem qualquer dimensão, e de repente entende-se como a totalidade do volume em que vivemos: o nosso meio ambiente*. Nova mudança, do meio lugar, pequena localidade excluída, não limitada, pronta a desvanecer-se, para o meio, enquanto um universo à nossa volta.

Aquele que não tinha lugar, ocupa-o todo.

Como uma corda vibrante que soa, o terceiro não deixa de oscilar — e cintilar — entre as boas e as más notícias, a atenção e o desprezo, a indiferença e o interesse, a informação e a dor, a morte e a vida, o nascimento e a expulsão, o tudo e o nada, o zero e o infinito, o ponto de que nunca se fala, entre os dois focos, solar e negro, e o universo que em redor se espalha. No século V antes de Cristo, alguns sábios gregos anônimos descobriram, em geometria, a demonstração apagógica, ou seja, pelo absurdo. Medindo a diagonal de um quadrado de um dos lados, concluíram que o seu comprimento não podia exprimir-se nem por um número par nem por um ímpar. E dessa contradição, portanto, o terceiro devia excluir-se. Mas desde logo não existia a dita diagonal, mas ei-la agora, entre aspas, decorando muito justamente o meio do quadrado, que ela separa em dois sem meio impondo-se à própria intuição. Assim ela existe, mas é inefável. Diziam-na indizível, irracional, outra coisa. Ora, uma indemonstrável multiplicidade desses outros de súbito apareceu nos números e nos gráficos: a álgebra exacta, a verdadeira, a grande matemática acabava de nascer.

Resultou assim do terceiro excluído e desta impossível situação: nem ele nem o seu contrário; ou seja, desta fonte indesejável, do absurdo que empurra a diagonal do quadrado, nem par nem ímpar, para a ausência de meio entre as duas impossibilidades de a dizer. Desde então, a descoberta da álgebra exacta, fundindo como um géiser essa falha ausente, impõe a todos os outros números conhecidos, pelo menos nesse tempo, que se reduzam a certos casos limites dessa nova forma, meio absurdo a princípio, portanto nulo, e em seguida invasor, meio quase total. Mas não se reconhecerá desde logo em todo o lado que esse terceiro seja aceite sem

* Jogo de palavras intraduzível com a palavra «milieu» subdividindo-a «mi-lieu» (meio lugar) e apontando as suas conotações (meio, meio ambiente, etc). (N. E.)

nenhuma exclusão. Não representava nada e torna-se tudo — ou quase. Mas absurdo quer dizer surdo: não será esse o caos que no Génesis se diz ter precedido a criação depois de um tal silêncio?¹¹

“Aquele que se agarra muito ao lugar, acaba por perdê-lo, quem não ocupava nenhum, ocupa-o todo; o nada pode tornar-se tudo e este pode mergulhar no nada. Lei de transformação com bifurcações imprevisíveis.”¹²

O *parasita* segue essa lei, como um animal pequeno que, multiplicando-se para mudar de escala, produz epidemias que levam à morte enormes conjuntos de animais maiores, mas que, por isso mesmo, se expõe a desaparecer; reproduz-la o próprio *Hermes*, na sua conduta normal de intermediário, de quem se espera que transmita as suas mensagens como um vidro transparente, portanto nulo, mas que transforme toda a paisagem cultural em cada informação, contribuindo para que o meio lugar se torne meio ambiente: besta e deus odiosos e indispensáveis, ao mesmo tempo anjos bons e maus, mediadores, operadores da mudança. Assim expressa, essa mesma lei, como lição dos livros antigos, orienta as transformações reais e cria-as. Mas poderá ela produzir o próprio tempo, não o dos relógios, mas o nosso, o das nossas almas, dos nossos conhecimentos, o das coisas e da história?

“Da história, por exemplo? Aqueles que não pertenciam nem à nobreza nem ao clero, eram agrupados sob o Antigo Regime numa terceira classe: o terceiro Estado. Não representava nada, não estava abrangido, era mesmo muitas vezes excluído, mas quis tornar-se nalguma coisa, com o sucesso que se sabe.”¹³

Hoje, do mesmo modo, arrastado pelo seu crescimento demográfico gigantesco e com o risco económico de morrer, exige-se que o Terceiro Mundo se desenvolva. Em que se poderá tornar?

“Ora, no saber e na instrução, existe também um terceiro lugar, posição hoje nula entre as outras duas: de um lado, a ciência exacta, formal, objectiva, poderosa, e do outro lado o que se chama a cultura, moribunda. E daí a criação de um terceiro homem, o terceiro instruído, que não era nada e hoje assim se revela, se torna qualquer coisa e cresce. Nasce neste livro em que, como pai, lhe desejo, uma longa vida.”¹⁴

Eis um apólogo que abrange os dois lugares: sonha alcançar um dia o Prémio Nobel, em medicina, economia ou ciências físicas? Então, deve trabalhar numa boa universidade de língua inglesa. Mas, para a literatura, com vista à mesma recompensa, mais vale escrever e viver no Terceiro Mundo. Esta tripla distância, geográfica, de fortuna e de especialidade, demonstra o sentido do desprezo em que hoje mergulhou a estima manifestada outrora pelas letras: culturas da miséria, miséria da cultura.

Poderemos retardar o inevitável confronto do Norte, feliz, sábio, afortunado, e do Sul, miserável pela invenção dessa cultura terceiro-instruída? Caminha-se ao mesmo tempo, na esfera intelectual, da sabedoria para a

justiça, e em matéria económica a partir da Terra para assim se proteger também a paz, nosso bem supremo.

A epistemologia e a pedagogia reencontram, como a qualquer hora no centro, a exclusão, a dor, a violência e a pobreza, porque o problema do mal atravessa todo o saber. Eis aí a sua sombra.

Como Kepler nos ensinou, acreditamos que no centro comum do mundo brilha o sol universal do saber e da razão, mas que a sombra se dispersa nos segundos focos dos vários planetas; acontece-me hoje pensar, pelo contrário, que o problema do mal involui para o centro comum de todas as culturas e que mil sóis de saberes diversos cintilam no meio comum dessa dolorosa sombra universal.

Eu sofro: diz-se isso por toda a parte, desde sempre, mas nós pensamos que este *cogito*, especialista, apenas diz respeito a raras comunidades.

Portanto, temos de nos instruir como um terceiro lugar entre esses dois focos.

O TERCEIRO HOMEM

A terceira pessoa assedia as nossas palavras e as nossas línguas. Dialogamos e tagarelamos porque o deus Hermes circula de novo entre nós, portanto, comunicamos: *eu* entendo-me *contigo*, os *outros* dirigem-se a *nós*, o tecto linguístico da nossa dependência abriga a primeira e a segunda pessoas, entendidas no singular ou no plural. Muito definida e fechada, embora permaneçamos surdos a tudo o que aí se passa, essa esfera inclui-se a si mesma e ao outro, excluindo os terceiros, ausentes, nulos ou ridículos.

¹ Durante o diálogo, *ele* ou *ela*, *este*, *elas* ou *eles* designam precisamente, como terceiro, a exclusão ou o exterior do conjunto fechado da nossa posição, a não-dependência à nossa comunicação, portanto, um terceiro lugar mais definido, este, aquela, esse, aquelas ou aqueles, sem o que, sem o quê ou de quem e do que falamos, com o terceiro excluído e incluído.

Essas terceiras pessoas gramaticais, geralmente derivadas de pronomes ou adjectivos *demonstrativos*, são mais exactamente, *demonstrativamente*, esses terceiros de que conhecemos já os precedentes avatares lógicos, geométricos e sociais. Passamos os braços pelas janelas da dependência para os mostrar ou para apontar com o dedo para o exterior. ^{1/}

² Ora, para esses terceiros, de novo, a mesma lei de bronze descreve uma mesma transformação: o nada pode tornar-se em tudo, que por sua vez pode mergulhar no nada. A terceira pessoa, excluída, mal colocada no encadeamento do meio lugar, raramente tem o nome de uma pessoa, dado que empresta o seu a um demonstrativo, mas pode tornar-se o meio todo e, em particular, do nós, que nos entregamos à linguagem, meio objectivo e intersubjectivo em que mergulham desde sempre as próprias línguas.

Além disso, e ainda mais, essa relação do nada com o tudo liberta o segredo da criação, do futuro e do tempo.¹

Do terceiro excluído ou da terceira pessoa as figuras já não percorrem assim o espaço lacunar dos exemplos anteriores, de que se podia considerar que se tornavam ao acaso em rubricas diversas, mas, pelo contrário, acabam por preencher e saturar esse universo ontológico. Do mesmo modo, neste livro, o retrato do terceiro instruído, eu mesmo como primeira pessoa, tu ou qualquer outro como segundo, abunda de súbito e origina um, dois, dez modelos, tantos os que o terceiro quiser.

O ensino é assim essa sementeira.

Portanto, eis aí a terceira pessoa que se torna a totalidade do colectivo social que envolve aqueles que falam; nesse caso, nomeia-se *este* ou *cada um* ou *todos* ou *os outros*. Ou prenha ou expulsa. Em segundo lugar, torna-se o conjunto dos objectos ou da objectividade em geral: à nossa volta, sem nós, o *isso*, o *isto* ou *aquilo* que apontamos a dedo. Em terceiro lugar, o mundo como tal ou físico, impessoal, exactamente denominado: *ele* chora, *ele* grita, *ele* faz cair granizo, *ele* faz nevar; as intempéries designam, de novo e em profundidade, o operador temporal. Em quarto lugar, o próprio Ser: a expressão francesa de estar, de *exister*, traduz palavra por palavra e utiliza justamente a terceira pessoa e o seu locativo, o *dasein* alemão. Finalmente, a moral: *ele* precisa, um terceiro imperativo tão impessoal como o objectivo *ele* chora.

A terceira pessoa indexa, pois, o ciclo ou a síntese do saber e dos objectos. Quem poderia um dia ter sonhado com essa soma? Ter na mão os fios de uma tal totalidade?

O Terceiro e a sua lei vibrante de exclusão e de inclusão fundamentam, pois, as ciências, exactas e humanas, as primeiras que assentam apenas na demonstração rigorosa, fundada sobre o princípio do terceiro excluído (vemos aí, sem dúvida e pela primeira vez, como facilmente se passa do demonstrativo linguístico, pronome e adjectivo, simples gesto feito com o indicador apontado para o exterior, que o ameaça ou admira — o *iste* latino de desprezo torna-se a *ille* de glória —, para a demonstração que conclui com rigor, pelo funcionamento bem regulado da exclusão), e as segundas sobre o devir global da exclusão local, que define ou designa, antes de mais, um determinado indivíduo e de repente logo a totalidade da inclusão social; em ambos os casos, trata-se do mesmo fundamento, que aliás se suportam bem um ao outro. Da exclusão social e humana passa-se ao terceiro excluído que, por sua vez, torna rigorosa — mesmo no duplo sentido — a conduta colectiva e o conjunto das suas consequências. Finalmente, eis como se descobre uma passagem do Noroeste em que se nasce nos dois sentidos, onde os começos de um e de outro se substituem e se criam um ao outro.

Fundamentam-se metafisicamente, ligando sempre à demonstração a física, dando à Natureza a sua objectividade geral, como se fizesse funcionar os

fenómenos naturais fora da intenção das pessoas limitadas pelo discurso e na sua própria dependência. Fundamentam a ontologia do próprio ser, mas também o tempo e a história, fornecendo o operador das transformações. Finalmente, fundamentam a moral, descobrindo uma lei de conduta não referenciada através de qualquer vontade particular, exterior à esfera da comunicação.

A terceira pessoa estabelece, pois, uma fundação de todo o real exterior, da objectividade no seu conjunto, único e universal, fora de qualquer sujeito como primeira ou segunda pessoa. Fora de todo o *logos*, eis aí a razão do realismo, filosofia indemonstrável sem essa terceira pessoa, e agora, graças a ela, mais do que demonstrável, dado que se afirma como a origem de toda a demonstração.

Portanto, é o objectivo e o fim da filosofia da comunicação que a mensagem de Hermes proclama, como terceiro entre a primeira e a segunda pessoa, circulando entre as suas relações: nem ela nem o seu deus podem ultrapassar o que não está nela ou nele.

INSTRUIR OU CRIAR

E daí o conhecimento, a experiência e a instrução. Outrora chamava-se pedagogo ao escravo que conduzia para a escola o filho dos nobres. Hermes acompanhava-o também por vezes, como guia. A criança abandona a casa de família; saída: segundo nascimento. Toda a aprendizagem exige essa viagem com o outro e com a alteridade, mas durante essa passagem muitas coisas se alteram.

Amem a língua que faz o escravo ser dono de si mesmo e, portanto, a viagem para a própria escola, como instrução dessa emigração. O escravo conhece o que está fora, a exclusão, o que é de emigrar; mais forte e adulto, puxa um pouco pela criança mais preguiçosa para uma igualdade temporária que torne possível a sua comunicação. Errando pela floresta, também a Branca de Neve encontrou alguns velhos anões: avós por serem já velhos, mas ainda crianças pelo seu corpo, numa quase-igualdade que lhe permite permanecer protegida e ser protectora; sempre criança e já madura; mãe e ainda há pouco filha; portanto, vai renascer dela, deles, da floresta, em si mesma e de outro modo, como filha e mãe de si própria. Não existe qualquer ensinamento sem esse autocrescimento. Assim, de cima, a criança rica fala com o pobre escravo adulto que lhe responde do cimo pela sua estatura mais elevada; de repente, talvez desejem dar as mãos, ao vento e à chuva, obrigados a recolher-se por momentos sob a ramagem de uma faia em que se abriga uma terceira pessoa: está a nevar, faz frio. Sendo outro e vivendo dolorosamente a alteridade, o escravo conhece o exterior, viveu sempre do lado de fora.

Então, o mundo entra no corpo e na alma do rapaz inexperiente: o tempo impessoal e também a estranheza do excluído, *iste*, o escravo desprezado, e depressa mestre, *ille*, ainda distante, no termo da viagem. Mas antes de chegar, já não é o mesmo, re-nasce. A primeira pessoa torna-se uma terceira antes de franquear a porta da escola.

A aprendizagem consiste numa tal mestiçagem. Estranho e original, já misturado nos genes de seu pai e de sua mãe, a criança apenas evolui através desses novos cruzamentos; toda a pedagogia retoma o gerar e o nascimento de uma criança: nascido canhoto, aprende a servir-se da mão direita, mas permanece canhoto, renasce destro, na confluência dos dois sentidos; nascido gascão, continua assim e torna-se francês, realmente mestiço; como francês, viaja e torna-se espanhol, italiano, inglês ou alemão; casa-se e aprende a sua cultura e a sua língua, *ei-lo*, enfim, quarterão, octavão, alma e corpo misturados. O seu espírito assemelha-se ao manto despido do Arlequim.

Passa-se exactamente a mesma coisa para criar o corpo ou para o instruir. O mestiço aqui chama-se terceiro instruído. Científico por natureza, seduzido pelo meio escolar, entra assim na cultura. A razão comum remete para alguns focos negros, diferentes, com os seus particularismos culturais. Mas, por uma estranha simetria, o problema do mal — injustiças, sofrimentos, violência e morte —, culturalmente universal, ocupa toda a zona do foco de sombra, de onde se aprende a encarar as razões claras como certas soluções racionais variáveis e isoladas. Portanto, o espírito altera a sua variedade.

Finalmente, tudo isso se aplica também à conduta e ao saber, através da educação. Sendo já outro, o acompanhante avança ao encontro de uma segunda pessoa — experiência difícil e exigente, sob o vento e os clarões — em que o próprio a si se gera, sem abandonar a sua própria pessoa nem a sua unidade, isto é, uma terceira pessoa.

Por isso, ama o outro que engendra em ti o espírito.

A TERCEIRA PESSOA

Presente por toda a parte do universo, mas ausente a ponto de ninguém aí o poder encontrar por muito se esconder, como tudo e portanto nada, nada mas tudo, Deus compreende aliás a lei da incarnação que pretende que tudo, no mundo e no tempo da própria história, se torne nada, como o humilde filho de carpinteiro nascido num miserável estábulo, condenado à morte e crucificado como um escravo, reencontrando, expondo, assumindo o problema do mal, que finalmente se torna tudo, sentado, ressuscitado, à direita de seu Pai, sabendo ser a segunda pessoa; a terceira pessoa, o Espírito, descende das outras duas.

Representa-se o Pai, onisciente, sentado no trono do poder e da glória, estável. Como balanço, terá trabalhado oito dias e desde então vive no seu eterno repouso. O Filho desce sobre a terra e, ainda mais a baixo, nos Infernos, para enfim ressuscitar e depois, na sua Ascensão, subir aos céus, onde julgará, no juízo final, os vivos e os mortos. Do Deus que incarnam, os dois movimentos dão, como balanço, um equilíbrio: não unicamente estático, mas compensado pela redenção ou o resgate. Uma segunda estabilidade: a invariância por variações, compreendendo de passagem uma solução trágica para o problema do mal. Reside aí a sombra e a luz, o sofrimento e a onisciência.

Como terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo assume a forma de um pássaro, de uma pomba, por vezes a aparência de uma língua de fogo ou de um sopro impetuoso: *ele* faz vento, *ele* grita, *ele* desfere raios. Brisa, ruído ou chama, o Espírito propaga-se por onde e quando quer, tomba sobre nós, aqui, acolá, ainda há pouco ou amanhã, de repente, como as intempéries, o corisco que atravessa o céu ou a chuva, e os seres voláteis apenas se suportam pelas turbulências que se formam sob as suas asas. Nem pelo voo nem pelos ventos tumultuosos se encontram quaisquer traços de equilíbrio, de estabilidade ou de compensação. A sementeira do espírito depende do calor e do ar, portanto, do tempo que faz, mesmo aleatório, e não do tempo esperado, regular; penetra no mundo em turbilhões. Nada e tudo; tudo e nada. Um minúsculo pedaço de língua no interior de uma sala fechada, todas as linguagens do mundo conhecido na praça pública, eis aí de novo a lei vibrante, a de Pentecostes.

Mas nem o vento, o fogo ou os pássaros em voo conhecem descanso. A terceira pessoa descende das outras duas, deriva daí apenas em procissão, descrevendo esta última palavra um passo em frente, como um pé lavado, que se expõe. O Espírito expõe-se fora do Pai e do Filho, sem abandonar a sua unidade. Nenhum texto diz quando essa procissão se detém, que passos se devem dar: e daí as figuras da asa e do voo que, nos fluidos voláteis, jamais encontram apoios definitivos. Como, em definitivo, o esteio cede sempre, é preciso recomeçar de novo e apoiar-se sobre quem acabará sempre por ceder. Portanto, o Espírito procede, nitidamente falando, abandona as estabilidades da história circular para se aventurar nas movências instáveis dos próprios desvios de equilíbrio. E isso quer dizer que não deixa de se expor, que evolui e viaja. E daí a sua excentração, fora das estabilidades das duas primeiras pessoas; daí o saber e o tempo. Ou mesmo a aprendizagem.

Esse tempo real do vento e do fogo, dos elementos e do clima, o do próprio espírito, equivale ao da criação, da instrução, da inteligência inesperada e do conselho constante, das transformações sem retorno, das línguas e das ciências, das viagens, das invenções e das descobertas, da paz improvável para lá das vinganças, da prescrição, das inevitáveis confusões, das alianças... No meio das duas pessoas estáveis na sua infinita posição,

entre a onisciência e a exposição ao mal — um foco brilhante, um outro em brasa — inunda o tempo caótico do espírito, a terceira pessoa.

Inversamente, o terceiro homem que, no período da aprendizagem, nasce em mim é espírito.

O tempo da história engloba um tempo circular, físico e legal, o do emprego dos dias do calendário através dos trabalhos realizados, com o tempo errático e imprevisível do espírito, como proporção ou razão irregular na sua solução. A história descende também ela do espírito.

O mundo deriva sobretudo dessas duas pessoas, ou seja, a criação objectiva e a redenção ou recriação pelo resgate, mas como o espírito também resulta daí, acontece que o mundo real é a terceira pessoa, como se viu, ou o próprio espírito ou o espírito é o próprio mundo ou tudo o que é objectivo, para que este último possa ser conhecido, enfim, para que juntos sejam o tempo, como coisas belas que não apenas eu gostaria de demonstrar, mas que nascem ao mesmo tempo como a sua demonstração.

“ Sendo terceira pessoa, o conhecido constrói-se como se instrui o conhecedor.

A TERCEIRA MULHER

Os sábios utilizaram a palavra «fenomenologia» em mecânica celeste, em primeiro lugar, para descrever os movimentos dos planetas, as suas aparências e a sua razão, depois na física geral, antes que a filosofia dela se servisse para os avatares do espírito ou reconhecimento de certas estabilidades mergulhadas no meio de volúveis perfis. Traduzindo vernaculamente esse vocábulo grego e sábio, poderemos talvez dizer: «a aparição fala», frase por vezes balbuciada, sem se saber, pelos excentrados do conhecimento. Solar é a primeira expressão, obstinada a segunda, com um mesmo sentido. É esse o segundo foco.

Numa gruta sombria de Lourdes, a uma pastora analfabeta, a Virgem Santa apareceu para afirmar a sua concepção imaculada, como se se tratasse da sua própria procissão. Toda a cena é piedosa e ingénuo: Ana, a mãe ausente, evocada; Maria, filha e mãe, aparecida, quase presente, falante, e a jovem Bernadette, silenciosa, visível, carnal, aí presente, camponesa ignorante, constituíram assim uma nova trindade feminina, pelo menos inesperada numa cultura em que deuses ou Deus, brilhantes como sóis, se criariam ou procederiam ainda no masculino; as mulheres, finalmente, descendem de si mesmas.

Certos buracos sombrios na terra e os simples de espírito demarcam uma distância no saber, na matéria do mundo e na alma dos homens. Sim, o mito — como dizer? — vive sempre e num constante afastamento em relação à ciência e mesmo às instituições da teologia maior de que se riam os racionalistas. Mas os próprios sofistas gregos não desprezaram bastante

o texto da *República* por causa da página em que se evoca o mito de Gíges, outro pastor em êxtase numa caverna semelhante? Platão arrogava-se o direito de falar do Sol, para lá da geometria e da dialéctica, mas o seu texto fala também do camponês lidiano dentro de uma gruta sombria. A sua pedagogia produz dois focos ou consente uma excentração que nós recusamos, mas a verdade é que ele pensou isso antes e nós escrevemos já depois da revolução kepleriana.

Toleramos a antropologia, mas com a condição de a deixar aos outros, aos pobres do Terceiro e do Quarto Mundo, àqueles que permanecem como objecto dos nossos saberes.

Sim, em Lourdes e na Jugoslávia hoje, pastores ou crianças ignorantes falam de aparições nas suas cavernas, mas dessa fenomenologia não nos atrevemos a falar. Ora, a palavra erudita e a frase popular exprimem uma única e mesma coisa, uma resulta do foco solar e a outra do buraco negro, mas, recolhidas, parecem ter as mesmas aparências.

Trata-se de duas locuções, depressa consideradas como a mais sedutora e a mais clara.

A procissão masculina do Espírito afeiçoa a criação, tal como a concepção feminina, virginal ou imaculada; trata-se assim de bons modelos antropológicos de instrução e da produção pelo outro em mim de um terceiro, seja verbo ou espírito.

Em mim o espírito concebe-se virginalmente ou dele procede.

O TERCEIRO INSTRUÍDO: ANTEPASSADOS

Terceiro no espírito ou na língua, a propagação do saber científico na narrativa ou na meditação resulta de uma grande tradição. De Rabelais a Valéry, passando por Molière, Voltaire, dez escritores dominaram quase por completo a ciência do seu tempo. Ilumina e consolida a sua obra que, por sua vez, também a ilumina e fortifica. As sombras e as forças resultam em conjunto das duas fontes que criam a obra. A linha divisória que distingue os cultos ignorantes e os instruídos incultos, tal como a noite sucede ou se justapõe ao dia, apareceu desde há muito pouco tempo.

O caso mais fácil de uma distribuição tão comparável ao céu diz respeito a um idêntico corpo; o mesmo autor, a mesma invenção em domínios que apenas foram separados pela nossa estreiteza. Pascal não deixou apenas uma obra e, como ambidestro ou como corpo adaptado, escreveu com as duas mãos *Triangle arithmétique* e *Mémorial*, *Coniques* e *Provinciales*, *Roulette* e *Pensées*, que prosseguem todas em conjunto a mesma busca comum, justamente a do centro, inacessível nesse mundo infinito, mas que o espaço sobrenatural faz aparecer. Por isso, Leibniz, Diderot, Goethe ou Robert Musil, que apenas com as nossas limitações apresentamos como

monstruosas excepções, deixaram atrás de si milhares de textos terceiro-instruídos: o primeiro estabelece um mecanismo metafísico, enquanto o segundo narra o determinismo a cavalo, o terceiro fala-nos do amor e das suas afinidades, mas utilizando sempre a mecânica ou a geometria das elipses e a química nascente, enquanto o último prevê as probabilidades de uma meteorologia da história. Trata-se, pois, de obras como corpos adaptados.

Como não nos espantar que essa paixão da pedagogia tenha compreendido os corpos dotados assim dessa completude? Gostam de criar aqueles que amaram a sua própria criação. Modelos de modelos, Platão, Aristóteles, Montaigne ou Rabelais espalham a sua cultura com todo o saber da época, para modelar, no meio dessa desordem, o homem que há-de chegar. Sem dúvida, a dupla educativa Menon-Sócrates, o jovem Telémaco, o velho Nestor, ignorante e sabedor, constituem esse duplo corpo da instrução, mas poderá saber-se porventura o que o segundo deve ao primeiro?

Conhecedor dos saberes tradicionais consolidados pelo tempo, o velho padre egípcio do *Timeu* trata os gregos como crianças, nas quais vislumbra a perpétua juventude das ciências, como forma metódica de separar o joio do seu trigo. A pedagogia conhece o núcleo cerrado desses dois tempos. No sentido próprio do seu caminhar, os velhos dirigem-se aos jovens para lhes transmitir as suas arcaicas humanidades, porque é preciso avançar na idade para se compreender a sua sabedoria. Mas, no sentido contrário, exactamente das crianças para as pessoas maduras, dá-se a passagem das ciências exactas. Homero representava o patriarca desde o alvorecer aos tempos áureos do terceiro milénio, enquanto Teeteto, Pascal, Abel ou Evariste Galois, crianças inventoras de teoremas, morreram ainda na flor da idade. Os avós de olhos marejados passam obstinadamente pelos conteúdos da cultura, quase sempre obscuros, enquanto rejubilam com o aval das nítidas mensagens vindas dos jovens de olhos brilhantes. Por isso, ensino interrogativamente às minhas netas uma certa bonomia, cuja grandeza ainda me domina, mas, em contrapartida, elas ensinam-me os mais recentes desenvolvimentos e conquistas das ciências e das técnicas. Um saber amadurecido comporta-se como um bom vinho, enquanto o segundo, primaveril, sem cessar reverdece. Prémio Nobel das ciências juvenis ao lado de patriarcas condecorados pela literatura.

Daí que seja necessário ensinar ao mesmo tempo o que se compreende e o que se não compreende: no primeiro caso, desaparece a distanciação, mas o segundo produ-la. O obscuro projecta um tempo que o claro abrevia, mas o claro-escuro define o próprio tempo. Crianças, aprendam, pois, com o coração junto de Homero e La Fontaine, mesmo inacessíveis para a vossa idade, porque eles morrerão assim lentamente dentro de vós, e de outro modo com as matemáticas.

Estes dois vectores contrários do tempo e da inteligência afastariam para sempre de qualquer ensino os dois corpos dessa dupla, ignorantes um em

relação ao outro, excepto no pensar ou desenhar o turbilhão real do tempo ou as turbulências do espírito. O que na vida sobe, desce na entropia. No seio dessa turbulência, ou seja, da idade adulta, em que o tempo se movimenta, sobe, cai e parece deter-se — dir-se-ia ser uma galáxia —, o Terceiro Instruído projecta o tempo ingénuo da ciência, antes e depois das experiências da cultura, mas anula sem cessar, para trás, o tempo dos curto-circuitos da distinção científica e constitui, para a frente, o demorado tempo da humanidade pela lenta digestão dos conteúdos tradicionais. O adulto: um jovem-velho compensado pela vantagem dessas duas idades.

Poderemos, enfim, definir a idade da razão?

Num outro caso intermédio, sem dúvida o mais frequente, o autor produz com uma mão e apenas se informa com a outra: Zola fala da família dos Rougon-Macquart e, fazendo isso, descreve a genética do seu tempo; mas, contrariamente ao que se esperaria, inventa verdadeiramente as condições físicas em que se colocam os problemas da reprodução. A flama erguida pelo trovador prolonga os fossos das clareiras. Como romancista, canta a gesta de uma tribo e as atribulações dos seus membros, mas seguindo à risca os elementos do genoma, adopta o gesto preciso dos sábios que os hão-de descrever.

Se as especialidades se partilham, o inventivo permanece como indiviso. Na fornalha de Souléiade, o doutor Pascal, geneticista, avança para a termodinâmica, sem que Zola abandone o romance por um só momento. A literatura impõe a ciência porque considera que o romance se antecipa completamente à ciência. Eis aí o processo de criação, entendido no plano do vivido.

Este caso normal remete então para o primeiro de maneira fulgurante e assim os saberes nunca se dividem como continentes cristalinos, sólidos fortemente definidos, mas como oceanos, viscosos e sempre muito batidos: atravessam-nos dez correntes quentes ou frias que aí produzem gigantes-cos *maelströms*. Nada de história das ciências nem de história em geral, nada de instrução possível, não há qualquer transformação sem esses fluidos turbilhões.

Com a caneta, a princípio, na sua melhor mão, Zola a pouco e pouco aprende a falar do outro. Atravessou o rio e, sem o saber, cria em si um sábio desconhecido.

A situação mais difícil, no começo do caminho, talvez a mais interessante e dificilmente observável, rara, espantosa, conduz o escritor à antecipação. Não falo dos recentes romances catalogados nessa designação e muitas vezes medíocres, mas de súbitas intuições presentes e escondidas, mesmo perdidas em páginas cuja mensagem parece falar de outro modo, como lagos de premonição, bolsas de ciência infusa nos estranhos momentos de literatura.

Por vezes, relata-se, num conto ou apenas num poema, sem isso se saber, diversos saberes. Gostaria de dar a cada um desses textos o título verdadeiro de obra-prima desconhecida: sobretudo desconhecida, porque algumas ciências para aí convergem juntas numa transparência através da qual o olhar avança sem ver nada; tal como as cores do arco-íris se fundem na limpidez dita branca da luz diurna, também os conhecimentos se fundem numa palavra que se tem como banal. Diderot parece ter compreendido que bastava nomear como sonhos essas tarefas quando elas se constroem intencionalmente e fazem despertar um sábio filósofo, adulto, sob os olhos e a atenção de um médico filósofo e sábio, igualmente homem feito.

Mas o poeta não alimenta nenhum projecto desse género, quando à sua volta se adormece, irritado ou embalado pelo zumbido de uma vespa em redor da sua cabeça. Por isso, *Le Rêve de d'Alembert*, sem dúvida um falso sonho, apressado, traçado em esboço, projecta a extrapolação a partir das exactas e reconhecidas curvas da verdadeira ciência do tempo, como faz brilhar as diversas cores que o prisma do texto desenvolve, enquanto Verlaine, no soneto intitulado *Sagesse*, «A esperança brilha como um fio de palha no estábulo», desconhece tudo acerca de um saber futuro, quase adormecido, de cotovelo sobre a mesa, no calor sufocante dessa hora, durante a sesta meridiana, com os pés mergulhados em água fresca, mas vê ao mesmo tempo tudo isso como um raio de luz saído de um buraco, libertando alguma poeira. Então, quando chega a tarde e a luz do sol platónico apenas penetra com parcimónia no quarto, ele descreve, como de noite, o ruído de fundo da cenestesia, invadindo o ouvido durante o sono, e o ruído de fundo do mundo semelhante ao do corpo, voo de vespas, poeiras que dançam, fios de palha no estábulo. O que não é ainda um sonho e se apresta para o ser, permite observar, em claro-escuro, um caos indeterminado cuja presença constantemente nos acompanha, organismo quente e universo ruidoso, com multiplicidades zumbidoras em que a ciência como a vida, a língua como a poesia, esgotam os seus começos. Ou seja, a vaga mas rigorosa intuição de um saber e de uma epistemologia futuras.

Eis aí os antepassados ou os pedagogos, desde há muito tempo já estabelecidos, do terceiro-instruído.

Eis aí descrita uma segunda criação, que parte de um segunda excentricidade, com outros conteúdos de saber, não resultante já das ciências exactas, mas de outras histórias e línguas.

O TERCEIRO INSTRUÍDO, DE NOVO: A ORIGEM

«Se não me amas, eu amo-te.» Quem não sabe cantar o refrão de Georges Bizet? Toda a gente viu a *Carmen*, a ópera mais representada da história. Em contrapartida, quem leu o romance de Prosper Mérimée? Aliás, saber-se-á realmente como começa?

Por um monumento de erudição. A linguística cruza-se aí com a geografia, a história e a arqueologia, e coloca algumas questões precisas e subltis: quem escreveu, paralela à *Guerra das Gálias*, a *Guerra de Espanha*? Embora seja o seu principal actor, diz-se, Júlio César não é autor. Então? Foi algum romano, um espanhol? E onde ocorreu, por exemplo, a batalha decisiva de Monda, em que se decidiu o fim das guerras civis contra os dois filhos do grande Pompeu? Em Munda ou Montilla? Embora pretensiosa, a filologia luta com a toponímia da Andaluzia montanhosa, entre Córdova e Granada. Para compreender isso, é preciso ter procedido a certos estudos, saber ler os mapas antigos e os *Comentários* latinos.

Mérimée anuncia aí mesmo um artigo erudito sobre as «Inscrições romanas de Baena», que aparecerá, com efeito, em *la Revue archéologique*, distribuída em Junho de 1844. Nada de mais distante dos amores ciganos e das raparigas que roubam. Sim, *Carmen* começa na ciência. As notas em pé de página, que tanto desfiguram os livros e os números ou asteriscos com que os críticos inundam os seus textos, remontam com arrogância das páginas finais para onde por vezes as relegam, até ao *incipit* do romance. Uma estúpida confusão que merece bem pouco a nossa benevolência.

Eis, pois, o bom Mérimée debruçado no trabalho entre os seus livros, comparando textos e mapas, na biblioteca do duque de Osuna ou na dos dominicanos de Córdova. E que resta ou vai sair daí? Encontro de mulheres fatais, que dançam por cima das prateleiras ou no meio dos incunábulos?

Existe já uma moral da história? Claro, será necessário frequentar as bibliotecas e convém seguramente tornar-se delas conhecedor. Estudem, trabalhem, porque sempre brotará daí alguma coisa. E depois? Para que exista um depois, quero dizer algum futuro que ultrapasse a cópia, devem abandonar a biblioteca para tomarem ar; se permanecerem lá dentro, apenas conseguirão fazer livros a partir de outros livros. Esse saber, excelente, contribui para a instrução, mas esta tem como objectivo outra coisa para lá dela mesma. Procurem lá por uma outra oportunidade. Qual? Regressem então ao começo da *Carmen*.

Mérimée está dentro: arqueólogo, cartógrafo, lê, copia, toma notas, publicará depois um artigo de erudição. Dois focos: dentro e fora. Ei-lo agora de fora: eu parti, diz ele, em excursão para esclarecer as minhas dúvidas sobre a situação do combate travado por Júlio César, levando na bagagem apenas algumas camisas e os *Comentários*, mas continuando mesmo assim com os restos da biblioteca.

Parece percorrer o país andaluz em redor das margens do Guadajoz. Mas, por mim, duvido muito que essa excursão não se reduza a um *excursus*, ainda mais erudito do que as notas, em face das descrições do planalto de Carchera e dos pântanos mais próximos que recopiam, com os seus erros e apartes, dicionários, catálogos, elzevires. Apanho-o com a boca na botija: mentiroso! Por mim, sei pela geografia em que me situo que ele transporta o que está fora para dentro do dentro, numa atitude de pedantismo: Merimée

pretende narrar um passeio enquanto eu posso mostrar que ele transcreve um manuscrito! Quando chegaremos aos ciganos e às danças?

Quando passaremos assim do artigo para o romance, que não deixa dormir as raparigas e os garbosos oficiais?

Dia. No entanto, tudo começa realmente assim. Poderia dizer-se antes que o erudito caminha e sofre. Não, nunca recopia. Queimado pelo sol, cheio de cansaço, morre de sede — isso acontecerá apenas a meio do livro — e entretanto vai beber, deitado de barriga para baixo, como os maus soldados de Gedeão. Para merecer escrever um verdadeiro livro — aqui, a Bíblia —, é preciso abandonar o Egipto e enfrentar a dureza do deserto, sem outra protecção além do céu e outra parede além do horizonte.

Mas antes de poder acalmar-se, Mérimée procura e encontra um pequeno charco cheio de sanguessugas e de rãs. Esta observação não nos pode iludir. Sim, tudo se joga aí. Diante de um pântano, em que as sanguessugas-vampiros se alimentam dos livros dos outros, podemos inferir que, seguindo para jusante, existe um ribeiro, que alimentando o pântano a montante, conduzirá sem dúvida à origem, mais pura e sem parasitas.

Por outras palavras, o arqueólogo, o historiador, o latinista erudito, o cartógrafo, o filólogo, procuram quase sempre as fontes. A horrível massa de livros revela e esconde o rio e as suas origens: gosto de dizer que as fontes seduzem os sábios porque estão libertas dos sábios! Se eu quisesse passar por erudito, chamaria a tudo isso *Quellenforschung*.

Eis, pois, o viajante que segue na direcção de montante. Espanto maravilhado pela sua descoberta: junto de um declive, numa zona tranquila, sombreada e de uma beleza soberana, eis a fonte que brota e inunda a bacia de areia branca. Junto dela, sobre a erva fina e lustrosa, um homem dorme.

Mérimée não nos faz assim percorrer o mesmo trajecto feito por Tito Lívio que, remontando às fundações de Roma, de repente descobre, num mesmo e agradável relvado, o próprio Hércules adormecido, enquanto por ali pastoreia o rebanho que roubou em Gérion depois de matar o próprio dono? Ladrão e assassino, como ele, e como ele adormecido, junto da fonte que Mérimée descobre, historiador ou sedento, nesse lugar paradisíaco em que se evade o estreito declive por onde corre um curso de água, Dom José guarda um bacamarte não longe da sua mão, e bem perto da outra jazia a clava, enquanto os cavalos, ao longo da garganta a jusante, respondem com os seus relinchos aos apelos insensatos que retomam em eco os mugidos surdos dos bois de Tito Lívio. Estranhamente, um quadro muito parecido se desvenda a montante, no começo das duas histórias, nitidamente romanas.

Trata-se de uma cena originária e muito próxima das suas origens?

Mérimée expor-se-á aqui realmente ao sol, à sede, ao deserto, à violência, ao desfecho, aos percevejos das hospedarias suspeitas, às traições e à morte, em suma, ao mal e à realidade, ou antes, ainda como mentiroso,

copiar mas sem revelar o próprio pai da história romana? Devemos hesitar ainda? Porquê descrever uma paisagem semelhante, ribeiro e fonte, no começo, atravessada pelos mesmos actores, deus ou bandido, crime e roubo, ambiente sórdido e gente estúpida, vozes de animais privadas de sentido? Trata-se de história, de um mito ou de um romance?

Podemos encontrar aí as origens da mesma cena junto das fontes? Nos limites da *Quellenforschung*, parece que basta pensar em qualquer coisa como uma auto-referência: a primeira fonte deveria sair daí, diz-se mesmo que ela corre por si. Contudo, inúmeras visitas às da Garona, de Viena e de outros rios ou ribeiras depressa nos convencem que o ponto de partida se reduz a uma recolha, cuja bacia reúne ou congrega mil pequenas águas trazidas de montante, dos glaciares ou das pradarias húmidas, em consequência do gelo ou das chuvas. Sempre e por toda a parte, a origem se relaciona, pois, com um ponto que tanto corre de qualquer fluxo como da direita orientada, como geometria, e entre esses lugares conhecidos apenas alguns formam uma barragem.

Comparemos as duas histórias. Ladrão e criminoso, perseguido pela justiça, o bandido basco tomou o lugar de um assassino ladrão, numa substituição que não tem grande diferença. Hércules desperta e mata Cacus, mas Dom José não mata ninguém quando acorda.

Embora o apanhe ou quase em flagrante delito de assassinio, alguém todavia desculpa Hércules: um tal Evandro, que representava nesse tempo o papel de governador; encarregado da perseguição judiciária, parece julgar o herói, mas depressa o inocenta, reconhecendo-o como divino; Hércules matou diante dos nossos olhos, mas é aos nossos olhos que beneficia da improcedência judicial. O assassinado, Cacus, tinha má fama... De súbito, Evandro faz bifurcar a história para o mito, o judiciário para o religioso. Em vez de prender o criminoso, este é colocado num altar. Deus tido como condenado é outra substituição quase sem diferença. Mérimée trata assim esse banido com humanidade, enquanto o seu guia se apressará a entregá-lo à justiça; reconstituem, os dois, a personagem de Evandro, de forma que as duas situações encaram os homens de forma equivalente.

O narrador faz bifurcar aqui a história, que também se liberta no plano judiciário: Dom José continuará por algum tempo a viver em liberdade, porque os carabineiros, avisados pelo guia, chegarão demasiado tarde para o capturarem. Toda a descrição vai decorrer enquanto ele permanece livre: entre a sua evasão, não longe das fontes, e a sua prisão e depois a sua execução, em Córdova.

Eis aí Hércules e Dom José libertos — filhos da boémia, não chegaram a conhecer a lei? — mas livres de quem ou de quê? Em ambos os casos, dos juizes, da justiça, da decisão. Deixemos de lado o latim e a língua espanhola e falemos do grego por instantes: os dois homens libertam-se do julgamento, isto é, da crítica, que por sua vez entrega as armas para as fontes.

Em Tito Lívio, o religioso e o mítico bifurcam no judiciário, mas na

ciência crítica a narrativa literária bifurca em Mérimée: nas duas circunstâncias, no mesmo instante, nas mesmas condições e na mesma proximidade de origem. Por outras palavras, o mito está para o judiciário como a narrativa está para a crítica, e a crítica está para o judiciário como o mito para a narrativa.

Dom José fala antes que o carrasco o enforque, Mérimée assume para começar o hábito e o gesto do crítico, condu-lo e depois perde-o pelo caminho da erudição; quase se poderia dizer que o semeia, porque o deixa entregue às fontes que aí bruscamente se bifurcam.

As duas histórias — mítica, literária — têm de comum o facto de se libertarem do aspecto judiciário. Mas como?

Em relação ao acusado, ao assassino, Evandro faz substituir um deus; ao bandido, Mérimée substitui um herói. No exacto lugar dessa bifurcação, na altura do julgamento, sobre o palco em equilíbrio, no momento em que se deve cortar o nó decisivo, aparece a substituição. Hércules e Dom José abandonam os seus lugares para chegarem aos altares ou às tábuas do teatro. No princípio é a substituição.

Um deus e um herói apresentam-se assim no lugar de dois bandidos de baixa condição, no cimo das escadas ou dos degraus, entre os véus do tabernáculo ou as cortinas do palco. No princípio é a representação. Em toda a representação, alguém se substitui a um outro: um carneiro a Isaac, um actor ao papel principal, um texto a uma acção. E nós estamos aí.

Quem opera essa substituição? Evandro no primeiro caso, Mérimée no segundo: o escritor ou o sábio.

Na verdade, não conhecemos ainda a vítima de Dom José: Carmencita, que ele amava, que ele amava... se não me amas, eu amo-te e se te amo, tem cuidado contigo... Carmencita é aquela que Dom José matou. Ora, no mito sem amor, Evandro, em nome do bom homem, que diviniza o mais forte e prejudica muito o mais fraco, tem como mãe — ou mulher — Carmenta.

Carmen: Carmencita, Carmenta... as duas histórias, a montante da sua origem, excedem a própria fonte — mãe ou amante do juiz, motivo de exílio —, servem-se ambas do mesmo nome, no mesmo corpo, na mesma pessoa. Chegamos nós assim a uma fonte comum? Sim, procurem a mulher.

Evandro, filho de Hermes, tinha inventado, diz-se, a escrita ou pelo menos tinha-a importado da Arcádia para as margens do Tibre. Quanto a Carmenta, sua mulher ou sua mãe, antepassado das Sibilas, ela canta magicamente.

Escrever, falar, cantar, representar, todas as operações como invocações ou encantamentos que substituem o que é lógico e suave pelo que é material e duro. Ou no deserto árido uma biblioteca climatizada, guardando em cima o que conserva em baixo.

Mérimée, como sábio, caminha para a fonte e, encantado, desce daí a recitar. Teve assim de passar por um terceiro ponto.

Noite. Da fonte sai o Guadaloz, sem dúvida, ou um pequeno tributário desse afluente do Guadalquivir. Descemos agora pelo rio mais extenso, deixando-nos levar de montante para jusante, como dizem os marinheiros, das origens para o fio do tempo e da história, nesse intervalo que define a duração da liberdade de Dom José, enquanto, sobre a margem direita, em Córdoba, ao cair do Sol, depois de ter soado o *angelus*, algumas mulheres se banham, nuas e, do alto da margem, ao lusco-fusco, ninguém pode distinguir entre uma velha vendedora de laranjas ou uma jovem e bonita costureirinha. Poderemos confundi-las uma com a outra. Saída dessa cena sombria e da margem da ribeira — acaba ela de a atravessar a nado? —, pela escadaria que dá para o cais, junto do autor, de súbito aparece a jovem cigana de cabelos negros. Como Afrodite, ela nasce das ondas. Mas a quem se substitui esta Vénus anadiómena?

Carmen, morta e invisível sob o ardente sol das fontes, Carmen, muito bela no meio da cena, de repente aparecida, sentada e aí visível, em plena noite, sempre ao lado do autor, presente, viva, fatal, bela, poderosa, enebriante, sedutora, má, feiticeira, terrível Carmen. Fonte de vida e causa de morte.

Eis-nos assim na origem enfeitada da história, romana, espanhola, que importa, de toda a história — observemos que esta palavra evoca de imediato uma ciência humana e uma certa tagarelice sem interesse —, da palavra, do canto, da ópera, da escrita, da ciência e do romance em geral. *Carmen* diz tudo ao mesmo tempo, como um *joker* suplente.

Relinchos, mugidos privados de sentido, cavalos e bois, cantos mágicos, feitiçarias, bons e maus olhados, vozes em duas direcções que se opõem, juízos iníquos ou justos, amores deliciosos e fatais, um duplo sentido que sucede ao ruído insensato dos animais, um único sentido, finalmente, para o relato que começa e o rio que corre... Eis que nasce um corpo, nu, a nadar, inacessível e, no entanto aí mesmo, nas origens de Córdoba, nas águas do Guadalquivir. Antes e fora de qualquer lei, magia, quimera, deitando as suas cartas vermelhas e pretas, lendo as linhas bifurcadas na escrita natural da mão e, antes da língua, cantora e bailarina, *Carmen* revela por si essa única genealogia.

Qualquer obra-prima relata a criação da sua própria arte e é por isso que goza desse título: obra-prima.

A erudição e a arqueologia, a história e a filologia conduzem, a partir de uma fonte, a uma substituição cuja causa, ainda a montante, se chama Carmen; deixá-la descer depois para jusante, ei-la aí nua, banhando-se nas águas saídas dessa mesma fonte, como se o rio a tivesse criado. Como os livros na sua origem, um curso de água serve como fio indutor, mas a sua corrente, seguindo noutro sentido, não conduz nunca à biblioteca nem ao artigo erudito! Dir-se-ia que um fluxo a bifurcou e, depois de morto, o sábio artigo engendra uma nova forma viva.

A criação diz também respeito ao escritor. Renasce uma segunda vez, erudito e narrador, terceiro, como essa mulher, sedutora e fatal, como herói, criminoso mas divinizado, como o rio, cujos braços se desenhavam sobre a terra.

Eis o duplo foco. A ciência deixa a sua clarividência e o relato, obstinado, começa ao cair da noite. Hesitante, a ciência conduz a uma hipervidência e a literatura, radiante, faz a sua aparição. Quem decidirá? Existirá uma claridade suplementar na ciência crítica e uma obscuridade no relato, dado que discorre sobre ele e não ele nela; ora, neste caso, o relato fala e parte da crítica e abandona-a, como se existisse nele uma claridade própria para deixar a ciência entregue à sua obstinação: extra-lúcida Carmen. Que se faz com esse claro-escuro alternado?

Sábios, não coloquem notas de rodapé nas páginas da *Carmen*, porque desde o princípio o romance extraiu delas a própria essência do que poderiam dar; deixem o livro em paz, porque ele afirma, melhor do que qualquer ciência, exactamente o que a ciência nunca saberá dizer de si mesma nem dos textos nem dos homens nem do mundo.

Esboçando algumas redes de bifurcações, *Carmen* ensina de forma excelente o terceiro instruído tal como ao mesmo tempo lhe aponta uma filosofia da criação. Sempre que se suba o curso de um rio ou do vale para a montanha, encontram-se todos os afluentes que quisermos. E, para descer, é preciso escolher: ou se decide virar à direita, do lado das Inscrições e Belas-Letras, ou se decide voltar à esquerda para o relato narrado. Mas, num dado momento ou mesmo a todo o instante, dado que abundam as encruzilhadas, a aventura permanece como terceiro, em equilíbrio, numa origem corrente, entre os juízos, o amor e a morte, a ciência e a literatura, a erudição e a tagarelice.

O romance descreve a passagem de um limiar ou de um declive: a ciência aí sobe e o conto desce. Prova exacta de que a fonte inunda precisamente a passagem do terceiro ponto: do espaço tranquilo ao relvado fino e à areia branca... Nesse lugar, a que todos hoje subimos, dorme o terceiro instruído.

A lição de Mérimée mudará a nossa vida: como sábio, ele sai e não sai da biblioteca e, nessa hesitação, copia o seu artigo erudito; mas, ao cair da noite, cansado desses trabalhos, regressa ao cais do rio, entre os curtidores e os operários e reencontra aí aquela que, a montante das fontes, inspira desde sempre o que sempre ultrapassa infinitamente o erudito: uma fascinante tagarelice. Como o curso de água, o corpo do autor bifurca: com a mão esquerda, Mérimée começa realmente a escrever e esquece a ciência, recopiada com a mão direita.

E assim descobre a origem corrente, enuncia o título e desenvolve a sua execução.

Dir-se-ia que a literatura passa por onde a erudição encontra algum obstáculo. Como se, mergulhando na densidade do sentido, o não-saber soubesse

ainda aquilo que, repleto de informações, o saber jamais saberá. Do mesmo modo, se a filosofia consistisse em clarificar as conversas e transformá-las em objecto de debate, teria assim uma dupla utilização com a ciência. Para lá do relato, obstinadamente incluído, a filosofia repisa e amesquinha.

Mas apenas ela pode ir assim tão longe para demonstrar que a literatura ainda vai mais longe do que ela.

Verifico, pois, que o saber claro contém uma obstinação pelo menos tão ampla como o profundo saber obscuro contido na ignorância. Por vezes não se compreende isso sem ser para liquidar a própria ciência no relato exacto das circunstâncias. As soluções nem sempre residem no lugar em que as procuramos. É preciso sempre pagar, ou seja, decidir saldar por qualquer obstinação essa mudança de lugar para se ver melhor.

COMEÇO DA CRIAÇÃO

Fétido pelo odor dos ovinos machos, salpicado de leite coalhado em redor dos queijos que ainda pingam sobre os cestos, a escura caverna em que dorme o Ciclope defende-se contra todos os olhares: mas ele vê mais e melhor, gigante hirsuto e selvagem, porque tem apenas um olho no meio da testa e dela sai um raio *laser*. Os gajeiros de Ulisses sentiam-se bem nos seus cantos, mas as patas peludas do monstro procuram tirá-los daí e levá-los, ofegantes, para outro sítio, com a boca a sangrar.

Quem cauterizará essa luz implacável? Quem fechará esse segundo poço aberto no fundo da goela? Um homem chamado Ninguém. Errando desde há muito tempo pelos mares e fora das ilhas, por onde tudo ele perdeu, mesmo os seus utensílios e sandálias, a sua túnica, os seus projectos, em que até o seu próprio nome ainda hoje o abandona. Deixou há muito de contar.

O monstro zarolho extralúcido, que consegue ver mesmo no escuro, poderoso como a montanha debaixo da qual dorme, tem um nome que se exprime ao mesmo tempo de vários modos — Polifemo. E isso quer dizer que fala muito, que fala em toda a parte, aedo, ilustre e fértil em argumentos. É muito importante. Toda a sua glória lhe sai através desse olho. Ou melhor ainda o seu nome comum de Ciclope significa: circular, ocupando todo o espaço, incontornável. Discernindo tudo sobre a luz desse olho circular e mantendo a sua linguagem com uma boca devoradora, rodeia-se de ovelhas e carneiros, discípulos, admiradores, lugar-tenentes, sujeitos, escravos, porta-vozes fiéis, curvados até ao chão, sem inteligência.

O louvor exclusivo emanado de um buraco alimenta o segundo, ávido.

Ninguém, o vagabundo, não tem nome, mas o enciclopedista Polifemo dispõe de cem mil palavras espantosas ou rigorosas.

Mas então quem fala sem cessar, arenga em banquetes, negocia, troca, ganha, como incontestável perito em línguas? Ulisses. E de quem se fala

desde a Guerra de Tróia? Dele, cem vezes mais do que dos vencedores e dos ciclopes. Quem navega circularmente, visita todos os mares e terras conhecidas? O mesmo. Quem não pode nunca passar sem companhia, sem rivais, sem a sua corte? Ulisses.

Portanto, quem usa o nome do Ciclope Polifemo? O próprio Ulisses.

Quando o navegador cauteriza o olhar do gigante, mesmo no meio, com o seu venábulo afiado, está a cegar-se a si mesmo. Crava o seu verdadeiro olhar entre os dois olhos já extintos: a sombra sucede assim à luz no meio desses dois focos.

Polifemo apaga o seu próprio nome, o seu belo e celebrado sobrenome, não para adoptar um outro apelido, mas para renunciar a todos: ei-lo, pois, invisível, Ninguém. Abandona a sua glória e poderio, o fogo e a montanha, os cordeiros que balem, e refugia-se no antro dentro de um carneiro lanígero, não pode ser apanhado, não pode ser visto. Ninguém o vê renascer do buraco escuro da gruta através de um parto invisível e animal.

Abandona a lucidez integral, a ciência circular e total, o domínio da língua, o império feroz sobre os homens, os títulos pomposos, perde toda a sua força para conquistar a humildade: mais do que animal, dentro de um animal de quatro patas e de cabeça baixa. Ninguém. Finalmente, ei-lo escritor, criador, artista, pelo menos no caminho austero que conduz a esse ofício.

Hirsuto, insaciável, alimentado de carne de ovino e humana, pérfido, vaidoso, profundamente dominador, o primeiro duplo de Ulisses arde sob a embriaguez da própria glória, semideus poderoso sustentando a montanha, mais que olímpico. E de novo deposita todos os andrajos para renascer da caverna mortal sob um segundo nome apagado: Polifemo tornado Ninguém, eis o verdadeiro autor, espaço ausente de uma bela obra. Nada mais conta.

Cravou o seu olho mesmo no meio.

E Ulisses chega então para assinar a *Odisseia*.

Diz-se que Homero não via. Mas que lança queimou ou que ponta afiada cravou os seus olhos?

Dito isso, quem pode reconhecer que a cor rosa da aurora é acariciada com os dedos, senão por um cego clarividente?

O PROBLEMA DO MAL

Em direito universal, extensivamente, a ciência parece opor-se a essa cultura, compreensiva e enraizada, de facto, num dado lugar. Um único foco brilhante, diversas sombras. Mas, extensivamente, todo o homem sobre a Terra vive a sua própria cultura, sem a qual não poderia sobreviver; ei-la aí, por direito, universal, oposta, por um trajecto contrário à ciência,

e dividida nestas ou naquelas especialidades se torna realmente compreensiva e local, por vezes incapaz de alcançar os problemas globais. Um único foco obscuro, vários outros claros. A Terra integra o conjunto das localidades singulares e a ciência o universo das regiões especializadas.

Universal, a ciência percorre o círculo disso a que se chamaria a enciclopédia. Porquê traçar esse ciclo? Sem dúvida, em virtude da ordem e da homogeneidade que se supõe à razão. Ora, em certos momentos, uma espécie de ressalto risca a órbita perfeita em que aparece uma excentricidade, como se o ciclo perdesse a sua superfície lisa ou a sua pureza. E assim alguns acidentes, como o da física, na explosão de Hiroxima, da biologia, hoje, ou das ciências da Terra, interrompem esse optimismo. Trata-de então de crises internas da ciência?

A razão atravessa a violência, a guerra, as doenças, a morte, reencontra o problema do mal, tradicional em filosofia. De modo erudito, Mérimée, subindo até às origens, descobre, nas próprias fontes, o assassino de Carmen; a lança afiada entra no olho do ciclope, espinho do círculo; os pontos negros disseminam-se de súbito pelo céu estrelado; diante do sol do meio-dia aparece o segundo foco negro; entre os textos terceiro-instruídos atrás evocados, desde os romances de Zola aos *Pensamentos* de Pascal, nenhum deles deixa de estar nesse cruzamento, nesse reencontro inesperado da ciência com o mal, o sofrimento, a injustiça e a dor.

Que relações mantém a razão, como preconceito simplesmente luminoso, com esse problema que as trevas criam?

Uma ligação originária. A razão ocidental não reencontra a morte em Hiroxima nem mesmo nos maiores perigos técnicos de hoje, mas encontra-a no paraíso terrestre; a árvore do conhecimento ou da ciência induz os nossos primeiros parentes a um pecado original tornado trans-histórico, desde a alvorada semítica da nossa história, que sob os mesmos céus nasce das pirâmides do Egípto, túmulos, da Guerra de Tróia, carnificina, ou das tragédias gregas, violência, expulsão. Ao contrário dos indus e depois dos árabes, de todos os nossos vizinhos, próximos ou distantes, que também colocam esse problema, mas lhe oferecem uma outra solução, o Ocidente começa ao mesmo tempo que o problema do mal e empenha-se contra ele num diálogo ou num combate consubstanciais, de forma que o trágico fundamenta aí a sua história, a sua razão e a história da sua razão.

Mas a razão não integra nunca o mal e antes o exclui. A ciência ocidental nasce, pois, dessa exclusão. Ela emerge do trágico. As suas categorias fundamentais derivam daí: pureza, abstracção, rigor, terceiro excluído... Repetitiva, a sua história assinala alguns processos de exclusão e os seus confrontos mal definidos com a religião e o direito, que se debatem ambos com o problema do mal.

Regula-se por entre um sol claro que se depura de toda a sombra, mas de repente também se regula conforme o segundo sol negro. Sim, a razão

accede ao universal, mas, perante ela, existe um universal cultural induzido pelo problema do mal. Na base, somos terceiro-instruídos.

Melhor ou pior, nesta questão, a ciência depressa ocupa o lugar de Deus ou chega mesmo a substituí-lo. Acusávamos outrora o segundo, todopoderoso e onisciente, de provocar o sofrimento e o mal. A *Teodiceia* de Leibniz contribuiu mesmo para o fazer comparecer no processo fundamental do destino humano. Ora, nós não sabemos nem somos eficazes a não ser, claro, pela nossa ciência. Nela e por ela, portanto, o universal não-circular da acção e do pensamento reencontra, tanto hoje como na sua origem, o escândalo do mal.

“ E aí se encontra a cultura, antes de qualquer juízo. Com efeito, nada na ciência ajuda a suportar a finitude, nem a compensar a morte dos filhos, a injustiça que atinge os inocentes, o triunfo permanente dos homens violentos, os felizes fugitivos do amor nem a estranheza do sofrimento, enquanto nisso colaboravam as culturas cujo enraizamento local fazia participar, bem ou mal, a sabedoria na própria carne.¹

Nem Leibniz nem os seus sucessores assumiram essa revolução kepleriana que consiste em colocar dois focos na orientação do conhecimento como no do mundo, ou seja, esses dois sóis universais: a razão e a dor.

A ciência divaga, a cultura enraíza-se. A primeira não conhece lugares singulares, mas antes espaços inteligíveis; ela recolhe e por isso viaja. Ela circula. Prosper Mérimée procura a verdade própria das informações livrescas e das obras de arte abandonadas. A ciência universal bate todo o campo em busca das origens, das raízes, da sua fundação.

Oh que maravilha, eis o lugar paradisíaco em que a erva verde atrai o sono do vagabundo e o pasto do cavalo, em que a fresca fonte suavizará a sede, em que a sua beleza permite descansar. Finalmente, a estação. Não, o guia, inquieto, fareja logo o perigo, porque um homem ocupa já esse lugar. Todos os lugares estão sempre já ocupados; a ciência não terá começado a sua errância por essa razão, porque alguns homens, cães ou exércitos em pé de guerra ocupavam desde há muito esses paraísos possíveis? Na verdade, esse homem, aqui mesmo, dorme não muito afastado do seu bacamarte, da sua velha espingarda. No paraíso perdido das fontes e do prado verde, o saber universal reencontra o mal singular, injustiça, amores desiludidos, violência, morte, fome.

“ No lugar de resalto em que o singular renova o ciclo universal e liso, a dor local cria o seu relato. A literatura destila miséria e sofrimento desde as suas origens. A ciência não aprendeu ainda a língua desse soluçar. E nesse lugar trágico começa a razão terceiro-instruída.¹¹

“ O sofrimento e o mal, a dor, a injustiça e a fome encontram-se no ponto em que o global se aproxima do local, o universal do singular, a ciência da cultura, a força da fraqueza, o conhecimento da cegueira ou o próprio Deus da sua incarnação.¹²

“ O general observa a batalha de longe com o seu binóculo e, portanto, muitas vezes não corre perigo, os sábios descrevem ou estudam a dor,

longe de se poderem queixar; por isso, nem o global nem o universal sofrem e, se a ciência e o pensamento se referem a questões colectivas ou formais, apenas o próprio local suporta esse mal. Deitado abaixo, o sujeito suporta e ei-lo, finalmente, porque tem esse nome.

E daí dois *cogitos*. Nós pensamos e sabemos. Eu sofro. //

A ciência reencontra a cultura quando a incarna e reencontra ou produz dor, mal e pobreza. Esse tempo não cessa, porque ele abrange o mundo e a história.

Primeiro foco: a razão científica universal e clara, sol luminoso; segundo foco, abrasador: todo o indivíduo incarnado como singular sofre e morre pelo rigor dos homens, *ecce homo*; a filosofia não evita o centro ou a periferia, terceira pessoa terceiro-instruída que descende ou é oriunda dessa universalidade racional e da singularidade dolorosa, da universalidade dolorosa e das singularidades racionais, espírito que, ao mesmo tempo, faz ou segue a excentricidade própria do mundo e que se espalha multiplicado pelo universo. Eis aí o segredo do conhecimento: ele funciona como o mundo.

Nós conhecemos através do patético e da razão, inseparáveis, ambos universais, um como foco da ciência e o outro das culturas; pensamos porque se sofre e isso é assim mesmo.

Mas o cúmulo do universal observa-se pelo singular, aqui ou acolá, neste herói ou naquele exemplo; o da abstracção lê-se e vê-se na paisagem, o do saber mergulha no concreto; o da narrativa, preenche-o a crítica ou a teoria; o do monoteísmo, no regime do espírito e na vida de quem o incarna; o da ciência no conhecimento da fraqueza e da fragilidade.

E daí a ideia nova de um ciclo de instrução própria a atribuir às ciências humanas que expiram porque não avançam mais e não avançam mais porque não formam ninguém e não se forma ninguém sem as ciências exactas, sem a história das ciências, a tecnologia, por um lado, e sem o direito ou a filosofia, sem a história das religiões ou das literaturas, por outro lado. Em breve, no plano relativo e sem a razão nos dois focos universais.

O terceiro-instruído deve a sua criação, a sua instrução e a sua educação, em todo o seu crescimento, à razão, como sol radiante que comanda os saberes científicos ou mesmo a uma segunda razão, *a mesma decerto*, mas abrasadora no segundo foco, que não resulta apenas do que pensamos, mas de tudo o que sofremos. Mas mesmo essa razão não se aprende sem as culturas, os mitos, as artes, as religiões, os contos e os contratos.¹⁷

As ciências humanas lamentam-se por terem esquecido esses dois modos fundamentais da razão, o das ciências e o do direito, aquilo que nos chega do pensamento e é muito universal, que nos inspira o problema do

mal: injustiça, dor, fome, pobreza, sofrimento e morte, e que assim produz os artistas, os juízes, os consoladores e os deuses.

Apenas existe uma autêntica razão e ela ilumina e mobiliza através de duas formas: sem a primeira, clara, a segunda seria irracional, mas sem a segunda, quente, a primeira seria desrazoável.

A igual distância das duas, o terceiro-instruído é criado pela ciência e pela piedade.

GUERRA POR TESES

Palavras. A dor, inefável, ultrapassa o que é exprimível. Evitamos dizer o que não podemos dizer: o indizível, como imagem vulgar.

O retorno ao dado em bruto, paisagem singular, por abandono da linguagem caracteriza uma ingenuidade fingida ou o verdadeiro disparate. Na verdade, malcável, encurvada, lábil, omnipresente, a língua vinga-se, excedendo tranquilamente o débil patético ou vaidoso que, pretendendo sempre ultrapassá-la, repete, embora mal, as mesmas palavras repisadas. Vigiamos para não confundir o inefável e a nossa falta de vocabulário: não importa qual o banco que exceda em opulência os magros pecúlios depositados todas as semanas por uma determinada pessoa, as vinhas de França prometem melhores colheitas do que a que tenho na minha obscura despensa, o sol aquece um espaço mais amplo do que os nossos três pedaços de antracite.

Muito desejada, mais do que difícil e excessiva, a verdadeira ingenuidade coroa, pelo contrário, a longa paciência do escritor. Deixado ao abandono das suas próprias palavras, desde há muito que instalou o seu gabinete em pleno dicionário. Mais rica a sua língua, mais correcto o seu trabalho. Do mesmo modo que, para falar de maneira ajustada do mar, é preciso tê-lo aplainado em todos os sentidos, também para se exprimir na sua língua convém ter visitado todos os lugares. O escritor não acede ao seu estilo senão depois dessas travessias probatórias, como um filósofo atinge o seu pensamento depois de longos péréplos pelo reino da enciclopédia. Nenhuma economia, mesmo teórica, dispensa estas instruções. O pensador deve começar por aprender tudo, mas dado que pensa na sua língua deve também tornar-se escritor e assim atravessar em todos os sentidos a sua capacidade. Tal como o marinheiro não se modifica por ter sentido balancear a sua cama por todos os oceanos formados ou não dos mares locais, também o pensador manifesta o pensamento espalhado pelas ciências regionais e assim do mesmo modo experimenta a sua língua, repugnando-lhe escrever na linguagem do estivador, do vadio, do carpinteiro, do monge, dos sábios, na linguagem amorosa, pictórica ou musical, técnica, consulta assim as páginas das enciclopédias e dos dicionários, excedendo a ciência e as narrativas; sim, a metafísica chega depois da

física, a filosofia começa depois dos saberes e das literaturas: não apenas os conhecimentos, duros e suaves, exactos e inexactos, rigorosos e fluidos, vivos e humanos, mas as palavras, porque somente se medita através delas, e de todas as palavras possíveis, porque sempre se pensa com inúmeras palavras. Múltiplo périplo do pensador que não deve limitar-se aos saberes canónicos nem à justa provação, mas que deve debruçar-se também sobre os mitos, contos e literaturas.

Designamos por língua pesada aquela que utiliza poucas palavras: como um tanque gelado perdido numa floresta. Quem escreve com um registo assim tão cerrado poderá pensar sobre a língua? Encerrado num idioma escasso, pode falar de átomos, por exemplo, de véu, música ou amor, mas não da língua! Ora, eu creio que as filosofias ditas da linguagem não utilizam, de facto, senão um reduzido número de palavras. Mas o que se perde em extensão, poderá ganhar-se em finura ou em rigor?

Não digam, façam, mesmo quando dizem. O sentido ganha-se avançando. Com muitos discursos, actos, com o próprio discurso. Nada de crítica: antes as obras! O que se chama teoria oferece o máximo de facilidade com o mínimo de vocabulário. Trabalho paciente do escritor que navega pelo longo curso da sua língua total e que, não tendo medo de qualquer paragem, nela escreve e portanto a descreve até às suas mais longínquas paragens, tentando assim esgotar as suas capacidades. Na maioria das vezes a língua adormece, excepto numa reduzida parte, como dormem os nossos neurónios. Por isso, os utensílios ou os testemunhos de inteligência permanecem entorpecidos no virtual, na expectativa daquele que escolheu por direito revelá-los, definir a sua língua até à fenda, suscitá-la inteira e própria, fazê-la pensar ou existir, colocando-a em falso equilíbrio; combina e ensaia longas cadeias de sinónimos, todos complexos e desajustados, que de repente convergem para a perda extrema de qualquer *nuance*. E aí encontra aquilo que a sua língua não abrange. Ei-lo enfim ingénuo. Obrigado a olhar, a tocar, ouvir ou a gostar, obrigado à sapiência e à sagacidade.

Não se sabe, pelo exemplo simples e mais trivial, que o *homo sapiens*, pelo menos na sua espécie de língua francesa, não utiliza os adjectivos para significar os perfumes, enquanto *sapiens* significa em primeiro lugar sentir ou cheirar os sabores e as fragrâncias? Azul e não cor do céu, amarelo e não cor de mel, será para o olhar, muito bem servido, como o cheiro da rosa ou o gosto de uma pêra? Terrível falta de sentido! Mesmo a estátua de Condillac não preenche nunca essa falta, ela que parece justamente começar pelo olfacto, sem nunca abandonar as palavras.

Eis, pois, o que é o estilo: vibração singular nos confins da língua, em que uma variedade perdida de verde, já vista, exige uma palavra nova do velho dicionário que apenas lhe dá umas trinta cambiantes aproximadas, vibração do que se sente e se exprime mal, lugar extremo em que como

uma vela a língua drapeja numa das pontas. Nada mais parecido com um pensamento novo do que esse tremor, como soldadura derretida ou junta partida, na falha da linguagem.

Assim, num dia qualquer de sizígia, Bougainville entra na concha inominada em que as orcas e as baleias, que cercam o seu botaló, o impedem de chegar.

Mergulhar desde muito cedo nos dados singulares do mundo, esquecido de uma língua mal aprendida, não faz nunca aceder à ingenuidade, mas restitui algumas sentenças já gastas, como um falso banho de juventude de onde se sai senil; importa mais deixar correr a língua, uma ponta desse novo mundo arrisca erguer-se até ao canto do portulano. O novo ingênuo de tal acontecimento mostra-se velho.

Toca, entende, gosta, respira e sente, vê, não fala dos cinco sentidos senão no fim de alguns périplos probatórios pelas ciências e romances. Tarde, muito tarde. Depois de ter voltado a última página das enciclopédias e *corpus*. Sim, a metafísica ou a filosofia aparecem depois das físicas e das poéticas. Passando por aí, a sua cabeça embranqueceu com os conhecimentos, utilizou a sua língua em mil palavras. Como velho roteiro diante das ilhas virgens, pagou o elevado preço da ingenuidade.

Pode instruir porque tem a alma pura das crianças. Um velho é o verdadeiro ingênuo instruído e um jovem o falso ingênuo. Eis aí de novo a velha dupla educativa: duas ingenuidades que não são gêmeas, a velha, autêntica, adquirida, sábia, verdadeira — juvenil —, e a jovem, falsa, louca, fresca, radiosa, nativa — decrépita. Procurem o terceiro.

Ao trabalho.

O ESTILISTA E O GRAMÁTICO

Porque é que o filósofo não escreve? Em nome de quê deve reduzir a sua meditação aos próprios elementos da gramática? Com que direito recusar-lhe o direito ao estilo?

O estilo e a gramática, evidentemente distantes, exploram ambos a língua, mas com diferentes meios. A dupla visita o mundo, o conhecimento e os sujeitos, por vezes Deus, partindo da linguagem, através de métodos que se podem desejar complementares, mesmo que nos espantemos de serem opostos, dado que um não existiria sem o outro: a gramática por falta de matéria, o estilo por falta de regras. Ela descreve, analisa, procura consolidar, algumas vezes chega a legislar; ensaia. A gramática quer-se

teórica e de uso experimental. A filosofia, portanto, deverá limitar-se à gramática e rejeitar o estilo?

Conhecemos essa distância que separa ou separou a tradição acadêmica, nascida nas universidades da Europa na Idade Média, sobre os fundamentos gregos lançados por um certo Platão e a escola de Aristóteles, conservados pelos Padres Latinos, tradição que perdurou sem assinalável interrupção até aos nossos dias em todos os países do Ocidente, incluindo a França, e uma outra linha, menos estável, mais rara, pouco profissionalizada porque ligada a alguns talentos individuais inimitáveis, e porque inimitáveis sem escola nem discípulos, uma linha sem dúvida surgida em França, desde Montaigne até ao século XVIII, mas também na Alemanha, desde Goethe até Nietzsche. A grandeza de Platão e o lugar que ocupa, na origem dessa bifurcação, resultam de ter unido na sua obra o debate gramatical e a exploração estilística e ter assim escrito *O Teeteto* e *O Banquete*.

Estas duas partes da filosofia, rolando sobre duas vertentes, desejam muito pouco aliar-se e, longe de se amarem, rivalizam e cobrem-se de anátemas e de sarcasmos. Em certas obras, no entanto, quiseram que isso mesmo acontecesse e aí se reencontram, como hermafroditas, não compreendendo no momento da sua fusão porque é que a análise matemática recusaria a linguagem refinada, porque é que o escritor, nunca acedendo por direito a considerar-se filósofo, ridiculariza ao mesmo tempo Honório, Marphirius e Janotus de Bragmardo, apaixonados racionadores.

Pode conceber-se, tranquilamente, que semelhante divisão se torne complementar? O matemático conhecerá melhor o mundo e mesmo a sua própria linguagem se se entrega à física, o físico conhecerá melhor as coisas e mesmo a sua própria utensilagem se se entregar à técnica, o técnico se aprende o artesanato e o artesão se acede à obra de arte. O filósofo gramático conhecerá melhor a língua e o conhecimento e o mundo se tolerar o estilo e se interessar pelas suas explorações. Ao contrário, concebe-se o progresso do artista quando ele se preocupa com o artesanato, o do artesão fazendo-se passar por técnico, o do técnico... e assim até ao fim do caminho, tanto para as matemáticas como para as lógicas. Mas é um caminho duplo para o filósofo. E, portanto, como complemento, o estilista não escreve sequer sem uma obediência prévia à gramática, sem lógica nem regras no sentido, sem sintaxe nem semântica. Se ele escreve realmente é porque isso lhe é consentido.

Mas não explicita nem as regras nem as leis. O gramático, por sua vez, não desenvolve nunca a língua que, aliás, fala sempre com finura e pertinência. Um supõe o outro: a exploração, o desenvolvimento, implicam a regra que implica toda uma filosofia; mas a gramática supõe uma língua que apenas pode existir com as suas odisséias. O facto precede o direito, mas o direito precede o facto. A obra antecipa a sua lógica no tempo da história e a filosofia ergue-se quando chega a noite, mas as regras antecipam a sua própria aplicação no tempo ideal e lógico do saber e o filósofo desperta com a aurora.

Ora, se o estilista raramente tem necessidade da gramática e pode transgredi-la no próprio acto refinado de invenção, se o gramático não se afeiçoa nunca ao estilo com as suas delicadas minúcias de análise, resta que o filósofo, presente nessas duas frentes, tem necessidade de conhecer o gesto de ambos e deve fazer, se isso for possível, com que um se torne no outro. Mas em nome de que princípio ablativo se limitaria à teoria dos elementos, dado que o trabalho positivo da língua consiste também em acompanhá-la até aos próprios confins e ao seu futuro?

O gramático analista elimina facilmente o mito, a poesia ou a literatura em virtude dos seus conteúdos confusos ou obscuros, mas em todo o caso envoltos, porque procura o claro e o distinto, o explícito, e suscita sempre o debate entre diferentes posições. Para o seu gosto, a narrativa não sabe nunca o que diz.

O estilista ri-se do gramático, Rabelais de Janotus, Molière de Marphirius, Marivaux de Honorius e Musset de Blazius, a literatura zomba da academia ou esta dos universitários através de pequenos ódios que espalham o terror em casos de guerra implacável, um pouco minuciosa em excesso, em face sobretudo da imobilidade. A análise clarifica, mas não agita, explicitando indefinidamente, argumentando sem descanso. A gramática filosófica do nosso tempo conseguirá ir mais longe do que no século XVIII e este avançará para lá das teorias medievais ou estas ultrapassaram mesmo a Antiguidade? Não. Nesses lugares fascinantes, a filosofia descobre-se como um ponto de acumulação, de onde extrai um debate sem tréguas, como se retira a água de um poço, sem poder já caminhar a passos largos como o estável Zenão. Decerto, isso ilumina, mas nunca se move. Decerto, isso esclarece, mas à custa de uma linguagem técnica restrita, afiada, cerrada, passando muitas vezes pelo algoritmo, depressa inacessível para quem a não fala, como outrora a escolástica, como se a escola separasse com complacência todos aqueles que não dispõem de meios para participar na conversação. Poderá clarificar-se também à custa da mais espessa obscuridade?

Como se o obscuro se igualasse e o que nisso se implica permanecesse afastado de toda a gente. Como se a linguagem se vingasse em ambos os casos. Mas é preciso pagar sempre com a moeda que se deseja ganhar. Não querem analisar isso? Nunca se pára de o fazer sem abandonar o mesmo aspecto, como se metêssemos a mão num poço infinito de onde a dicotomia renasce por si mesma. Desejam mesmo clarificá-la? Não deixarão então de fazer luz até à extinção de todos os focos. Desejam explicitá-la? Não parem, porque a implicação se impõe incessantemente. Querem debatê-la? O debate engendra-se a si mesmo porque a guerra só se entende bem com a guerra, passando por cima de todos os problemas e dos mortos, espeznhando o mesmo lugar. Por isso, as rigorosas filosofias da comunicação se tornam incomunicáveis à força da sua tecnicidade.

Os esforços ou trabalhos do gramático e do estilista aproximam-se tanto que se opõem. Entregues a esse envolvimento como a uma vertigem, desenvolvem o obscuro, um em compreensão, justeza e profundidade, outro em extensão, largueza e movimento. Estas explicações expostas ficam caras: em ambos os casos, é preciso pagar, embora todos acreditem que não pagam. "Ora a verdade é que tudo se paga: mesmo o progresso, mesmo as liberdades democráticas, mesmo o ateísmo, e por vezes paga-se tudo muito caro. Aliás, as despesas a fazer devem cumprir-se na moeda que tem curso no mercado em que se fazem esses negócios: em dinheiro sonante no pequeno comércio, na troca do amor por ternura, na assinatura própria nos contratos escritos, por vezes mesmo com o sangue e a vida. Sempre que for necessário pagar ou gastar para conhecer, deve-se por conseguinte regular essa dívida, mas na moeda do conhecimento. A claridade paga-se com estreiteza e a largueza de vistas com a imprecisão. A clarificação acerta-se pela estática e pela esterilidade, a invenção e a velocidade pelo confuso e o obscuro. Mesmo em filosofia, ninguém conseguiu obter nunca ao mesmo tempo a manteiga e o seu preço de custo. A cada um o seu risco. Um aceita que lhe atem os pés e o outro não deseja ter ao sol os pés descalços." A caminhada, a corrida, dispendem e perdem um pouco de luz, a análise permite a fecundidade. Uma questão de escala: o que dissipam ou ganham o microscópio e o telescópio, o pormenor ou o grande ecrã? Alguns constrangimentos pagam-se mesmo com a liberdade e certas regressões pagam-se com o progresso. Mas é preciso, sobretudo, fazer um balanço.

Cada qual conta as perdas do outro para lhe dizer amavelmente: eu não percebo patavina do que dizes. O gramático diz ao estilista: fora daqui, espírito confuso e irracional. O estilista diz: tens sempre razão no que avanças e desejas, nisso eu concordo. E depois? Astuto, prudente, rigoroso, circunspecto, avanças meio milímetro num século. Durante esse tempo, distraído, corajoso, intuitivo, creio que isso faz sentido, sim, sentido sobre a vida, o mundo, o trágico, o próprio conhecimento, o amor, a relação com o próximo, e as andorinhas que levantam voo sempre pela Primavera. Faço viver a língua à custa da claridade. Tu clarificas-a à custa da própria vida. Se eu analisasse, no acto de correr, o movimento dos ossos, músculos e neurónios, as minhas intenções e objectivos, razões e proporções, nunca começaria a correr. O gramático diz: tu não sabes nada. E tu não fazes nada, responde o estilista.

Mas um e outro pensam de forma correcta. O filósofo sabe, mas também faz, trabalham ambos em estaleiros de média escala.

O analista corta, distingue para reconhecer os elementos, por exemplo da língua. Mas a dicotomia ou a separação não têm o exclusivo na busca do elementar. Tornam-se possíveis outras operações, em todas as ciências ou pesquisas, por exemplo na química: o peso, a mistura de um corpo num outro ou o contacto de ambos, as reacções, o exame ou o controlo das

variações em certo modo de funcionar ou processo respeitam ligações e conexões destruídas pela divisão e permitem reconhecer a presença de um metal, a autenticidade de uma liga, a mais adequada, ou seja a verdade da análise: métodos necessários se aquela falha, desejáveis mesmo se se mostra agressiva, porque trincar as suas ligações não deixa as coisas tal como estavam. O mesmo se passa na filosofia e na língua: o filósofo escritor *ensaia*.

Ele prova, experimenta. Ele testa, ensaia: dois antigos verbos da velha química, mesmo da alquimia, regressados ao seu uso comum. Utiliza-se ainda a antiga palavra *cadinho* nos laboratórios, pedaço ou pote de louça refractária que servia para ensaiar ou testar o ouro, mas não se conhece já esse ensaio no sentido da sua pesagem.

O filósofo escritor experimenta com a língua ao construí-la, como o gesto do artesão continua e prolonga a linha da sua arte, como pauta musical ou linha de sentido e, sempre que pode, avança. O analista detém-se, esmaga, teoriza; o escritor prossegue, mantém todas as ligações, fabrica, porque acredita que não se conhece nada que se não tenha profissionalmente praticado. Uma linguagem fechada oferece um conhecimento estéril das coisas mortas. Saber a sua língua exige, pois, que tudo se faça, se teste ou se ensaie com ela.

⁴ Um ensaio correcto produz, por vezes, com frequência, um resultado negativo, oposto, insensato. Os objectos vingam-se assim como a língua, como a terra quando não é trabalhada. Reservam algo de inesperado, não reagem como estava previsto. A tentativa comporta um certo risco de acaso e desconhecido.⁴

⁵ Expõe-se quando se faz, impõe-se quando se desfaz. Quando se desfaz, nunca realmente nos iludimos. Não conheço nenhum meio melhor para ter sempre razão. Não creio conhecer, em contrapartida, melhor definição do homem do que o velho adágio *errare humanum est*, a que devo acrescentar: é humano aquele que se engana. Ou pelo menos tentou.⁵

Frágil, nu, diante de uma falsa porta, o escritor apenas confia no seu talento que nunca tem a solidez de um método: sem escola para o proteger pelo diálogo e a posição repetida no seio do grupo, sem imitador nem mestre, ele explora sozinho. Portanto, pode falhar, enganar-se ou perder-se. Assume esse erro possível e essa queda eventual como defeitos ocorridos no flanco da sua obra. Sofrimento e coragem na sua errância para pagar toda a novidade. Porque todas as manhãs se apresentam diante dele algumas formas estranhas, imprevisíveis, tão sedutoras e belas que ele se levanta, à pressa, ao alvorecer, com grande entusiasmo para atravessar essas paisagens, interessado em retomar a viagem através de um mundo poucas vezes familiar, muitas vezes extraordinário. Nunca sabe o que vai acontecer na página seguinte. Tanto pior para a sua queda, mas ele tenta! Se perder, não terá causado mal a ninguém, mas se ganhar ficará contente. Para o diabo todas as falhas, ele tenta.

Poderia ter-se a audácia de falar do mundo se acaso o não tivéssemos percorrido? Tal como as coisas diferem imensamente do que dizem os discursos, livros, jornais, revistas, representações, também a língua nada tem a ver com o que se diz quando não é praticada em toda a plenitude.

Acredita-se facilmente que não existe nenhuma diferença entre um discurso sobre Margaux e Margaux, desde que se não tenha feito esse esforço. Tomem e bebam. Gostam. Experimentem. Sabe-se que qualquer bom atlas nos mostra no deserto um lugar habitado pelos tuaregues do Sara. Partam para lá, vão. Mas descontem alguma coisa de tudo o que os jornais dizem. Dispam-se, corram pelo prado, brinquem. Crítica fácil, arte difícil. Não, o amor não se prova nunca pelas palavras, nem com as cartas amorosas. Não basta falar, é preciso praticar. Uma história dita não vale uma história vivida, embora ofereça mais glória e dinheiro infinitamente com menos cansaço, tal como as estratégias se jogam no terreno. Em todo o caso, devem sempre tentar.

De contrário, mentem. Mentiriam, mesmo se dissessem a verdade, supondo que ficariam contentes de a dizer. Vivam, apreciem, partam, brinquem, façam, não copiem. A verdadeira mentira resulta de se recuar sempre diante de qualquer tentativa.

Crê-se facilmente que a língua analisada pela gramática e a filosofia valem a língua viva inventada pela escrita. Não. O gramático, o professor, o filósofo não escrevem nunca para saber. Não se tem observado nas aulas, nas escolas e nos anfiteatros uma verdadeira falta de exercício? O examinador ou juiz não exige nunca um poema, uma novela, romance ou peça de teatro, nunca exige uma meditação, mas sempre a crítica ou a história, a cópia de cópias. Porquê? Porque não saberia redigir o que se corrige. Pelo contrário, exige história, crítica, análise. Porquê? Porque isso ele sabe e pode recopiar. Porquê? Por facilidade. Fazer explora, desfazer explode. Não mintam, escrevam. Toda a verdade, nada mais do que a verdade.

Mas, atenção: ela é mortal.

Sócrates, analista, exige um discurso breve. Interrompe retóricos e rapsodos, zomba deles e torpedeia-os. As suas questões cortam a exposição em frases breves de diálogo e a sua dicotomia conduz a proposição através de um mínimo de palavras.

Porque escreves ou falas em «exigir», e em que sentido ou com que exigência tu falas? Que discurso, porquê um discurso, longo, breve, que diálogo, porquê um diálogo, que perderás se tudo isso cortares? Não importa quem pode dar a Sócrates os golpes que ele deu a Protágoras ou não importa a quem. Com que direito impões tu, aqui e agora, esse tipo de argumentação? Sob que condição? Que desejas ou contra quem te bates? A extensão das questões prévias e das condições exigidas dá bem a medida da sua malevolência. Mas como tu amas a briga e o triunfo, Sócrates, como

pôde a tua alma descer tão baixo? Mas quem te nomeou como advogado geral ou procurador implacável da humanidade? Porque assumes tu o lugar daqueles que nos condenam e que algum dia te hão-de julgar? Que ressentimento te leva à acusação perpétua de todos aqueles que tu encontras? Com que direito te arrogas o direito de perseguir e denunciar? Um terceiro Sócrates, se se quiser, pode nascer, por sua vez, das questões colocadas por Sócrates a Sócrates, e assim tanto como se desejar. Eis assim aberto o poço indefinido do debate.

Armado com a sua curta espada, o soldado de infantaria avança para o cavaleiro para tentar um combate mais próximo, num corpo a corpo de que sai derrotado. Embaraçado na sua montada, com a sua gualdrapa e a sua clâmide, o sofista escritor cai por terra, liberto dos seus arções, porque tem o hábito de galopar a cavalo e não de lutar no chão, armado com um arco com cuja flecha atira para bem longe ou com o dardo que ele lança. Ei-lo agora atirado por terra, frágil, mergulhado e esmagado no chão por Sócrates. Qual a sua raiva e com que direito?

Um atomiza o texto, por um pequeno estalido de esgrima, que pomenoriza com cuidado a larga rede de sentidos entrecruzados pelo outro e sobre os quais as atracções a longa distância representam o exórdio final e se revelam reciprocamente subtis.

O mirmidão com um pequeno sabre, protegido com uma pesada couraça, insecto quitinoso, enfrenta, em campo fechado, o reciário descalço, despido, de laço ágil, como pássaro volúvel. Combate singular do soldado estático e sólido contra o atirador ágil e envolvente: os romanos apreciavam outrora esses dois gladiadores, modelos reduzidos da cavalaria nas manobras terríveis e da infantaria na sua resistência obstinada, bem colocada no chão, que se opõem numa mesma batalha, em linha e em campo aberto.

A espada esventra, despedaça, corta a rede, talha malha a malha nas falhas do falso-sentido. O reciário faz ondular o laço, como rede que se torna armadilha, plano e esfera, muro e prisão, superfície esquerda e volume móbil: à dimensão zero, ponto ou bola que rola no punho do gladiador; numa só dimensão, longa cadeia de razões atiradas para os ombros; a duas dimensões, trabalho com a capa aberta diante do mirmidão, como esse engodo que o touro olha; a três dimensões, omnipresença, em redor do corpo, de laços cruzados que o prendem, o apertam, o sufocam, o conduzem à morte.

Analisada, desfeita à faca, frase a frase, letra a letra, palavra a palavra, guardará a língua o mesmo alcance, uma semelhante função que é ondulante, móbil, conexas, ligadas, mudando sem cessar de aparência, flutuante com a sua composição própria, sempre global ou mesmo densa como uma pedra na mão? Não poderá ter, em ambos os casos, um estatuto polémico ou guerreiro?

Sócrates soldado de infantaria desconcerta o cavaleiro, Sócrates mirmidão esmaga o laço do reciário, Sócrates pilar, imóvel, pescoço de touro lançado

para a frente, no túnel escuro do combate, com os pés enterrados na lama até ao tornozelo, resiste a qualquer investida, plaqueia mesmo o fôlego dos jogadores de terceira linha ou três quartos, que alteram todo o dispositivo pesado de uma imperceptível mudança de aparência. Antes da luta palmo a palmo, o médio de abertura, mudando de pé, reorienta todo o tecido do jogo fechado para o lado aberto, com um ligeiro ou invisível desvio de equilíbrio, as linhas atrasadas mistificam-se sem cessar em sentido contrário.

Quando o analista distingue o direito do esquerdo, com o terceiro excluído, o estilista colocou já no chão, acariciando a terra, uma terceira pata de pomba, que mal se vislumbra e faz voar o laço até às tribunas populares, onde era esperado do lado presidencial. Combate breve ou demorado, mudança de escala. Uma coluna avança passo a passo, metro a metro, pela terra duramente conquistada, uma torsão de rins, uma finta ou movimento de costas, uma patada na caixa, que vai percorrer ainda uns sessenta metros. Sobre que vazio te inclinas tu, analista, a questão colocou-se muito mais longe sobre as sílabas geodésicas da linguagem... Ergue a cabeça por cima dessa mole, vê mais alto e mais longe.

O touro míope, com o pescoço inclinado para a terra ocre, lança todo o seu peso e os chifres, numa órbita rectilínea, para o toureiro em vestes mortuárias de luz, revolteando por entre mariposas e manoleitinas vermelhas, as pernas tensas, finas, frágeis, tremulantes, as virilhas e as ancas bem expostas, um punho inteligente para a mais pequena solicitação. Que poderá acontecer, com essa sua inclinação, num milímetro ou numa fracção de segundos? Qual dos dois, soldado quadrúpede ou corredor de pé ligeiro, vai morrer, na celebração de um momento decisivo na história da estupidez humana, qual dos dois, no chão ou em contrapé, vai matar, nessa comemoração do instante em que o colectivo, sem o saber nem decidir, passou do sacrifício humano ao sacrifício animal?

Sócrates touro, olhos globulosos, frente calva, focinho de fauno, feio de meter medo, desmonta com um gesto de cabeça o fantoche sofista desarticulado. Que instante comemora ele nesse odioso parricídio? Que momentos desaparecidos se consagram quando o pilar plaqueia o três-quartos, quando o reciário estrangulava mesmo no chão o mirmidão vencido, quando o soldado de infantaria desancava o cavaleiro, quando o analista convence através do não-sentido o filósofo escritor? Mesmo que deste modo se passe do crime ao espectáculo, da guerra à ginástica, do rito à linguagem, do sangue derramado à própria filosofia, os comportamentos permanecem estáveis tal como as paixões.

Mas não nos podemos iludir sobre o que distingue os corpos ginasticados das naturezas atléticas, dizem os bons treinadores. Uns correm, saltam, brincam, enquanto os outros lutam ou equilibram-se nos aparelhos como

há pouco faziam os mestres de marinhagem. Nenhum atleta se encontra à vontade no trapézio ou nas barras, poucos ginastas se desembaraçam bem na pista ou no terreno. Musculatura baixa, atarracada, força nos braços e cintura escapular ou antes uma forma longilínea, força e elasticidade sobre as coxas. O recrutamento militar representava, suponho eu, essas duas populações. Como recruta, Sócrates movimentava-se entre os ginastas.

O professor, bom treinador de inteligências, não se engana, isso nunca acontece, acerca da mesma diferença por parte do conhecimento. Observa as duas populações de modo semelhante: trabalhadores persistentes, uma vontade obstinada, horizontes curtos e poucas ideias, eficazes e estáveis, triunfadores, regressando sempre ao mesmo assunto, determinados e obsessivos, imarrôes; intuitivos ligeiros de olfacto subtil, muitas ideias passageiras, inventores privados do domínio da sua própria fecundidade, ineficazes, instáveis, enamorados de beleza, espertos. Exploradores realistas e aristocratas miseráveis. O insecto cavador e o pássaro migratório, o gramático e o estilista. Dom Quixote e Sancho Pança. Hoje, Pança faz a sua fortuna na ciência, mas é na vulgar literatura que Quixote alardeia a sua miséria.

Sócrates e Platão. Não existe filosofia sem esta dupla estar em paz, sem este casal se sentir unido como nunca. Sempre em duelo, em suma. Platão — mas para onde corria ele, assustado, na altura da morte do seu mestre, o grande ausente do *Fédon*? —, Platão escreve, arquivado o processo, sobre o cadáver de Sócrates, rígido e frio, no termo das finas análises da alma; Platão envenena Sócrates com a cicuta para escrever demoradamente e bem, mergulha no torpor do próprio torpor, administra-lhe um narcótico para não se sentir ele mesmo entorpecido, imobilizado, obrigado sem cessar a essa dicotomia esgotante e também infinita no seu género como o discurso mais diluído. Que grande oportunidade para manter a gramática à distância sem os zumbidos do gramático, cumprir a lei depois da morte do legislador, mas que tristeza trágica comemorar sempre o mesmo combate e pela mesma razão de morte.

Quando escreve, o touro está morto. Mas nunca explica por que é que Sócrates nunca pôde escrever: esgotado de tanto analisar.

Velha filosofia selvagem em que a paz não pode intervir senão entre um Sócrates ridículo, sentado sobre o seu jumento, e um belo Platão derrotado, escarrachado numa pileca, no encalço das ideias mais puras, Dom Quixote e Sancho Pança.

Que o escritor considere a gramática como o seu demónio e de ligeira ironia, largueza de vistas ou de campo, que o analista ofereça ao estilo uma solidez sem mácula, e assim renascerá a filosofia. Assegurar o seu lugar na vizinhança mais próxima, mas permanecer afastado: ninguém conduz os seus passos na montanha, com o cavalo ao lado, com o seu corpo, quase sempre com a sua vida, a sua alma, a sua família, o seu orçamento ou a sua aplicação, o seu pensamento, passando desse simples e necessário preceito, que reúne num relance de olhos o local e o global, o universal e o singular, mas cuja

disjunção produz uma única estupidez risível, queda ou imobilidade, Quixote diante dos moinhos e a desilusão, Sancho cultivando a placidez.

Não existe uma filosofia sem essa dupla apaziguada, rindo dos combates inúteis e tornados simplesmente rituais como comemoração. Mas agora que nos recordamos nitidamente dos cadáveres que jazem entre nós, o do galo sacrificado sobre o de Sócrates condenado, do touro ou do matador, do reciário e do mirmidão, do soldado de infantaria e do cavaleiro, agora que nos lembramos desse pecado original das disputas linguísticas, da arcaica prática da morte, para que serve esse ritual da comemoração? Porque continuam a combater na arena da linguagem o estilista e o gramático?

Se a filosofia, amiga da sabedoria, ou mais gramaticalmente, portanto com mais elegância no estilo, *sabida no amor*, tem por objectivo o que pretende na sua origem, poderá afirmar-se amanhã em conjunto com a língua e exigirá os seus apoios, mais do que à análise e à retórica em conjunto, aos mitos e às religiões, às técnicas e às ciências, com o terceiro, aí incluído.

Nesse dia, recomeçará a aventura.

Uma lembrança de juventude: Leibniz conclui o seu *Discurso da Conformidade da Fé com a Razão* na altura dos funerais de Bayle. O meu adversário, afirma ele, vê-se agora na presença de Deus — e sabe que eu tenho razão. Um pouco antes, tinha citado grandes predecessores, como Abelardo, que sofrera no corpo as agruras das suas discussões. Leibniz impõe-se, pois, a Bayle que já está morto. O tribunal condena-o e finalmente compreende-se o peso dessa sentença: dantesca. *A Divina Comédia* também se vinga *post mortem* nos três espaços sobrenaturais distinguidos pela sentença. A vingança da escrita e da filosofia expande-se como a bomba atómica.

Não mata apenas, mas condena ou ainda salva mesmo depois da morte. Nas ciências, as teorias mudam, não apenas pelo maravilhoso poder da sua veracidade, mas porque os defensores adversos fazem a sua retirada, morrem talvez no meio de colóquios e na administração e sempre se encontra um historiador qualquer para desenterrar os cadáveres e condenar outra vez este ou aquele inventor esquecido de insistir sem descanso no inferno do erro e das sombras enganadoras. A História: um poço de ressentimentos.

Mas ainda aqui a intenção do discurso se regula pela morte, em conformidade com a razão e a fé. Porque se a razão racionadora e persistente empurra o adversário para a morte, a fé só por si revela-nos o que se passa dentro dela. Portanto, a conformidade, quero dizer a coisa e a causa que têm em comum a fé e a razão, é ainda a própria morte. Claro, de uma forma especulativa, mas também, praticamente, na discussão escrita entre

Leibniz e Bayle, até aos esplêndidos funerais do segundo, imolado à entrada do tribunal da *Teodiceia*. Porém, atrás do tribunal em que Deus comparece por si mesmo como acusado, aparece aquele em que o filósofo, como escritor, triunfa.

Leibniz constrói então o pretório e acusa aí a causa divina. Tem a seus pés — e nisso se baseia — o túmulo de Bayle, um santo e razoável filósofo que vai resolver a questão e conseguir uma boa sentença. Tal como Platão se levanta sobre as exéquias e o túmulo de Sócrates. Mas será que esta posição aproxima todos os filósofos? A razão filosófica terá sempre necessidade de um crime para se consolidar?

Ainda há pouco se deu comigo uma mudança importante: os meus pés não se apoiam no túmulo — cheio — de nenhum corpo particular, mas sobre o cenotáfio — vazio — do género humano na sua totalidade, desde «a Thanatocracia», ou seja, *Statues e Contrat naturel*. No tribunal da razão e da ciência, o filósofo defende hoje a sobrevivência dos homens e da Terra, revela-se a favor da prolongada vacuidade da abominável caixa negra.

Não se trata de nenhuma prática de morte singular, mas da exigência específica da vida: apenas nos batemos já contra nós mesmos. Não somos nem uns nem outros, opostos uns aos outros, mas vivemos todos como terceiros.

Uma certa história se encerra. E será que uma nova vai começar?

PAZ SOBRE AS ESPÉCIES

Uma estrada envolve a Universidade de Stanford; no interior da cintura, quinze mil mulheres e homens escrevem, lêem, experimentam, imprimem, calculam, reúnem-se para falar com frequência e por vezes pensam, entregues às suas linguagens e códigos. Fora desse limite, quase sempre peladas e por vezes verdes, três colinas suaves servem como refúgio aos passeantes que, se fizerem algum silêncio ou andarem mais lentamente, podem encontrar aí alguns gaios reais e falcões francelhos, raras cascavéis e algumas serpentes inofensivas, um milhafre ou uma enorme tarântula, muitas vezes uma manada de bezerros, como réplica tácita dos próprios estudantes e investigadores que se encontram mais em baixo.

Apenas se vislumbra o sol ou a lua, a baía ao longe, a falha de Saint-André muito perto, não se ouve senão o vento, o ciciar canoro de algum pássaro tão fácil de imitar que o cantor logo responde com complacência, tudo por aí se comunica, pois através da linguagem: será esse um dos lugares de um outro saber?

Recusando transportar, como passeante, a língua de um silêncio para outro, o passeante solitário procurará fazer sobretudo incidir esta mais antiga naquela, que é nova, mas como discípulo de São Francisco prefere falar aos pássaros e assim escutar o seu canto.

E assim os animais sempre se calam.

NÚPCIAS DA TERRA COM OS SEUS SUCESSIVOS MESTRES

Chegados tarde, inundando ainda a Terra com a sua juventude, desajeitados, teimosos, altivos, apenas com alguns milhões de anos, portanto mal adaptados, arrogantes dentro da sua pequena ciência, os homínídeos julgaram-se os primeiros porque foram os últimos a chegar. Matéria inerte, flora e fauna muitas vezes mais antigas do que eles. Mas parecem desconhecer que a sua história, nova e recente, repete milhares de ciclos outrora concluídos.

Ei-nos aí. Quando cada uma das espécies vivas apareceu à luz do dia, as outras viram-na empreender activamente a conquista de toda a Terra, da flora e da fauna em geral, presente e passada, o espaço, o tempo, a energia, enfim, toda a criação, desde o sol às entranhas do globo.

Plantas, peixes, répteis, pássaros, insectos, mamíferos, ciclo após ciclo e tempo atrás de tempo, por vagas sucessivas, arrancaram à vida o domínio e o império, cada qual segundo os seus próprios meios e com a sua estratégia, dimensão, força, potência, número, astúcia e desconfiança, até ao extremo limite do poder e da glória.

E todos, sem excepção, do verme ao touro, do feto à sequóia, do mosquito à vaca, da serpente à baleia, geração após geração, se tornam reis: o lobo, o rato, o ocelote, o veado... Ao aproximá-los, reconhecemos ainda hoje, em cima da árvore ou no próprio tronco, pelo seu tamanho ou pela altura, a majestade do reino e da mais antiga dignidade. Estão aí no seu apogeu.

Mas, de repente, é preciso decidir. Cada espécie, especializada, chegada aos limites extremos da sua apropriação, fez sacudir o que era inerte e geral na sua oblíqua estreiteza. O novo mestre invadiu a Terra inteira: toda a superfície do globo se encontrou de súbito povoada por milhões de lagartos — nada de novo sob o sol; a reprodução racional abrange o real múltiplo e cheio de folhas; ou ainda, segundo a própria supremacia, numa única e generalizada termiteira, a térmita já nada tem para comer a não ser uma outra térmita.

Atingindo, pois, o seu cume, essa espécie elimina todas as outras e destrói a Terra, colocada em desequilíbrio e em perigo de morte por essa simplificação e, então, esta última coloca por sua vez a espécie rainha em

perigo de extinção pelo seu próprio e excessivo triunfo. Mas se porventura os ratos deixassem de existir, como é que de facto os ratos poderiam continuar a existir apenas entre eles?

Neste limiar vertiginoso, uma por uma, no decurso do tempo e em milhões de milénios, foi assim que por sua vez as espécies se apresentaram e a Terra as considerou.

Aqui e ali, no universo, talvez noutras terras, escaparam a esse desafio, desistiram da sua luta final contra o dono temporário, mas a presença constante e hierárquica da própria Terra, aqui em baixo, demonstra que apenas nesse limiar temporal, reproduzido sem cessar através da nossa evolução, se obtém sempre a última palavra.

Cada um dos reinos recuou perante a Mãe.

Algumas espécies desapareceram e muitas outras literalmente se sujeitaram. Decerto subsistem porque renunciaram ao domínio único, ao poder e à glória, à concorrência implacável, perante o anúncio da própria morte colectiva a que se seguiu imediatamente uma definitiva vitória. Para sobreviver, pois, por si mesmas e elas próprias, tomaram uma decisão silenciada, definida tacitamente no seu gene codificado. Nasceu aí a marca da sua própria humilhação.

Sim, humilharam-se perante a Terra, abandonaram o apogeu e entraram nela: obedientes a todas as sujeições, mergulharam aí para se misturarem na profundidade dos mares ou deslizaram sobre a superfície sem a perturbar, colando-se na vaga, abriram a custo cavernas escuras no húmus ou nas rochas, desapareceram nas turbulências das altas regiões ou deixaram-se enlaçar, imóveis, numa rede inextricável de lianas e de ramos para formar a massa das florestas pluviais ou equatoriais, todas enfim dissolvidas, misturadas, fundidas na Natureza, assim mesmo denominada porque dera origem ao nascimento, silenciosa e comunitariamente, de todas as espécies que acabavam de abandonar a arrogância do seu antigo destino, esse paranóico projecto de ocupar a Terra inteira só por si, ou atenuando a sua grande estratégia para conseguir a cega obediência do instinto, desvio harmónico sem falhas da Terra-Mãe, que então as protegeu.

E assim perante o homem, o animal parece inclinar-se hoje muito humilhado. O nosso esquecimento induz essa ilusão estúpida. Mas a obediência reflecte, em todos os lugares e tempos, uma imagem de comando.

Muito jovens ainda, chegados tarde, apenas com alguns milhões de anos, nunca adquirimos a memória dos reinos anteriores: a era da liana, da aranha, do escaravelho, o reino do mamute, da mosca ou da vaca. Mas a língua lembra-se disso, porque o nome que o homem recebeu deriva da sua humildade.

Orgulhoso, arrogante, cheio de poder e de glória ou inclinado activamente para elas, o *homo humilis* parece ignorar que o seu destino, escrito na própria denominação, como uma decisão principal, final e definitiva das plantas e animais, se inscreve silencioso no genoma das espécies e o obrigará um dia a humilhar-se. A fundir-se, a misturar-se, a esconder-se no

húmus, nosso primeiro parente, perante o risco de morte e de enterramento. Pouco vocacionados para comandar, todos nos inclinaremos, pela nossa parte, perante essa Terra que tem o nosso mesmo nome.

Ao contrário das nossas ilusões, se os animais se humilham, com a cabeça no chão e os olhos baixos, mostram-nos assim que, época após época, representaram um dia e cada um por sua vez o papel dos homens.

Humilhados, todos os seres vivos um dia se chamaram homens ou foram homens. Alcançaram o apogeu e como reis lançaram o desafio viril do seu domínio antes da retirada definitiva. A nossa língua o reafirma, o olhar da otária o exprime, pode-se mesmo contá-lo pelas riscas da pele do tigre, lê-lo sobre a carapaça vermelha da viúva-negra ou decifrá-lo nas manchas calmas da anaconda.

Todos os seres humanos, antes da sua dissolução no húmus e no instinto, carregam atrás de si o seu verdadeiro pecado original, estável para sempre no próprio genoma: o de terem sido homens, ou seja reis, novos, gloriosos, poderosos e tão loucamente concorrenciais que acabaram por se esquecer da Terra. Obedientes depois por muito terem comandado, abandonaram essa inteligência em favor da bestialidade. Selvagens e sábios.

Esse pecado é guardado fixamente por todos e toda essa existência instintiva continua instalada na nossa memória, mas fazemo-lo avançar em frente como o nosso projecto colectivo. Não é já original, mas terminal. Próximo, final, mas não primitivo.

Eis-nos aqui, pois, como os últimos, no apogeu do poder, no exacto momento de cometer algum erro. Vamos abandonar o paraíso?

Devo dizer aos meus netos que me recordo ainda de uma infância calma passada no campo, que nos dava frutos muito deliciosos.

Escolher: o império ou a Terra? Mas esta sempre ganhou até hoje.

Procuro um caminho intermédio entre a inteligência altiva arrogante imbecil e o instinto harmónico polido humilhado, obediente com uma placidez animal por ter comandado loucamente.

Não me deixo ficar, portanto, pela estrada — terceira — de crista levantada entre as instituições da ciência e as colinas do silêncio.

PAZ E VIDA PELA INVENÇÃO

Aprendizagem, esquecimento. Deixando de lado alguns casos raríssimos, menos de dez seguramente em quatro milénios de história conhecida, cujos nomes assinam quase todas as obras no domínio das matemáticas e da música,

essas duas linguagens de mil valores porque privadas de um sentido discursivo, não se reencontra nenhum gênio natural, imediato e selvagem. Quem espera pela inspiração apenas produzirá vento, que são ambos aerofágicos. Tudo resulta sempre do próprio trabalho, incluindo nele o dom gratuito da ideia que desperta. Entregar-se, aqui e agora, de um golpe, a qualquer coisa que seja, sem preparação, conduz a uma arte bruta, cujo interesse se limita à psicopatologia ou à moda: coisa passageira para palhaços e saltimbancos.

Obra de arte, sim, mas vejamos o seu sentido. A obra tem como autor um operário, de formação artesanal, tornado especialista na sua matéria, por entre formas, cores, imagens, como linguagem para mim, mármore ou paisagem em qualquer lado. Antes de pretender produzir novos pensamentos, é preciso, por exemplo, escutar as vogais: um operário, um artesão da escrita distribui-as ao longo da frase e pela página como um pintor espalha os verdes e os vermelhos, ou um compositor combina os metais e as percussões, mas não importa nunca como o faz. O mesmo se passa com as consoantes ou subordinadas: um trabalho demorado sobre a folha pejada como o tonel das Danaides, tão indefinido que por aí passa toda a sua vida. Criar: entregar-se apenas a isso, desde a alvorada até à agonia.

Mas isso supõe ter boa saúde: devorando o corpo no meio da sua desordem, a criação conduz à morte e mata na flor da idade quem a ela não resiste com toda a força: Rafael, Mozart, Schubert, à volta dos trinta anos, Balzac e São Tomás de Aquino, perto dos quarenta.

Antes de começar a rimar, o velho Corneille despia-se para se enrolar, todo nu, nos seus cobertores de burel e assim suar com abundância, como se fizesse sauna: a obra genial transpira do corpo como uma secreção. Brota das glândulas. Por seu lado, Rousseau e Diderot caminhavam todos os dias algumas dezenas de quilómetros. As novas ideias emanam de certos atletas. O apelido Platão significa em grego ser largo de ombros. Por isso é preciso imaginar os grandes filósofos como jogadores de rãguebi. Na enxárcia do veleiro com três mastros, entre Saint-Malo e Baltimore, Chateaubriand obrigava os marinheiros a uma ginástica acrobática e na corda bamba.

Costumavam perguntar a Malebranche como e porquê Deus tinha criado o mundo, com o seu cortejo de penas e humilhações, de crimes e abominações, esse Deus infinito que pôde tão facilmente repousar, gozando eternamente da sua inteligência e felicidade renovadas, mas a isso o filósofo tinha o hábito de responder que ninguém cria nada a não ser por um acréscimo de poder: portanto, o universo nasce da superpotência desse factor. Na prática, nada de mais verdadeiro: Quanto mais força tiver, mais a obra resulta, porque da fraqueza nada se consegue.

Reencontramos, pois, certos génios doentes, drogados, fracos ou melancólicos. Duvidando, sim; patológicos, não. Tendo produzido muitos émulos estéreis, a publicidade romântica e mentirosa em favor de um criador louco, desajustado ou desequilibrado, cuja obra avança para a nevrose ou

para a química: nada resulta de um picadela nem de um frasco de álcool. Ou antes: supondo que, fraco e esmorecido, o operário começa a sua obra, pequena e crescente, depressa isso funciona para ele como um apoio e sem cessar o reforça. A obra habita pela sua força e depois essa força instala-se na obra; uma alimenta-se da outra que assim com ela se conforma e ambas crescem, numa simbiose espiralada, uma em relação à outra, aumentando a sua resistência à atracção da morte.

O que se designa como a imortalidade das obras-primas resulta simplesmente dessa voluta positiva que se alimenta e se alarga sobre si mesma, como um turbilhão ou uma galáxia. A saúde vital produz-se a si própria, em seguida o produto enche-se de vida até vencer quer a morbidez quer a mortalidade. E assim vive intensamente o que nasceu há já dois mil anos. Se a obra tem necessidade do operário, há um momento em que ele não tem já necessidade dela: dá-lhe o seu corpo e a sua vida, ela aceita-o com algum benefício. E nesse limite acontece o triunfo sobre a morte.

Portanto, existe uma higiene, sim, uma dietética da obra. Os desportistas de alta competição vivem como monges e tal como esses atletas vivem assim os criadores. Querem começar a inventar ou a criar? Comecem então pelo ginásio, sete horas de sono regular e um regime alimentar. A vida dura mais e a disciplina é mais exigente: ascese e austeridade. Resistam ferozmente aos discursos em volta que pretendem dizer o contrário. Tudo o que debilita acaba por esterilizar: álcool, tabaco, longas noites e medicamentos. Resistam não apenas às drogas narcóticas, mas sobretudo à química social, de longe a mais forte e, portanto, a pior: aos *media*, às formas estabelecidas. Toda a gente diz sempre a mesma coisa e, como o fluxo da própria influência, juntos descem ao longo da grande encosta.

A obra de arte ergue-se como obstáculo perante essa derrocada. Triunfo sobre a morte, identifica-se com a vida e apenas existe vida conhecida no plano individual. Singular. Original. Solitária. Obstinada. A obra cria só por si uma espécie animal, dado que a sua árvore, filogenética, produz frutos ou rebentos individualizados, livros, músicas, filmes ou poemas. Resulta, pois, da simples distribuição dos neurónios e dos vasos sanguíneos. Nunca da banalidade colectiva. E, ao contrário da moda, oposta ao que se proclama, resiste por definição aos *media*, quero dizer, à média.

O objectivo da instrução é o fim da instrução, ou seja, da invenção. A invenção é o único acto intelectual verdadeiro, a única acção de inteligência. O resto? Cópia, disfarce, reprodução, preguiça, convenção, batalha, sonho. Apenas ela suscita a descoberta. Só a invenção demonstra que se pensa verdadeiramente aquilo que se pensa, qualquer que seja essa mesma coisa. Eu penso, logo invento, eu invento, logo penso: é a única prova de que um sábio trabalha ou de que um escritor escreve. Trabalhar para quê ou antes escrever para quê? Muitos outros dormem ou lutam e preparam-

-se mal para morrer. Repetem. O fôlego inventivo resulta somente da vida porque a vida inventa. Uma falta de invenção prova, em contrapartida, a ausência de obra e de pensamento. Aquele que não inventa trabalha, mas sem usar a inteligência. Animal. De resto, como na vida. Morte.

As instituições de cultura, de ensino ou de investigação, aquelas que vivem de mensagens, de imagens repetidas ou de modelos copiados, os grandes mamutes da Universidade, dos *media* ou da edição, mesmo as próprias ideocracias, rodeiam-se de uma massa de artifícios que impedem a invenção ou a esmagam, consideram-na como o pior dos perigos. Os inventores causam-lhe medo como os santos punham em perigo as igrejas, de onde os cardeais, por se sentirem incomodados, os expulsavam. Quanto mais as instituições evoluem para uma dimensão gigantesca, melhor se estabelecem então as contra-indicações do exercício do pensamento. Descjam criar? Pensem então no perigo que correm.

A invenção, ligeira, ri-se do mamute, pesado; solitária, ignora o grande animal colectivo; delicada, evita a força que se prende a esse colectivo; durante toda a minha vida, admirei a força da inteligência que provoca o tácito contrato social dos estabelecimentos ditos intelectuais. A invenção, ágil, rápida, fustiga o ventre mole do animal sossegado; a intenção voltada para a descoberta traz consigo, sem dúvida, uma subtileza insuportável para as grandes organizações, que apenas podem conservar dentro de si as condições para consumir a própria redundância e impedir a liberdade de pensamento.

Chama-se informação a uma quantidade que é proporcional à raridade. Verdadeiramente científica, tal definição surpreende quem percebe que a outra informação se espalha e difunde até à redundância. Ora, reside nisso um contra-senso: o que se propaga e se torna provável, fazendo inclinar-se as cabeças obedientes, designa-se como entropia, mas, ao contrário, a neguentropia cresce como o improvável. A informação, neguentrópica e, portanto, pouco provável, percorre o curso irreversível da entropia que por si avança para a desordem e para o não-diferenciado.

Este último fluxo utiliza o relevo, o nível, dissolve as rochas de todas as espécies e mistura-as, o rio arrasta para o mar, à mistura com as águas cada vez mais pesadas e amareladas, a areia indistinta, enquanto a barragem cria a sua diferença: resiste à descida que a antiga língua designava por engolir e escolher a jusante. A essas barragens se reduzem todas as origens conhecidas. Por isso, para que a invenção, como se diz, encontre a sua fonte, é preciso que essa resistência intervenha, em qualquer altura e em qualquer parte; sem dúvida, isso basta. A entropia desce, a informação sobe, a primeira é provável, a segunda mais rara.

Resistir. À corrente, à queda, à dissolução, à desordem, ao tempo. Um pedaço de açúcar não pode evitar a água que o dissolve, mas ela não derrete o diamante. Poderíamos facilmente definir o trabalho como o conjunto de operações que permitiriam cortar a cana, extrair e cristalizar o açúcar, a partir da água que entrasse em solução: pelo contrário, dissolvê-lo aí dá a conhecer o invés desse trabalho. É necessário haver energia no primeiro caso, mas não no segundo. Como se costuma dizer, isso faz-se por si mesmo.

Dado que a obra e o operário pertencem à mesma família como a palavra energia, o que será a obra que o operário faz? Um banco de energia, um depósito de potência como um lago a montante de uma barragem, uma mina de carvão, uma toalha de petróleo, um capital qualquer. Saturado de informação, inestragável, a obra de arte não resiste apenas ao tempo que passa, mas antes o excede.

Observa-se sem dificuldade a diferença temporal, por exemplo, entre a obra de arte e o objecto de luxo: este mostra-se muito mais caro no momento em que a moda o exhibe, mas alguns anos depois revende-se por qualquer preço ou mesmo em saldo; os seus quadros, em contrapartida, não salvaram Van Gogh da indigência nem Gauguin da extrema miséria, e centenas de parasitas conseguem depois os seus quadros a peso de ouro ou do iene. Na equação em que o tempo é dinheiro, a obra sobe e o objecto desce.

Eis como se define assim um outro mundo diferente daquele em que vivemos: a terra e os astros rodopiam aí em sentido inverso: todos os dias Molière rejuvenesce e faz rir as minhas netas e a ópera da Bastilha, antes de começar, leva um vilão a bater num velho. Resistir não basta, porque nunca se viu em dia de derrocada o rio subir, nem uma virgem intimidada ceder então a qualquer fauno um pouco bem disfarçado. O tempo não pára no seu trabalho de usura e, para pregar uma partida, faz por isso com que o rio corra para montante. Vinda da fonte, a água faz crescer a estia-gem do lago da barragem para cima sem a devorar.

Reconhece-se a obra e o verdadeiro operário nesse indício que não falta e ambos assim rejuvenescem. Morrerão jovens, à força de correrem para a origem do mundo. Criar quer dizer chegar às mãos do operário divino no alvorecer das coisas. Inverter o tempo.

Como uma raridade, a informação corre, pois, na direcção oposta à da informação no sentido da sua difusão. Pois bem: a ordem que compõe o cristal, o pentágono das rosáceas, a célula geminada de onde parte o homem, inverte a própria ordem que paralelamente faz com que se curvem todas as cabeças obedientes. Como se certas coisas percorressem um curso de que descendem as ordens dadas aos homens. Um exige energia, trabalho e força, o outro actua por si sozinho. Dois mundos, dois fluxos ou rotações de astros, dois tempos: o da obra de arte acompanha a vida, o outro escolhe entre a morte e a história. Reencontram-se aí os dois focos.

Resistir não basta, em virtude da invariância; é preciso inverter esse sentido, a acção do próprio movimento.

Amem, se querem criar: as fontes, os jactos de água, as pedras preciosas, os altos picos das montanhas, os bolbos das cebolas, as folhas da alcachofra, o olhar da otária, as células germinais, os filhos, tudo tão cheio de informações como os supergigantes azuis que afugentam as armadilhas que assim se perdem: os jornais, o que se chama notícias, o rumor que se espalha.

No entanto, algumas obras alcançaram sucesso, mas foi necessário que seguissem o gosto mais provável para merecerem de súbito esse favor. Sim e não, mas por fim certamente não.

Para resistir ao ultimato, distinguimos duas espécies de sucesso. Sim, o primeiro acompanha a moda e disso dá provas ao transformar-se quase de imediato num fracasso. Não resiste um mês, por vezes uma semana, em geral quase no próprio instante. Quantos livros conheceram ontem uma voga temporária e encham hoje as prateleiras dos saldos? Claro, o sucesso não dá origem à sua sucessão.

Ao contrário, como por milagre, o outro mergulha até ao fundo das obras vivas do momento, adivinha-os, domina-os, revela-os, liberta-os, suscita-os. É este segundo triunfo que perdura. E eu o desejo a todos. Mas não se iludam: nada é mais difícil do que saber em que consiste o presente do nosso tempo. O que toda a gente diz, longe de o esclarecer, encobre-o e esconde-o. Não se esqueçam que os *media* repetem hoje o que diziam aqueles que os suportavam quando tinham vinte anos: chegam agora atrasados, pois, uma geração e por vezes duas. Portanto, é preciso procurar apaixonadamente o que se é e não o que se diz que se era. Não escutem ninguém. Resistam a essa torrente e às influências, às medalhas.

Reside nisso o único meio de libertar o presente, que justamente se define pelo reencontro, raro, miraculoso, saturado de informação, da obra e das forças vivas latentes que a condicionam, mas que só ela pode libertar. O momento contemporâneo cria-se pela obra de arte, sabendo-se além do mais que ela apenas aí se produz. O tempo que sempre dorme desperta-se através da criação, como Deus despertou Eva que suspirava sobre a costela de Adão. Por isso, o sucesso assegura e provoca a sucessão: a do tempo segue-se à da obra e não o contrário.

Encontrar o que é contemporâneo é coisa bem difícil. Descobrir o que o é, é uma invenção ainda mais rara.

Parece-me que apenas se pode acreditar directamente na cultura que se incarna na carne da própria carne. Costumo gaguejar quando me exprimo numa outra língua que não é a minha, dado que a minha preocupação de dizer e encontrar em francês alguma coisa que o meu corpo transporta desde há milénios na minha língua materna do oc, dividida entre espanhol e italiano, que são as outras duas folhas de um trevo com pedúnculo

latino, mas perdida por terras celtas, portanto a oeste do que é, ou seja, mais inglesa do que mediterrânica. Eis aí a imagem que contém o meu brasão, a tatuagem da minha pele, o que está inscrito no meu código genético, mestiço. Não se inventa então nada de novo que não venha já das suas mais profundas raízes? Como um trovão, a ideia presente atinge a terra negra e esquecida com a irrespirável estratosfera do futuro. Será necessário, pois, falar da nossa especificidade.

Na ordem da raridade, a tradição francesa, exigente, irónica e subtil, sábia mas ligeira, reservada sob a litotes, a elevação e o segredo, mantém sempre um grande avanço sobre as suas rivais ou émulas, mas é uma primazia cada vez mais ignorada, em face da sua natureza e muito exactamente da própria quantidade de informação, escondida sob reserva. Roma, Florença ou Veneza entregam-se mais facilmente do que Paris, cidade mais sublime do que amável e sempre difícil de compreender. De resto, Couperin e Corneille, infinitamente ousados, entendem-se menos à vontade do que Beethoven e Shakespeare, que não hesitam perante qualquer meio fulgurante de captar a benevolência. Por nós, recusamos atenções e comodidades, de forma que passamos por ser indiferentes e por vezes mesmo arrogantes. Que o pudor se mostre orgulhoso, eis o nosso paradoxo! Assim, sempre com risco de deixar o sucesso aos sedutores mais atrevidos e mais seguros, a França arrisca-se mortalmente a derrubar os próprios franceses, cuja cultura sem cessar ameaça ruir por esse seu excesso ou distanciamento. Quando a debilidade se torna moda, a nossa língua, por exemplo, rara, exigente, artística, fica a perder. A *Coca-Cola* impõe-se sem dúvida à *Sauternes*. Nitidamente.

Aliás, criticamo-nos a nós mesmos até à exasperação e à exclusão, de forma que nem neste século em que a publicidade quase obriga os outros a uma vénia, continuamos a bater-nos em todas as competições, agora mundiais. Não se limita apenas às belas-arts, essa dimensão improvável que nos torna a vida mais difícil: não nos agradam nada os meios termos. As nossas equipas jogam futebol e rãguebi muito bem, mas quase sempre se afundam quando lhes escasseiam as suas raríssimas capacidades. Tanto nos estádios como noutros lugares, qualquer cultura dá provas da sua própria natureza. A nossa, a mais difícil, exige ainda mais austeridade do que mil outras que nunca recusam grande coisa para lá de uma certa complacência.

Portanto, nada é mais difícil em França do que criar, mas nós estamos condenados a produzir mesmo no meio dessa indiferença. Resistam, pois, às importações, muitas vezes já em decomposição. Sempre nos revelamos maus nas contrafacções. Mestiço, sim; imitador, não.

Para criar é preciso saber e, por isso, trabalhar imensamente, mas essa necessária condição por si apenas não chega. Do passado ou da ciência o

peso esmaga e esteriliza: ninguém produz menos do que um historiador, um professor, ou pior do que qualquer crítico. Analisar ou julgar, eis o que é próprio dos impotentes que, em conjunto, gozam de todos os poderes.

Com todo o seu corpo, a sua paixão, a sua cólera e a sua liberdade vendada, quem deseja mesmo assim criar resiste à força do saber, como também às obras já criadas e às instituições que as parasitam. Isso significa, claramente, que se deve deixar de lado tudo o que nos tranquiliza e assumir os maiores riscos. É preciso instruir-se o mais possível, a princípio, para se realizar: tudo resulta do trabalho, devemos aprender e criar sem descanso. Mas bifurco agora para alcançar o contrário.

Decerto, depois de se ter aprendido tudo para de seguida quase nada se saber. Duvidar para criar. Resisto, pois, para concluir o meu discurso anterior.

Tenho vontade agora de falar melhor da aventura, a única aventura ainda possível nos tempos que correm, o único jogo de que quem perde ganha e de quem ganha muitas vezes perde. Não, o filósofo que procura não dispõe de nenhum método, o êxodo sem rumo permanece como a sua derradeira permanência e o seu livro branco. Não caminha nem viaja seguindo por um mapa que repetiria um espaço já explorado, porque escolheu errar. A errância comporta alguns riscos de engano ou desorientação. Para onde vais tu? Não sei. De onde vens? Procuro não me lembrar disso. Para onde queres ir? Para toda a parte o mais possível enciclopedicamente, mas tento esquecer-me. Põe de lado as tuas referências. Há poucos sinais no meio do deserto. A filosofia vive e desloca-se nessa paisagem austera e desértica em que todo um povo errará durante uma geração que esperou e nunca alcança a terra prometida. Não procura uma fonte, um poço, montanha ou estátua, invenções ou descobertas locais, mas um mundo global, habitável para os próprios netos.

As ciências positivas dispõem de métodos e de resultados: sabe-se quase sempre o que se faz, aquilo que se matematiza, que se programa e realiza através de qualquer manipulação em laboratório ou quando se realiza uma sondagem na opinião pública — e, quando o não sabe, claro que por vezes inventa.

Quando as línguas maldizentes pretendem afirmar que quase nunca sei o que faço ou vou pensar quando me entrego à filosofia, peço-lhes que acreditem nessas informações. Conforme o próprio método ou a escola que segue, o filósofo morre na inflexibilidade do dogma ou porque se diz que um mestre vitrificou o seu pensamento; obtêm-se assim alguns resultados limitados, por sorte a sua disciplina torna-se uma ciência, perdida para sempre para a filosofia.

Mas que devo agora definir: a filosofia confia-se globalmente a uma antecipação do saber e das práticas futuras. Um cientista descobre ou

inventa nas lacunas de um método, as falhas da experiência, a incompletude dos resultados ou a hesitação de uma teoria, mas o filósofo não dispõe nem de uns nem de outros e muito menos ainda das suas falhas ou reverses. O primeiro, sempre reconhecível, define o seu tempo, o segundo reconhece-se pelo que ofereceu, sim ou não, ao futuro: se ele falhar, não pode existir. A filosofia, raríssima, apenas existe se e quando estabelece e define um espaço que a história habitará como a própria Idade Média se determinou numa espécie de Aristóteles agostinizado, a Renascença em Platão e os tempos modernos em Descartes, Leibniz ou Bacon.

A obra de um filósofo, concretiza-se se e quando se instaura um terreno que consolidará as invenções locais futuras. Incide sobre a generalidade, o território ou a atmosfera da própria história das ciências e a liberdade das artes, a abertura do saber e o centro da piedade. Longe de ser produzida, aliás como hoje, pelas divisões do antigo saber e como uma no seio delas, a filosofia tem como função, portanto, engendrar o próximo saber, na sua cultura global, e as razões por que sonha sempre com a terceira instrução.

Essa invenção e a sua esperança empurram assim para uma aventura de onde não se regressa e se pode descrever em termos de êxodo e não de método, de nascimento e de mestiçagem, como errância mais do que como itinerário ou currículo, um deserto privado de referência em vez de disciplina como espaço determinado, ou seja, tudo em termos perigosos e arriscados que se podem entender como mitos ou poemas para os excluir do pensamento, quando se envereda por caminhos mais seguros, mas que se impõem como elementos de uma antropologia da descoberta ou de uma ética, ou melhor ainda, de uma simples higiene para aqueles que se lançam nessa loucura sem qualquer esperança de recompensa. Cristóvão Colombo descobre as Novas Índias, mas não regressa pelos seus passos; erra, privado de um roteiro, por uma zona de alto mar sem nenhuma referência; resiste à pressão dos seus pares e o seu êxodo desconhece que avista enfim uma globalidade, a que dará outro nome. Que importa. Ele engendra um tempo.

Assim, desde há vários séculos, alguns filósofos clássicos se empenharam nas *Regras*, imitadas dos mosteiros, mas para orientar o espírito. Ousar-se-ia reescrever para o perder, ou para confundir os jogos do sujeito ou da linguagem publicitárias, tão desejados na cidade ou nos sistemas dominantes? Mas aprende tudo, em primeiro lugar, e chegado o momento próprio lança sobre o fogo tudo o que possuíres, incluindo os teus sapatos, deixa que tudo assim desapareça. Inventa apenas uma terceira inocência. Se desejas perder a tua alma, esforça-te para a salvares, porque podes salvar enfim aquilo mesmo que pareceu perdê-la. Descobre somente o que significou esse jogo mais arriscado, mais absurdo e mortal, esse jogo em que quem sempre perde acaba por ganhar no outro mundo — o das coisas em si mesmas.

Os homens de todas as culturas nunca inventaram nada em nenhum domínio porque sabiam que caminhavam para a morte e souberam viver e pensar dentro dessa proximidade, na nossa última limitação e origem extrema. Ou seja, o lugar terrível de onde brota toda a vida.

A criação resiste à morte, reinventando a vida: e a isso chamamos ressurreição.

UM OUTRO NOME PARA O TERCEIRO INSTRUÍDO

Eu não procuro, encontro — e não escrevo sem que encontre. Nada nos meus livros, em nenhum lugar, foi renovado noutro lado. Que é que existe de mais vivo, ao leve despertar da alvorada, além do inesperado improvável, tão desperto para o tempo, do que um achado?

Que tédio mais insuportável existe além do raciocinador repetitivo que copia ou parece construir, deslocando a cada instante o mesmo cubo? Que enfadonho passar o tempo a ruminar o passado! Que indolência repetir um método! O método procura, mas não encontra.

No entanto, leitor, como é fácil reconhecer-te num texto porque o recomças sempre do mesmo modo: pensas que compreendes esse retomar, mas apenas procuras sempre a mesma coisa. Pelo contrário, quem entende aquilo que encontra?

Exige-se muito de si mesmo e de quem o pratica: novo em cada linha, um texto não se apoia em nenhuma repetição. Arte muito mais difícil do que a da melodia infinita que se lança e se arrisca, errando por um caminho que para si mesma inventa e não regressa nunca a si ou cujo salto apenas se sustenta pela sua inquietude, exposto e explorado sem cessar num outro fragmento de terra, abrindo como um estandarte ao vento, indo em frente sem proveito nem ajuda, disposto sempre a nascer, alegre, desvairado, atormentado, torcido, torturante, estranho de ouvir, emanado das raízes do corpo como um voo de pássaro ao redor da folhagem de uma árvore, embrenhado, divergente, êxodo aberto que sofrem e cantam aqueles que apressadamente desejam que as novidades se tornem achados, arautos, trovadores.

Nascido sob um nome secreto, reencontrei finalmente os meus antepassados e escrevo desde sempre como um trovador.

A DUPLA GENÉRICA DA HISTÓRIA. MORTE E IMORTALIDADE

Apesar do seu nome glorioso, a força que possui e o seu gesto teatral, a criação não pode sobreviver por si mesma. Morre sem mecenas e não vive senão com ele: Estado, Igreja, empresa ou pessoa abastada. Se porventura se desinteressarem, logo ela desaparece.

E daí se extrai, portanto, uma definição: a criação vai morrendo. A filosofia distingue facilmente a natureza e a cultura, mas compreendemos bem por que isso acontece: sempre em vias de nascer, a primeira opõe-se ao que não deixa de perder as suas forças, enquanto a cultura luta pela sua existência e morre no acto de criar. Definição tão justa e tão profunda que, como aventura, a podemos reencontrar, aqui e ali, poderosa, rica, respeitada, dominante e fértil, mas não se trata com certeza dela mesma e antes de um seu simulacro ou contrafacção. Não pode haver boa saúde se não cria, mas dá a sua vida, pelo contrário, para o fazer. Podemos reconhecê-la por esse sinal que não nos engana: uma perda sem remédio. A cultura criadora é essa criança frágil que expira entre nós, recém-nascido em agonia desde o começo do mundo.

E, contudo, ela sobrevive. Ou melhor, conhecemos como Mecenas somente aquele que abrigou a sua imortalidade num estado nascente. A criança delicada liberta da morte histórica o mortal afortunado que a salva. E ela não apenas sobrevive, como ainda revela uma longa e histórica permanência de que só ela tem o segredo para subsistir.

Reside aí o doador e o beneficiário: um faz certamente viver o outro, que por sua vez contribui para que de alguma forma o primeiro possa sobreviver. Inútil é definir o generoso sem aquele que recebe, nem este sem aquele, porque ambos formam uma dupla indissociável. Ligados, de facto e de direito, embora de modo assimétrico, um deles joga a longo prazo e o segundo a curto, este mais pelo seguro e aquele com poucas possibilidades.

Virgílio seguramente teve um Mecenas e La Fontaine mereceu a atenção de Fouquet, mas é realmente bem escassa a probabilidade de que os dois últimos tivessem podido sobreviver na história apenas graças à fábula ou à epopeia. Numa dupla assim reunida e estável no tempo, o que é raro e comum, um assegura a passagem presente e em tempo real, enquanto o outro beneficia da sua continuidade num período tão longo.

Qual e como?

Na verdade, essa dupla, em conjunto, joga o prazo curto pelo longo, que é de resto inesperado. Mas, perante a sua ligação e no meio desse jogo comum, aparece entretanto a morte, individual ou corporal, ou colectiva, no esquecimento das gerações futuras. E juntas lutam contra o mesmo apagamento.

De facto, essa dupla não poderia esclarecer a história, dado que compõe a prosopopeia nas duas faces das próprias condições: aqui fortuna e ali génio, mas nos dois casos uma inencontrável e a outra ainda mais rara, ali a generosidade e aqui a criação, uma insólita e a outra ainda mais excepcional?

Eis, pois, a cultura e a economia, na sua ligação concretizada, como um dom e um contra-dom: que experiência crucial para nos permitir observar

as condições elementares da história sobre um exemplo singular e que maravilha poder aí decidir!

Antes e ainda há bem pouco, alguns situaram a economia como infraestrutura da história, enquanto vemos nisso apenas o que constitui a sua imediata condição. Inesgotável pelo tempo, enquanto a economia a decompõe em tempos breves, a cultura fornece a única e profunda infraestrutura, porque ela é apenas ela, pela sua fraqueza, tem força para permanecer.

¹¹ Daí uma nova questão: como é possível que o que entre nós se revela como o mais fraco, mesmo infantil ou está mesmo a morrer, numa perda irremediável, pode permanecer e continuar obstinado, sem alteração, quando os nossos corpos se corrompem ou os nossos bens e poderes desaparecem da superfície da terra? Como é possível que a cultura criadora estabeleça longo prazo da história e a sua continuidade, que paradoxalmente o lógico funda e condicione o material, que o que é fraco possa sustentar o mais forte? O material, duro, funde o lógico, mais fraco, no presente imediato, mas desde logo o prazo curto o substitui por uma longa duração, e assim a relação se inverte: o forte não dura e apenas perdura o mais fraco.¹¹

Mas, em primeiro lugar, porque acontece essa protecção, por parte da instituição ou dos homens ricos, em relação a essa criança fraca e moribunda? Como explicar essa improvável generosidade para lá das vantagens fiscais? Porque entregue a si mesma, a fortuna tende a reproduzir uma fortuna acrescida e obriga só a pensar nela, porque o comando não sabe engendrar senão a hierarquia, a guerra infantiliza o conflito e a concorrência a rivalidade, enfim, porque essas leis desencadeiam o tempo monótono da história através de reproduções tal como podem ferir os corpos mesmo espessos. Nada de novo sob esse sol dourado. O que se paga depressa aborrece. Comprem, pois, dez casas, tenham vinte engraxadores a trabalhar, usem vinte anéis de bom preço, instalem-se numa posição notável, que interesse permanece para conquistar mais alguma coisa? Porque na verdade sempre encontrará a mesma. O desejo ávido como enjoo pela repetição e, embora infinita, a vontade de poder, que sempre foi somente uma causa da desgraça dos homens, não encontra diante de si senão a obediência repugnante, numa relação que nos conduz à condição animal. Os grandes deste mundo comem no jardim zoológico. E daí a necessidade de procurar outro bem para lá do ouro e da dominação, que são produtos exclusivos de monotonia.

De novo se pergunta, pois, o que é a cultura criadora? Com frequência, de manhã, Mecenas recebia Virgílio que lhe lia em voz alta o que escrevera na véspera, partilhando juntos assim essa novidade. A criação inventa as novidades, contando hoje o que ignorava ontem — o meu ofício consiste

em escrever e dizer não apenas o que sei, fastidioso, morto e passado, mais que perfeito, mas, pelo contrário, o que eu não sei e que me espantará — e o mecenas passava de manhã a conhecer as novidades, não aquelas que todos os dias sopram aos nossos ouvidos acerca de outros crimes, mas as mesmas, outros escândalos, guerras, catástrofes, encaradas como poder, ainda e sempre as mesmas, velhas repetições monótonas de um mundo entregue à iterativa dominação, mas exactamente o imprevisível do artista, o inesperado e rigorosamente o improvável.

Nem Mecenas nem sobretudo Virgílio sabiam de véspera o que diriam no dia seguinte.

Em qualquer altura, essa dupla produz um tempo inédito. A cultura criadora vive com o novo e pode definir-se: a probabilidade mais baixa, portanto, a perda irremediável, a maior raridade. Nada menos monótono nem mais inestimavelmente precioso: sempre em estado nascente.

A velha língua francesa, nesse ponto mais vivaz e robusta do que aquela que depois passamos a usar, procurava encontrar esse produtor de uma improvável novidade: troveiro ao norte, trovador ao sul. Claro, não os reconhecemos senão como pesquisadores. O criador não procura, que diabo, ele encontra e, se não encontra, que adianta, pois, poluir a cultura com os seus ressentimentos?

Essa imprevisível invenção designa-se como paz, que deriva da invenção e a condiciona. A paz, mas também a vida.

O mecenas faz viver o artista no mundo oposto àquele em que o artista faz sobreviver o mecenas. Julgo que sobreviver não significa apenas prolongar a existência, mas também transfigurá-la. No reino do pão e da água que o generoso oferece ao criador, o tempo vai da esquerda para a direita, do nascimento à morte normal, no sentido da grande probabilidade, da certeza única do fim; no outro mundo criado pela obra que o trovador oferece ao doador, o tempo vai da direita para a esquerda, da morte para o nascimento, para o improvável, para a maior raridade, para a espantosa novidade. O artista e o mecenas reencontram-se na intersecção desses dois tempos.

Por isso, eu falo do filho. O criador, ao morrer, dirige-se para o nascimento e a infância, no outro sentido do tempo. E assim a obra não se utiliza e resiste à monotonia da história, cujo fluxo corre para as maiores possibilidades do poder, da glória e da morte. Seguindo para a infância e o nascimento, está sempre em vias de nascer, como a natureza geórgica e bucólica com que Virgílio anunciava ao Mecenas o seu parto todas as manhãs. Eis aí porque a cultura se torna uma segunda natureza.

O criador nasce velho e morre jovem ao contrário daqueles que, bem realistas e com os pés firmes na terra, como se costuma dizer, sabem nascer como crianças e morrer velhos, como toda a gente. Um oferece ao outro o dia que passa e o outro dá-lhe a inesgotável juventude.

Esses dois mundos que giram em dois sentidos diferentes e esses dois tempos desconhecem-se e raramente se apreciam. Nada têm de comum e é improvável que essa dupla contingente se harmonize através de algum dom.

É sempre mais difícil receber do que dar, porque todas as culturas exigem, expressamente ou de maneira tácita, um dom diferente. Prefiro chamar-lhe perdão. Que interessa àquele que faz bem chamar parasita ao que o defende, se lhe oferece um manto, um tecto e comida? Palavras inúteis, levadas no vento, coisas que não valem nada e por isso mesmo se não podem comprar.

E a troca salda-se então pelo desequilíbrio: tudo contra nada, eis um contrato leonino. Ou antes: a distância entre o material e a informação. O balanço ergue-se então, à medida que se avança em modernidade, em que aprendemos a estimar esta última definida justamente em teoria como improbabilidade, como grande raridade.

Mas existe uma informação corrente e rara. Tudo se joga então nisso a que eu chamaria o risco de raridade. Para um dom raro, um outro inencontrável; decerto que se encontram sempre poucos mecenas, mas ainda muito menos criadores.

A procura de um maior ressentimento faz fracassar, bem entendido, qualquer iniciativa de mecenato: o que faz mais barulho acompanha sempre o ar do tempo e não saberia antecipá-lo, mas o que anuncia um novo tempo chega sempre como um fôlego subtil de vento, suavemente, sem grande algazarra.

E daí esse resultado perigoso: o interesse propriamente cultural, poderosamente criativo, é muitas vezes — mas nem sempre — inversamente proporcional às paixões do momento e por vezes — nem sempre — corresponde ao que não revela nenhum interesse. A análise significa tudo para a obra de arte tal como a pesquisa científica: acontece quase sempre que se recusa toda a importância a um determinado físico aparentemente debruçado sobre questões sem interesse e que, passados dez anos, recebe o Prémio Nobel pela sua invenção inegualável, justamente nesse domínio. Não existe nenhuma garantia nem segurança para a criatividade; mas, inversamente, quando esta se impõe, reembolsa mil vezes a sua garantia e segurança para um tempo demasiado longo consentido ao seu doador, eventualmente já morto.

Portanto, o contra-dom relaciona-se com uma aposta quase sempre perdida, mas que se desdobra infinitamente, mais do que qualquer outra, quando se acaba de a ganhar. Esse ganho pode definir-se muito rigorosamente como o de uma segurança-sobrevivência, porque se trata de uma outra vida, da vida transfigurada que tenho tendência para considerar como a única viável, por se tratar de imortalidade e por ela regresso assim à continuidade da história. Virgílio tornou Mecenas imortal e arrastá-lo-á na sua bagagem enquanto a humanidade sobreviver, enquanto dez mil mecenas salvaram cem mil maus poetastros da fome que abundantemente mereciam.

Mas que interessa a celebridade! Apenas conta o tecido da própria história que ela demonstra e constitui. Por isso, designei como genérica essa dupla em que entrou.

Através da continuidade assim tecida, chegamos ao nosso tempo. Certas cadeias deterministas fornecem de preferência à sociedade dita de consumo produtos cujo valor muitas vezes mergulha num intervalo fulgurante: nove décimos, em volume e em peso, do que compramos no supermercado vão directamente para o caixote do lixo e aí encontram o jornal e a quase totalidade do que recebemos nesse dia pelo correio. Consumo ou consumpção denotam esse evidente desvio de importância. Assim, um país hoje prospera e desenvolve-se mais depressa quantas mais mercadorias lança para o lixo. De um objecto que circula perguntem a que preço se poderá comprá-lo amanhã ou dentro de cinco anos. Perdemos o sentido da raridade. Portanto, o longo prazo acontece em relação aos mesmos actos e ao mesmo tempo.

O Império Romano durou dois mil anos, a Idade Média da Cristandade um milénio, o domínio britânico no Mundo estendeu-se ao longo de menos de cem anos, o reino americano começa na última guerra e inicia o seu declínio passado um decénio, mas por quanto tempo governarão ainda os cinco dragões da Ásia? Devemos pensar o mecenato em face das condições reais que a história e a economia fazem valorizar, mas ele corrói-se proporcionalmente à velocidade das suas circulações: uma e outra crescem verticalmente. E daí os seus rendimentos decrescentes.

Proponho assim que se mantenha a designação de mecenato para as puras ajudas culturais, para os dons acordados àqueles que a sociedade actual, nem mais nem menos do que as anteriores, priva sempre de todo o bem, até morrer, e nomear por apadrinhamento, ou pior ainda por *sponsoring*, os dons que regressam, por rápida troca, através da publicidade, com os nomes próprios nas bandeirolas, no desporto ou na ciência, actividades nobres, mas quase tão ricas como os doadores, dado que pela inovação a pesquisa precede e comanda mesmo a economia. O contra-dom ultrapassa em tempo real o dom quando o veleiro ganha a corrida ou a descoberta relança a produção excedentária. Nesse momento de desvio vive para a mercadoria, a publicidade, como contra-dom informacional, que vale muitas vezes mais dinheiro do que o duvidoso produto que agressivamente deseja impor.

Um dom de contra-dom mínimo, eis aí o mecenato. Apenas esse mínimo alcança a corrente poderosa que faz perder a raridade. As palavras grau, graça ou gratuidade exprimem essa simples flecha de permuta sem retorno ou exigência de retorno. A lógica do grau difere da da permuta. Determinista, esta segue a circulação rápida e a baixa fulgurante que acabo de evocar, porque aí espera e representa a raridade. A troca calcula e procura ganhar, o dom gratuito representa para quem ganha perder e para quem perde ganhar.

A regra do mecenato aproxima-se muito daquela que exerço no meu trabalho diário, a que abrange todas as pesquisas, a que conduz a todos os achados e é esta: quem deseja salvar a sua alma aceita perdê-la e se tu não

queres salvá-la, seguramente que a perderás. Dificuldade inversa à da prudência voltada para o poder e a glória. Uma bate-se com a permuta e a outra lança-se no dom e nos seus puros acasos. Dessas duas espécies de jogo diferentes, os dois tempos de repente hão-de nascer e bifurcar-se.

Um mecenas tomba sobre o abade Delille, mau versejador, ou sobre Virgílio, imortal, sobre um pintor de domingo ou sobre Braque ou Rafael. O número de génios que morrem desesperados comparado com o dos impotentes distinguidos demonstra que a escolha, sempre difícil, se assemelha a uma lotaria, de onde se extrai essa raridade que já perdemos. A procura aleatória de uma tal improbabilidade, com a máxima informação, parece-me representar o papel actual e o trabalho positivo do mecenas, que restitui então no nosso mundo, como coisa banal, o improvável esquecido.

Então, estocasticamente, o dom pode alterar-se: pagar ou fazer troca de uma obra, com valor de usura rápida, que permanece trans-historicamente. E o mecenas mantém apenas o seu nome em relação ao artista. Por um acaso ou lotaria, o contra-dom impõe-se ao dom, infinitamente.

Essa mudança de permuta e de grau inverso ao próprio tempo que, em vez de usar, deprecia o valor, fá-la crescer verticalmente. Uma questão se coloca: o que se revela hoje, neste tempo sem cultura e de criação quase nula, como o único valor que resiste a toda a inflação e, pelo contrário, até sobe? Em que objecto se deve investir? Resposta unânime dos peritos: na verdadeira obra de arte. E isso eu gostaria de demonstrar.

Mas para se definir a autenticidade no tempo exacto, aqui e agora, não existe nenhuma certeza. Trabalhem, pois, e assumam os próprios riscos: uma lotaria para os audaciosos, a quem por vezes acaba por sorrir a verdadeira fortuna.

Imagino que Virgílio, uma bela manhã, recitou diante do Mecenas essa página do seu poema em que Eneias desce aos infernos. Quando o silêncio substituiu a música do dístico, o ministro perguntou se era necessário que o herói morresse para entrar no outro mundo.

— E desde então — acrescentou ele —, como pensas que se livrou disso? Julgas que ressuscitou?

— Não sei — respondeu Virgílio —, se morreu ou não morreu por isso mesmo, mas seguramente que esse risco terrível nessa visita infernal condiciona a existência e a beleza das obras. Não existe nenhuma verdadeira criação sem uma viagem assim tão negra.

— Explica-te, então! — gritou o Mecenas, angustiado.

— Aquele que sai da sombra, e não sei como — retomou o autor da *Eneida* —, chama-se Eneias, como eu o fiz, ou talvez antes Homero, que aqui recordo e que na *Odisseia* fez descer Ulisses aos mesmos lugares. Evocamos a sua sombra pela magia do ritmo: Eneias abandona enfim o abismo, Homero sai daí, Ulisses também e ainda Orfeu, e antes deles o seu

antepassado milenar, o arcaico Gilgamesh, que foi o primeiro no fértil crescente, pelo menos na nossa memória, partiu ligeiro em busca da imortalidade. Da caixa negra em que um dia decidiram mergulhar, libertaram-se, um após outro, finalmente mitridatizados contra o esquecimento, renascidos, ressuscitados, os únicos verdadeiramente imortais em virtude do seu suplício. Eis aí como pela recriação heróica a cultura se torna uma segunda natureza, a verdadeira, aquela que compreende o que é nascer, isto é, sair realmente do nada. A única obra bela que nos conduz à juventude e à beleza única chamada humanidade no seu presente vivo sempre recriado.

— Mas — perguntou ainda o ministro —, que quer dizer essa cena ou essa série múltipla, que significa essa sequência, paralela à história dos nossos saberes, uma longa teoria de nomes ilustres desenvolvida antes de Eneias nos séculos dos séculos, Gilgamesh, Orfeu, Ulisses, sem esquecer Hércules e Teseu, semideuses que, não na história mas pela lenda, se aventuraram também nesses inomináveis subterrâneos?

— Que se o género humano não receia a morte no seu conjunto e na sua história — diz Virgílio com entusiasmo —, isso o deve aos raros heróis que lutaram de perto para produzir e ligar entre si as gerações; podemos chamar-lhes os nossos barqueiros: um pouco como cada um de nós faz na sua passagem do sexo para que os próprios filhos se afirmem depois do seu desaparecimento. Tal como o amor tece a nossa ligação própria e individual, corpo a corpo e na genética, a arte cumpre essa transmissão na sua mais longa duração, pela aceitação de uma morte pessoal que consolida a história como a nossa própria condiciona o nascimento dos nossos descendentes. Sentimo-nos vivos e juntos, no tempo, pela obra assim realizada, em parte pelo que nela integra todo o saber e em parte por não recearmos estar face a face com o mal, a dor, a injustiça e a morte.

O Mecenas, de pé, entusiasmado com esta profunda visão, ainda pergunta:

— Mas depois de nós? Depois de ti, que saís do nada nesta página memorável?

— Imagino — responde Virgílio —, e espero ou profetizo, que essa passagem não pára; quem sabe se o futuro assistirá ao advento de uma religião — esse entusiasmo diligente que resiste à negligência — fundada em parte sobre essa ideia em que nunca ninguém acredita e se revela como o mais grave dos perigos; incarnaria num homem que poderia dizer-se divino e renasceria depois de ter aceite morrer às mãos dos mais poderosos de entre os seus contemporâneos. Depois dele, as obras de música, de pintura, os poemas, as estátuas, celebrarão durante alguns séculos a sua ressurreição, que começará a história da sua era, a da boa nova que consiste em situar a nossa morte, não já perante nós, como sofrida, mas finalmente antes de nós e verdadeiramente esquecida. Porque também então se sairá dos infernos. Gostaria que um génio nascesse na Itália, não longe daqui, e mais tarde me fizesse descer eu mesmo com ele a esses seus lugares abomináveis, em companhia de uma mulher tão feliz pela viagem

que se chamará Beatriz. Ajudá-la-ei a entrar, uma vez mais, loucamente, e depois a sair, como promotor de uma bela obra. Não, acrescentou sonhadoramente, não posso conceber que essa sequência histórica se detenha. A nossa história fundamental acompanha a dos predecessores que mostram o caminho mais difícil e uma exigência radical. A arte sai do túmulo. Se a semente morre, claro, não pode dar belos frutos. Não te afirmo mais do que uma lei da vida: mas as leis da que é mais longa não se enunciam senão pela mais breve, aquela que pertence aos nossos corpos finitos. Sem dúvida, existe na carne viva um programa próprio, escrevo na minha própria linguagem, com alguns outros, a carta da história.

E Virgílio calou-se, finalmente.

Quem lhe sucede? Nos nossos museus, as multidões comemoram hoje a ressurreição de Van Gogh ou Gauguin, que morreram na miséria e de fome, sem ajuda nenhuma, e celebram esse seres vivos espantosamente presentes com mais importância e fervor do que os grandes que se encheram de glória, ricos, poderosos, conquistadores, ou decapitados entre os próprios rolamentos que os tambores do poder deixam entender, pobres em obras e posteridade. Sem o afirmar, ela sabe, sente que descende decerto de convencionais ou de marechais, mas ainda mais de um miserável perdido nos arquipélagos do Pacífico, como Jean Valjean se perdeu nos esgotos de Paris, em busca dessa mesma beleza que também suscitaram esses nomes e esses corpos que suportaram o tempo.

E nós ignoramos o nome do miserável que, nesse mesmo momento, dá a sua vida pela obra que os nossos netos consumirão para sobreviver: porque se a vontade de pão por vezes se atenua, essa fome, como eu espero, jamais se apaziguará. Finalmente, o que é então a cultura? A ressurreição irregular e regular daqueles que enfrentaram a morte para criar, que retomam para ligar a tradição de ontem à vivacidade de hoje. Sem eles não há continuidade, não existe imortalidade para a espécie humana, sem o seu reconhecimento não há história.

Portanto, a quem se deve chamar mecenas? A essa junção em que a longa duração alia a vida breve, aos lugares raros em que a história se projecta sobre o momento que passa e pode ser a pedra tumular para que um fantasma renasça ou regresse, aquele que nos visita hoje, como Ulisses e Gilgamesh visitaram Mecenas pela voz de Virgílio, como este visitou Dante e lhe deu o seu ramo de ouro, como a sombra de Beatriz flutuou sobre nós por um momento, fantasma evanescente, desconhecível, pronto a apagar-se nos ventos suaves, mas que só por si tem a qualidade, a força geradora e a capacidade de nos reunir, na transmissão humana global e para a sementeira inesperada de grandes criações, nestes dias sombrios.

Aí está incandescente e, recriado pela ciência e pela morte dos homens, ci-lo como espírito, língua de fogo, semente de outros sóis.

EDUCAR

Lei do rei: nada de novo sob o sol
De novo sob o sol, algures
De novo sob o sol, aqui
Eu. Noite
Tu. Dia
A terceira pessoa: fogo

BIBLIOTECAS

LEI DO REI: NADA DE NOVO SOB O SOL

A temperatura não é mais do que a variável do clima de um certo lugar. Mil outros elementos mudam aí ao mesmo tempo, ligados entre si: o relevo e a altitude, a humidade, a espessura da camada de terra arável sobre a rocha, a riqueza e a densidade da flora ou da fauna... Alguns equilíbrios locais, estáveis ou transitórios determinam esses factores. Suponhamos que uma das variáveis, a temperatura, diminui ou aumenta fortemente, influenciada por qualquer razão.

O frio sobrevém e impõe-se, torna-se terrificante ou poderá dizer-se que aí se impõe. Ganha e reina. Não transforma moderadamente o equilíbrio frágil obtido pela fusão ondulada de numerosos factores, mas sufoca ou encobre a sua densidade. O Inverno ganha a batalha: sobretudo como rei, comanda sozinho os ventos, sustém as águas, nivela o relevo, cobre a terra e os mares, expulsa ou rarifica a flora e a fauna, impõe certas espécies, embranquece totalmente o espaço e o volume: uma única lei vitrifica a extensão, nada mais haverá de novo sob essa luz distante e gelada, através desses plainos descorados. A monotonia não se repete perante um olhar indiferente, fonte de luz sem chama diante da qual desapareceu o inesperado. Quando surge a uniformidade, um sol todo-poderoso, ausente ou presente, produz com efeito essa luz.

Frio. Nada de novo sob o sol.

Mas invertamos essa tendência: ganha, reina o calor, desertifica o espaço, expulsa ou mata de fome animais e plantas, cobre a terra de aridez e faz evaporar as águas do mar, nivela as colinas e atulha os vales, enfim, impõe a sua única lei aos ventos. A chama destrói o volume com o seu calor e a extensão cumpre a sua ordem.

Reina a lei do frio nos países do Norte, a do calor governa o Sul, nada de novo através do sol ou sem ele. A sabedoria de Salomão coloca-o tão longe que ele observa, desligado, a dissolução que entretanto a insolação produziu. Terá ainda lugar sob o seu olhar? Decerto, mas faz-se sobretudo pela própria acção. Se se retirar, o banco de gelo branco avança, estala e o deserto ocre estende-se pelo espaço. Ao contrário, quando o novo falta, procurem, se acaso não estão mortos, o sol que o faz estar ausente.

Nada de novo sob o sol.

Prova disso são os países temperados, onde a temperatura se suaviza, porque a madrugada cai e o crepúsculo se alonga diante do pudor da manhã. E assim reaparecem em catadupa os outros factores: faz-se tépido e fresco, seco e húmido, calmo e ventoso, luminoso, claro-escuro, aparecem abetos, palmeiras, uma fauna bastante variada: tudo se pode ver ao mesmo tempo. O clima não atinge o cume, o espaço não se limita já a uma excessiva submissão. Essa mistura variável poderia designar o tempo, palavra que significa a mistura ou temperamento e com que se qualificam os países ditos temperados que, por essa razão, como suponho, em contrapartida inventaram assim a história, quero dizer uma sequência temporária temperada como uma gama de acontecimentos.

A novidade sobrevém se o sol se conserva.

Se as águas se mantêm. Com a enchente, começa e impõe-se o dilúvio até que tudo se abisma sob o peso das suas águas. Ainda aí uma única lei: a transgressão marinha, reinante, engole tudo sob o nível calmo da água sedosa.

Se uma espécie ou uma variedade viva se mantêm. Imaginem a Terra coberta por milhões de lagartos quase todos idênticos ou uma praia interminável coberta de caranguejos escuros movendo-se sem nenhum espaço aberto, todos expostos a um crescimento vertical da reprodução. Ou ainda o espaço invadido por uma rede inextricável de lianas entrelaçadas, de uma única família, ratos do mesmo grupo ou formigas com os mesmos hábitos políticos. E esses ratos, esses lagartos, que poderão eles comer quando tiverem vencido a famosa guerra da vida, de forma a não poderem viver senão num ambiente exclusivo de ratos ou de lagartos? De lagartos?

Ou se os homens se mantêm. Modelamos o mundo só para nós, animais acima de tudo exclusivamente políticos, inexoráveis triunfadores da própria luta pela sobrevivência, encerrados para sempre na cidade construída sem limites, coextensiva ao planeta: quem pode sair hoje de uma cidade chamada Japão ou de uma estufa chamada Holanda? Uma catástrofe: quando as estufas cobrirem a terra. No meio das pedras e do vidro, os homens não terão senão vidro e pedras sob eles, para edificar, e diante deles, para viver, num mundo enfim vitrificado, submetido apenas à sua própria lei. Vivendo apenas de relações, não comendo, não bebendo senão através dos seus próprios laços, dedicados enfim à política e só a ela, finalmente sozinhos, como longas lianas em redes alimentadas pela comunicação,

grandes colônias de formigas agitadas, lagartos aos milhões. A espécie a que o homem pertence triunfa, vai reinar, não se desconfia dela, não se mantém, não reserva nada da sua força, da sua ciência, da sua política. A «hominidade» deve aprender essa moderação, pudor e vergonha; a sua língua deve manter a litotes e a ciência a sua reserva. Perseverar sem cessar no próprio ser ou na sua força o que caracteriza a física do inerte e o instinto dos animais.

Sem dúvida, a humanidade começa com a moderação.

Mas Deus também se modera. Deus é o único ser a quem semelhante aventura já aconteceu. O monoteísmo destruíra os deuses locais, já não ouvimos as deusas rirem-se nas fontes, nem vemos os génios aparecerem no meio da folhagem; Deus esvaziou o mundo, diz-se mesmo que o grande Pã está morto. Quando o sol surgiu do lado do Médio Oriente, as estrelas empalideceram, mergulharam no braseiro da unidade muitas das suas luzinhas. Nada mais pode pretender alcançar a novidade sob a tocha da omnitude: um poço absoluto de verdadeiros pensamentos, onnipotência condicional e criadora, pré-formação de todo o possível, dominado pela lei, Deus não se modera.

Um erro. Deus modera-se em toda a eternidade. Limitado — poderá sê-lo? — pelo poder do mal, portanto dual e trinitário, rodeado por múltiplos mensageiros, serafins e arcanjos, poderes e dominações, sobrecarregado dia após dia pela pequena glória dos homens chegados à beatitude ou à santidade, coberto de mártires, virgens e da Virgem, Deus reserva-se ou, como é de sua natureza, modera o seu poder. A história sagrada de Deus narra outra coisa além da própria solidão e mostra, pelo contrário, a sua moderação, a sua suspensão, as nossas liberdades. E daí a sua bonomia, a sua tolerância, a sua doçura... Mas se Deus não aderisse ao estrito monoteísmo? Que diabo, Ele criou o mundo e de súbito muita gente pretende comandá-lo!

Talvez Satã demonstre a clemência de Deus. Talvez o mal existente demonstre a sua bondade. Talvez a existência dos maus demónios, como a dos anjos e dos querubins, como a dos santos, da sagrada família, bons e maus espíritos enfim na mesma linha e por uma vez na mesma função, talvez a existência de todos os impedimentos que Deus tolera ou que nós impomos à sua ubiquidade, incluindo a sua própria encarnação, nos falem da sua benevolência e da sua misericórdia, em todas as latitudes em que se afirme. Devemos agradecer a Deus revelar-se bastante moderado para lá do monoteísmo. Sobrevivemos talvez com essa reserva. Talvez Deus não tenha criado o mundo senão no campo da sua abstenção? Que significaria tudo isso se não fosse moderado?

Dominado pela tradição, acreditei durante muito tempo que o monoteísmo tinha morto os deuses locais, e lamentei a perda das hamadriades,

pagão como todos os camponeses meus antepassados. A solidão em que se encontravam as árvores, os rios, os mares e os oceanos fustigava-me, sonhava voltar a povoar esse espaço vazio, teria mesmo facilmente exigido o regresso dos deuses derrubados. Odiava o monoteísmo desse holocausto de divindades, parecia-me uma violência completa, sem perdão nem desculpa. Mas incapaz de pensar de outro modo, por estar ligado à batalha milenária dos deuses, a essa gigantomaquia de que fizemos o nosso modelo.

Pelo contrário, vejo que Deus acolhe os deuses, não estende os seus braços para o diabo, dado que Satã, é evidente, toma sempre todos os poderes do Mundo sem que alguma vez proteste, reparo mesmo que se deixa perturbar pelos anjos e sofre a concorrência da suave legião dos santos, que desaparece mesmo um pouco na confusão das asas, das auréolas e dos mantos, que mal se lhes distinguem as palmas. Descubro que Deus é bom e talvez mesmo fraco infinitamente. Modera-se, com pudor e vergonha. E chegou mesmo a deixar-se matar sem reagir de forma admirável. Ao mesmo tempo, rio-me da velha gigantomaquia dos pequenos deuses locais, sem cessar como nós sempre em pé de guerra. E considero-me assim já menos pagão.

Uma lei única, pretensamente geral, resulta da expansão forçada de um elemento local que perde a moderação, nunca a teve, esquece mesmo a noção, que tinha aprendido, para fazer desaparecer o resto.

A alvorada apaga as estrelas, nada no céu será novo depois dela. Ora, o Sol não é mais do que um anão amarelo cuja aurora esconde os gigantes azuis. E todavia os supergigantes continuam a girar, tal como as próprias galáxias. Mas são inteiramente mais gigantescos, reluzentes e coloridos. O anão perdeu a sua dimensão e deixou a moderação. E todavia os outros ainda giram. A expansão da lei única de uma estrela muito pequena chama-se aurora.

Os gases ocupam por si mesmos o volume que se oferece em face da sua pressão expansiva. Nunca ninguém viu qualquer gás fazer prova de retenção para deixar vazia uma parte do espaço. A barbárie segue a lei única. A lei da expansão. A dos gases. Que se propagam. A barbárie espalha-se. A violência espalha o sangue, que por sua vez se derrama. A pestilência, a epidemia, os micróbios propagam-se. O ruído, o estrondo, os rumores espalham-se. O mesmo acontece com a força, o poder, tal como os reis. E também a ambição. A publicidade. É preciso fazer uma lista de todas as coisas que se espalham tão amplamente como qualquer gás, de todas as coisas que se expandem, ganham espaço, ocupam volume. O mal estende-se, eis a sua definição: excede os seus limites.

E se o sábio escolar se reduzisse a um anão amarelo? Um desses pequenos que estalam com ruído para esconder alguns supergigantes azuis e silenciosos?

Ao invés, quem louvará o pudor da cultura, a vergonha da verdade, a litotes da bela língua, a moderação da sabedoria? Passagem e falta de excelente qualidade: não é bonito sacudir do ombro os próprios defeitos. Faltas e defeitos são exigidos pela verdade, pela beleza, pela bondade, decerto, mas também pela vida.

Devemos isso à própria moderação de Deus, criados que fomos nas margens da Sua reserva. Mas devemos isso também ao conjunto das faltas cometidas pelos outros seres vivos, a terra, a atmosfera, as águas e as chamas que, em contrapartida, devem a sua existência às reservas marginais que lhes deixamos.

A morte impõe sempre a sua lei, portanto, o nascimento esconde o seu estábulo nas margens do não-direito. Natureza é moderação.

Nada nasce, como novo, se algum sol exasperado o impede.

A obra nasce num espaço moderado.

A moral exige em primeiro lugar essa abstenção. Primeira obrigação: a reserva. Primeira máxima: antes de fazer o bem, evitar o mal. Abster-se de todo o mal, moderar-se simplesmente. Porque se se expandir, tal como o sol, também o bem depressa se torna no mal. Esta primeira obrigação condiciona a vida, estende uma vontade até uma zona de emergência de onde resultará a novidade.

O novo pode nascer sob esse claro-escuro.

O homem educado modera-se. Reserva alguma força para moderar a sua força, recusa dentro de si e à sua volta a força bruta que se propaga. O sábio desobedece, pois, à lei única de expansão, não se mantém sempre no seu modo de ser e pensa que erigir a sua própria conduta em lei universal define tanto o mal como a loucura.

Por isso, a razão procura não sofrer qualquer influência, em particular a da sua própria expansão. Reserva alguma razão para moderar a sua razão. O homem educado e razoável pode, pois, desobedecer à razão, para que certas margens nasçam em seu redor, com vista a uma coisa nova. Inventa a boa nova. É um descobridor.

Se o sol, se as águas se moderam, se as espécies vivas reservam a sua força, se nós refreamos a expansão das nossas razões, então é porque Deus se absteve. De contrário, existiria só por si. Mas muito dificilmente se pode distinguir na densa multidão de santos e anjos, em que se encontrou ainda a sua origem, fragmentada ainda na Trindade. Esconde-se e deixa-se invadir. A sua ausência no espaço e na história significa a sua moderação.

A boa nova nasce à meia-noite: sem sol.

Deveríamos dissimular-nos um pouco sob as árvores e os juncos, abrir as nossas políticas aos direitos do mundo. Cada um de nós deveria moderar-se, sobretudo abster-nos em conjunto, investir uma parte da força na atenuação da nossa força.

Como humano que nunca baixa os braços perante os fracos, por obrigação, ou perante os fortes por ressentimento, mesmo em relação àqueles que são demonstradamente maus. A humanidade torna-se humana quando inventa a fraqueza, que é fortemente positiva.

Perseverar sem cessar no próprio ser, ir mesmo para lá da sua perseverança inteiramente desenvolvida, ultrapassar conservando, eis um comportamento de loucura. A paranóia poderia definir-se pela expansão de um traço local exasperado, vitrificando o espaço mental para não deixar nenhuma oportunidade ao crescimento de uma outra variável. Presente, um psicótico irradia uma outra presença, como nele se aperfeiçoou a psicose. Real, imperial, solar, mantém o seu próprio ser, expande-se, converte o próprio meio à sua volta. A propagação da patologia excede tudo o que encontra à sua frente e absorve isso, conservando-se. Nada de novo sob essa loucura.

Mas nós suportamos mal essa psicose quando um indivíduo a impõe, embora por vezes ofereçamos a própria vida quando ela se torna colectiva. As nossas condutas sociais traduzem muitas vezes as doenças em modelos gigantes ou adicionam um número de átomos ou de elementos que, encarados separadamente, se reduzem a um estado mórbido. A loucura, a grande loucura, quase sempre muito ou pouco se assemelha à conduta daquele que deseja tornar-se rei e começa a identificar-se com o Sol. O povo não se ilude por muito que o louco se considere um Napoleão. Ora, nunca se diz que se engana aquele que crê. Mas é preciso que algum dia qualquer géometra corso acredite nisso até ao fim. O colectivo concentra-se e reconhece-se em redor do potentado que tudo procura fazer para que o tomem como verdadeiro. Se o consegue, ei-lo coroado como imperador, mas se fracassa, depressa o apontam como louco. A linha divisória é muito menor do que a que separa as duas tentativas decisivas. Em todos os casos, eis aí uma variável singular que tenta ir além do seu pequeno nicho, que se mantém no próprio ser ou se excede, conservando-se. Para se definir a loucura, não receemos utilizar certas palavras metódicas da filosofia.

A loucura desenvolve-se segundo a mesma lei de expansão daquela mesma que designamos como razão. E esta pretende invadir todo o espaço como não importa qualquer outra variável ou qualquer outra desrazão. Razoável significa a moderação antes da capacidade da sua própria razão, de maneira que se designa assim aquele que nem sempre tem razão e não impõe nenhuma vantagem sobre aqueles que nunca têm razão nem sobre aqueles que, em rigor, podem por vezes ter razão. Ínfima e próxima de zero é a probabilidade de ter sempre razão em relação a tudo e a todos.

O pensamento começa quando o desejo de saber se liberta de qualquer tendência para a dominação. Educamos os nossos filhos a ter vergonha da razão para que manifestem o seu pudor. Entendemos como razão esta proporção: ele determina a quantidade ou o volume de um elemento pre-

sente numa solução. Que parte de água existe nesse vinho puro? Como nome dado também ao coeficiente de propagação numa sequência ou série, a razão investe-se dessa proporção. Uma não avança sem a outra, mas não há razão nem proporção sem se confundirem; a razão razoável rir-se-á, pois, da razão pura, como de um oxímoro, de tal modo ela mergulha nos corpos confundidos, de tal modo nos ensina tudo o que não é, e de muito longe, sempre e por toda a parte como aquilo em que conta. Como podemos nós ter dela uma ideia expansiva e unida que se tornou em loucura, muito ao contrário, pois, de uma proporção?

Mas a razão modera-se. Ela nasce, sob a designação grega de *logos*, relação ou proporção, quando Tales descobre, junto das pirâmides, que os grandes valem como o pequeno segundo uma idêntica relação. Queópe e Quéfren, admiráveis faraós, pela primeira vez moderam-se perante Miquerino que por si mesmo se previne diante do corpo do geômetra, de pé, livre e firme, cuja estatura medíocre projecta, sob o sol, uma sombra semelhante às três sombras enormes de acordo com a mesma razão. Tales inventa a ciência nas trevas, fora das loucuras solares dos reis.

Eis aí algo de novo à sombra do sol.

E então a novidade ergue-se em cada minuto do dia ou da noite: essa fecundidade ininterrupta do tempo, inesperada no deserto seco e abrasador, é designada por nós como a história das ciências, que equivale à das moderações da própria razão.

Mas a ciência racional modera-se. Nós organizamos meticulosamente um mundo que apenas o saber canonizado regenerou, um espaço que arrisca assemelhar-se quase à terra coberta de ratos. Unificada, louca, trágica, a ciência ganha, depressa vai reinar, como reina e domina o Inverno. Excelente é decerto o saber, mas como o frio, quando permanece fresco. Justa e útil é seguramente a ciência, mas como o calor, permanece suave. Quem nega a utilidade da chama e do gelo? A ciência é boa, quem o nega, e mesmo, se disso estou certo, mil vezes melhor também do que mil outras coisas boas, mas pretende-se que seja a única e a melhor, e se comporte como se assim não fosse, entrando assim numa dinâmica de loucura. A ciência tornar-se-á sábia quando se moderar a si mesma e fizer tudo o que pode fazer.

Por mais judiciosa que se apresente uma ideia, torna-se ainda atroz se reina sem qualquer partilha. Seria perigoso que as ciências duras se impusessem somente pela própria maneira de pensar. Ou de viver. Poderemos conceber que as ciências se tornem sábias, porque bastaria aprender a litotes, a reserva, a moderação; o conteúdo de uma ideia importa muito menos do que a sua conduta, o valor da ciência estima-se pelas próprias metas alcançadas e também pela sua verdade: um juízo tempera o outro. Sim, que importa o rigor de um teorema ou a sua profundidade se acaba por sufocar os homens ou fazer pesar sobre eles um excessivo poder?

'A sageza consente a sua própria medida. O receio de uma solução unitária é o começo da sabedoria. Nenhuma solução constitui só por si uma única solução: nem uma determinada religião, nem uma dada política, nem uma certa ciência. A única esperança que permanece é a de esta última poder ensinar uma sageza tolerante que as outras instâncias nunca souberam ensinar verdadeiramente e evitar assim um mundo unido, loucamente lógico, racionalmente trágico.'

A verdade, por direito, não deve assumir o direito de se espalhar pelo espaço. A sabedoria acrescenta uma moderação ao que é verdadeiro, reserva-a aos critérios do que é verdadeiro. Além disso, não poderei considerar como mais verdadeiro quem não pode nem sabe moderar a sua conquista.

Loucura da verdade solar.

Mas tal como a ciência e a razão se moderam, também isso acontece com a filosofia. Amo a filosofia porque ele traz consigo essa palavra de amor que estimo, essa sageza que demorei a descobrir, não conheço nada de melhor do que ela, de mais vasto, mais quente, mais profundo ou mais extensivo e luminoso, nada que se revele mais inteligente, nada que compreenda melhor as coisas do mundo, os meios da história, da linguagem e do trabalho, que permita viver melhor e aceder à rara beleza, porque a ela dou a minha vida, o meu corpo, o meu tempo, os meus prazeres, as minhas noites e as minhas aventuras, mesmo os meus amores, ela os assumiu e melhor soube valorizar, mas tão seguramente como a amo, sei que não é necessário promovê-la nem dar-lhe qualquer poder, antes pelo contrário tudo devo fazer para a impedir de o ter. Muito perigosa. Mas amante da filosofia, nunca me tornarei um seu zelador. Não faço nada para engrandecer a sua força.

A filosofia deve engendrar homens de trabalho, mas desejo que ela seja estéril para os homens de instituição e de poder. Estéril, a instituição conserva o seu modo de ser, avança, obstinada e persistente. A obra, tímida, fraca, frágil, perdida, espera que a aceitem, brilha suavemente como uma pedra no vazio, felizmente não se espalha por si. Em relação a si mesma, a obra modera-se. Não há nada de novo no seu claro-escuro.

Se a filosofia, esquecida da obra, pode em qualquer parte revelar a sua força, ela reina entretanto nos cemitérios. A história não nos mostra nenhum exemplo em contrário. Muito perigosos, são os filósofos. Mais terríveis do que os políticos, os padres, os cientistas, multiplicam um pelo outro os riscos dos outros. Não conferimos poder às ideias porque elas multiplicam o alcance da sua força. Muito perigosas, são as teorias. Como se expandem pelo espaço, alguns milhões de homens desfilarão entretanto num passo cadenciado ao longo de milhares de quilómetros desde o próprio lugar de partida diante dos retratos gigantes daqueles que os promoveram. Propagação única e solução final. Julga-se sempre que uma ideia não é perigosa apenas porque ela é falsa. Mas na melhor altura exprimirá a verdade e assim devemos evitar a sua publicidade.

A sagesa própria da filosofia resulta da sua moderação, construindo esta um mundo universalizante, enquanto a arte a rodeia com uma margem de beleza reservada. Filósofos, criem pois a vossa obra com seriedade e sofram em silêncio como é próprio dos poetas: aqueles que em geral são excluídos da cidade. Mas é melhor assim. Construam uma obra grande onde se encontrem precisamente localizadas todas as coisas do mundo, rios, mares, constelações, os rigores da ciência formal, modelos, estruturas, proximidades, exactidões aproximativas da experimentação, turbulências ou percolação, flutuações da história, multidões, tempos, pequenos desvios, as fábulas da língua e os contos populares, mas construam-na de forma tão bela que seja moderada pela sua própria beleza. Moderada com singularidade. Definida. Preservada do excesso. Por sorte e por definição, o inimitável não encontra imitadores e, portanto, não se expande nem se propaga.

Tudo belo, tudo novo.

O belo contém o verdadeiro, quero dizer retém-no, limita-lhe a expansão, apaga o rasto quando ele passa, dá forma às suas partes. O verdadeiro exige um limite e vai buscá-lo à beleza.

Quando a ciência e a razão tiverem atingido a beleza, então, não corremos nenhum risco. Como uma coisa bela, a filosofia afasta todo o perigo.

Por ser belo, o que é verdadeiro esquece-se de avançar no espaço. O belo é o verdadeiro em paz consigo mesmo: a verdade moderada.

Mas também a língua se modera. Nada, sei isso profundamente, é tão belo como a minha língua, secretamente musical, nada se esconde com tanta discrição, precisa e clara sem estalar, nenhum modo de expressão se aproxima mais da litotes, nada existe de tão puro como o gosto francês, excelente, refinado, secreto, tão ausente como Deus sob o manto dos querubins ou o lilás de uma pêra ou maçã secas num velho Yquem, nada se aproximou tanto da beleza que eu não poderia suportar que se não falasse por toda a parte apenas e sempre na minha língua.

Sofreria muito, creio, se tivesse hoje de falar em inglês, quero dizer se tivesse de considerar o inglês como língua materna. Claro, isso já não se modera e, no entanto, como é belo!

Quando todas as pessoas no mundo falarem, finalmente, uma mesma língua e comunicarem a mesma mensagem ou a mesma regra de razão, descereamos então, pobres imbecis, mais baixo do que os ratos, seremos mais estúpidos do que os lagartos. A mesma língua e ciência maníacas, as mesmas repetições dos mesmos nomes em todas as latitudes, a terra coberta por simples tagarelas rabujentos.

Quando os poderosos e os ricos não falarem senão em inglês, descobrirão que a língua dominante no mundo revela uma falta de pudor. Mas terão deixado, com desprezo, os outros dialectos aos pobres.

Por serem mais fortes, apenas os melhores se conseguem moderar. Os cidadãos livres de Atenas, de Tebas, os revolucionários parisienses do ano II, os potentados do Ocidente, hoje cheios de dólares, inventaram ou

praticam, dizem eles, a democracia, enquanto lhes servia ou serve ainda de publicidade ou de barreira para esconder como esmagaram os escravos e metecas, como substituíram os nobres decapitados ou como exploram ainda até à morte o Terceiro Mundo.

Qual é, pois, a melhor forma de governo?, perguntam a cada passo alguns teóricos. Enunciada assim, a resposta impõe-se desde logo: a aristocracia. O governo dos melhores é a melhor forma de governo, o Ocidente sempre o conheceu desde a alvorada do seu próprio tempo.

Sempre e por toda a parte dentro da nossa cultura, os aristocratas se consideraram como iguais, irmãos de armas submetidos à implacável lei dos duelos, equivalência das fortunas por uma concorrência selvagem, auxílios impiedosos entre os peritos merecedores, porque é sempre necessário formar ou imitar o ideal do homem, isto é, o melhor possível: nascer, rico ou inteligente. Quando se conhecem apenas alguns exemplos e se actua dentro de certos modelos, como evitar a competição, ou seja, a aristocracia e a desigualdade?

Optimiza-se então uma tendência, escolhida: aumentam as armas, as riquezas ou os méritos, começa a corrida, para que a força ganhe terreno, ou a fortuna, ou o talento. Porque é que se devem moderar sempre as melhores coisas?

Ora, descobrimos há pouco essa nova mas antiga evidência de que a Terra não pode dar aos seus filhos o que hoje os ricos lhe arrancam. Existe uma certa raridade. E, então, os nossos modelos aristocráticos constantes melhoram ou optimizam esta ou aquela tendência para que possa invadir o espaço, a verdadeira democracia, aquela que eu espero, que minora ou minimiza a mesma ou a referida força. Beneficiar de algum poder e com ele prevalecer, eis aí o começo da sagesa. Da civilização.

Filosofia política da moderação: a única igualdade pensável supõe, aliás, não já a escassez de riqueza, mas enquanto valor positivo, a pobreza.

O Terceiro Mundo precede-nos.

Partamos.

DE NOVO SOB O SOL, ALGURES

Durante a batalha do Pacífico, uma das mais duras da última guerra mundial, um navio de apoio, de que não direi o nome nem a bandeira, recebeu ao mesmo tempo uma tal chuva de torpedos e de projecteis que meteu tanta água como a sua tonelagem. Mas não foi ao fundo, porque um navio nessas condições extremas ainda consegue flutuar.

Sem máquina nem rumo orientado, privado de todo o contacto através da rádio, envolto de súbito pela bruma, dominado por fortes correntes e depois por ventos quando a borrasca se levantou, desamparado, entregue aos meteoros sem poder actuar, errou assim sozinho durante duas ou três semanas pela vastidão deserta do mar, depois de ter perdido a sua esqua-

dra que, julgando no fundo desde há muito, acabou por deixar de procurar. Como as coisas vivas e mortas desapareciam nas águas, quase toda a equipagem se encontrava nos pontos mais altos, entre mastros e envergaduras, procurando em todas as direcções qualquer sinal no horizonte. Os que se salvaram contaram depois que nesses momentos acreditavam ir deixar para sempre o mundo dos homens.

E, de repente, uma bela manhã, dá-se o milagre. Terra! Terra! Iluminada pelo sol que surgia do levante, mesmo na sua frente, uma barreira de coral com uma laguna tranquila de águas verdes, vislumbram aí uma extensa costa plana de areia e atrás dela altas falésias enfeitadas de palmeiras e cascatas. Disseram ser a ilha Coco, uma das mais belas das terras pacíficas e das mais típicas, mas situada alguns milhares de milhas mais a leste.

Uma vaga tranquila arrastou o navio, corpos e bens, para a primeira extremidade de pedra, onde parou e encalhou em dois minutos, como se tivesse esperado, em equilíbrio, durante vinte dias esse momento fulgurante. Depois, as jangadas e baleeiras, atiradas antes para o mar, começaram a levar para a margem marinheiros e oficiais nessa louca desordem que bem se adivinha e na esperança desvairada de poderem sobreviver. Não houve um único que se afogasse.

De todos os pontos da costa surgem então compridas pírogas cheias de remadores e de arautos que os chamam por entre fortes gritos e gesticulações, cantos, tambores. Cada barco de salvamento parece investir e, como os marinheiros não compreendem nada perante tais manifestações e gestos, não sabem o que fazer: defender-se em face de qualquer ataque ou abraçar quem assim os acolhe.

Mas de repente faz-se silêncio: o chefe ou rei aparece, quase nu, em majestade, exige falar com o capitão, que logo se levanta e definem-se as situações. Um certo encantamento ilumina toda a cena. Os nativos regressam às suas embarcações, frente a frente, e conduzem para terra aqueles que desse modo se tornam seus hóspedes.

Nada faltou durante esses meses para que a felicidade dos naufragos fosse completa, acreditando todos eles nessa altura terem chegado ao paraíso terrestre. Trocas feitas entre as duas partes, jogos e risos, festins deliciosos em redor das lareiras polinésias abertos na terra e onde os cozinheiros preparavam sumptuosos bolos de batata doce; alguns deles, como nos séculos passados, arranjavam mesmo mulheres, outros escavaram um canto de jardim para semear algumas sementes que se salvaram do naufrágio.

Uma vez reguladas essas coisas da vida, começaram a discutir interminavelmente: sobre os deuses de cada um dos lados, comparando as suas capacidades, falaram sobre as regras adoptadas em muitas matérias por

cada uma das comunidades, sobre as suas vantagens e inconvenientes; a princípio, através dos seus gestos complacentes e depois numa linguagem progressivamente nítida e dominada.

Os nativos revelavam uma estranha paixão pelas palavras: exigiam a tradução correcta dos próprios vocábulos e tornavam-se inesgotáveis nas suas explicações. As assembleias multiplicavam-se e nem sempre acabavam no meio de gargalhadas e de boa disposição, porque era interessante falar sobre o amor, a religião, os ritos, a polícia, o trabalho, com todos os pormenores. E tentaram mesmo estabelecer alguns paralelismos: as restrições diferiam, mas cada qual sofria no seu país o peso de normas igualmente complicadas, incompreensíveis em face do riso dos interlocutores, mas sem nunca serem negligenciadas tanto de um lado como do outro. Em breve, no meio de algumas diferenças espectaculares, acabaram todos por reconhecerem profundas semelhanças e isso mesmo os aproximou.

O tempo passava e o horizonte permanecia virgem. Para os nativos, nunca deixou de permanecer assim mesmo. Os antigos contavam, no entanto, que os seus antepassados diziam, e assim por diante, que em tempos recuados certas populações brancas tinham já chegado ali, mas nunca antes deles. Por sua vez, os repescados do barco de guerra não se lembravam de que existisse qualquer ilha nos seus mapas daquela zona costeira.

Alguns deles chamaram-lhe, pois, a ilha de Ninguém, mas, como não se encontravam já separados, como dentro do navio, uns a bombordo nas suas tarefas, e outros a estibordo a olharem o mar, desataram a rir-se e designaram como Terceira Ilha essa terra bendita, como uma embarcação imóvel sem a sua equipagem dividida. E assim o tempo passava.

Como corriam o risco de se aborrecerem ou mesmo de se confrontarem, apesar da alegria e da saciedade sentidas, organizaram depois alguns desafios de futebol. Em princípio, como espectadores desses jogos ou lutas que se desenrolavam em terrenos abertos, os insulares, muito dotados, depressa aprenderam, com os pés descalços, a dominar a bola, a defender e a atacar, a multiplicar os passes e a atirar à baliza. Os seus defesas, sobretudo, entregavam-se a acrobacias muito extravagantes. E realizaram a seguir alguns encontros mistos, que opunham cada uma das comunidades em equipas distintas tanto da parte dos ilhéus como dos seus hóspedes. Nas cubatas, à noite, bebendo cerveja, discutiam-se as estratégias e os treinos. E o tempo assim se perdeu nesses encontros. Os náufragos contaram depois que assim esqueceram as recordações da sua antiga vida.

Que todavia regressou, uma bela noite, sob a forma de um porta-aviões, que apareceu de repente sem que alguém o visse sair algures da linha do

horizonte. Dizia-se mesmo que a sua baleeira tinha tocado em terra antes de se molhar e atracar, gigantesca, diante da barreira de coral. O almirante que comandava o navio convocou o capitão para ir ter com ele a bordo e decidiu repatriar entretanto toda aquela gente que já não pensava noutra coisa a não ser num desafio de futebol ali nos trópicos, naquele paraíso e numa vida de sonho. Houve despedidas, choros, desespero à partida e outras coisas, separações patéticas, promessas, lembranças, cantos e melopeias, enquanto os marinheiros do porta-aviões, olhando-os de longe pela escotilha, quase não acreditavam no que viam e ouviam. Levantaram depois a âncora ao toque de um melancólico clarim, as falésias e cascatas desapareceram no meio do mar.

Logo de seguida, cada qual retomou as hostilidades, dentro daquela nova unidade, tendo o almirante tomado todo o cuidado em não dispersar o grupo. Alguns morreram, outros não, conforme a sua sorte. E depois a guerra acabou, como se sabe, em Hiroxima. Fim do primeiro acto.

O segundo e último começa numa cidade ocidental, de que calarei o nome e a língua. Dois desses naufragos encontraram-se por acaso, num bar, numa igreja ou num mercado, quem sabe, ou sem dúvida à saída de um estádio.

Depois de algumas palmadas nas costas, começam logo a evocar os antigos combates e depressa regressam ao paraíso perdido. Um deles, mais entusiasta, pensa mesmo lá voltar. Porque não, diz-lhe o outro. Cada um deles deseja procurar essas antigas gentes, reencontrar algumas delas, entretanto disseminadas um pouco por toda a sociedade, o espaço e a fortuna. Os ricos pagam menos do que os pobres e a viagem organiza-se. Como não existe qualquer linha regular de um para outro lugar do mundo, é preciso fretar um navio e o seu tamanho espanta os naturais que nunca tinham visto senão o grande porta-aviões fora da linha de água e cujo rasto depressa desapareceu.

Eis aí o triunfo do retorno: novos e deliciosos festins em redor das mesmas lareiras no chão, algumas trocas feitas ainda entre as partes, cantos e melopeias, cortados por exclamações: como o rei ficou mais velho, como as raparigas e os rapazes cresceram, mas as mulheres continuam belas e precisam mesmo de se inclinarem diante do túmulo dos mortos que conheceram e não tiveram a sorte de rever os naufragos. E, feito e dito tudo isso, os prazeres retomam-se e regressam, em multidão, ao estádio, sob os olhares do rei agora envelhecido. Toda a gente ocupa aí o seu lugar, levantam-se os clamores.

Trata-se de um encontro que opõe a equipa de Leste à do Oeste, duas cidades da ilha. Soberbo, dramático, elegante, acaba com o resultado de três bolas a uma, ao fim de noventa minutos. Os dois marinheiros levantam-se então para abandonar o espectáculo e irem dormir. Já era noite. Mas não, mas não, clama a multidão, têm de voltar a sentar-se, o espectáculo ainda não acabou.

A partida torna-se ainda mais bonita e, no meio de tochas acesas, prolonga-se por toda a noite. O tempo passa e os antigos marinheiros já não entendem nada: extenuados, quase sem fôlego, os jogadores tombam uns atrás dos outros, as pernas com câibras. Mas, teimosamente, o desafio continua. Cada equipa marca e, ao romper da aurora, estão em oito a sete. E isso torna-se enfadonho.

De súbito, a população levanta-se, agita os braços e as mãos, há gritos de alegria, tudo chega ao fim: acaba de ser marcado o golo da igualdade por um dos avançados que é levado em triunfo ao longo do terreno. E todos gritam: oito a oito, oito a oito, oito a oito! Ensonados, muito atordoados e incapazes de compreenderem claramente o que se passava, os marinheiros depressa alcançam as suas cubatas para se deitarem.

Algumas horas depois, as palavras retomam de novo o seu caminho. Estratégia, desafio, resultados, é assim que se retomam as conversas de outros tempos. E pouco a pouco a verdade torna-se clara.

Os nativos dedicavam-se desde há muito a esse jogo, com equipas que tinham o mesmo número de homens colocados na disposição sobre o terreno, mas tinham alterado uma das regras, apenas uma pequena regra.

— O desafio acaba quando uma equipa ganha e a outra perde, e apenas nesse caso — dizem os nossos marinheiros — É preciso que haja sempre um vencedor e um vencido.

— Não, não — exclamam os insulares.

— Então, como é que as duas equipas desempatam? — perguntam os marinheiros.

— O que significa essa palavra no vosso dialecto?

— Uma diferença de golos.

— Não entendemos essas vossas ideias. Quando cortam um bolo segundo o número das pessoas à volta da mesa, então não o dividem?

— Decerto.

— E cada um não come assim a sua parte?

— Com certeza.

— E então o bolo tem alguma vez que ser desempatado?

— Isso não quer dizer nada — protestam os marinheiros por sua vez, colocados resolutamente a bombordo ou sempre a estibordo.

— Claro que sim, como no futebol. Alguém comerá tudo e os outros não comerão nada, se vocês desempatarem.

Os rostos brancos, aturdidos, ficaram calados.

— Porque é que as equipas haviam de desempatar?

— ...

— Não entendemos que isso seja justo e humano, dado que um se impõe ao outro. Então, fazemos todo o tempo do jogo, como nos ensinaram. Se no fim o resultado for nulo, a partida acaba como uma verdadeira divisão.

— ...

— De contrário, as duas equipas, como vocês disseram, ficam desempatadas, e isso é uma coisa injusta e bárbara. Para quê humilhar os vencidos se queremos passar, como vós, por civilizados? Então, precisamos de recomeçar e por mais algum tempo até que a divisão se faça. Acontece por vezes que uma partida pode durar semanas. Vimos já morrerem alguns jogadores.

— Morrerem? A sério?

— Porque não?

— ...

— Então, a cidade do Oeste junta-se toda e faz a festa, como as do Leste, as do Norte e as do Sul. Os festins, que o desafio acaba por interromper por um tempo por vezes alongado, podem ser retomados em redor das lareiras onde se preparam os bolos.

No meio dos ventos que os empurravam para a sua cidade e para a sua família, entre o balancear lento dos juncos, em doce equilíbrio sobre o ondular das vagas, os marinheiros sonhavam com essa terra singular, ilha terceira ou de ninguém, ausente das cartas marítimas. Tagarelavam, deitados, com as mãos debaixo da nuca:

— Diz-me uma coisa, nós não ganhámos na última guerra?

— Claro que sim.

— Em Hiroxima?

— ...

— Ganhámos, a sério?

— Pretendes conhecer os verdadeiros vencedores? — perguntou o segundo, que passava pela coxia. — Eu conheço-os bem, podia levá-los por vezes no meu barco... Etnólogos, sociólogos, não sei o que são, mas estudam os nativos das ilhas e encaram, em geral, os homens como objecto de estudo, ou seja, como simples objectos. Cantam vitória: quem pode conceber que, para lá daqueles que explicam e compreendem os outros, sob esse ponto de vista eles nunca serão os seus semelhantes e muito menos ainda o seu próximo?

DE NOVO SOB O SOL, AQUI

Mas ele — escriba, douto, legislador —, querendo demonstrar a sua justiça, disse: «E quem é o meu próximo?»

Jesus explicou: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, que o despojaram e, espancando-o, se retiraram,

deixando-o ali quase morto. E ocasionalmente descia pelo mesmo caminho um sacerdote, que, vendo-o ali, passou ao largo. E de igual modo procedeu um levita que, chegando àquele lugar e vendo-o ali, passou também ao largo. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou-se ao pé dele, ligou-lhe as feridas com azeite e vinho e, pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele. E, partindo no dia seguinte, tirou dois dinheiros e deu-os ao hospedeiro, dizendo: "Cuida dele, e tudo o que de mais gastares, eu to pagarei no meu regresso." Portanto, qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" E o legislador responde: "Foi aquele que usou de misericórdia para com ele."

Evangelho Segundo São Lucas, X, 29-38

A campainha toca. A porta da aula abre diante dos estudantes um pátio vazio e feio que logo invadem aos gritos nas horas ditas de recreio: partilha equilibrada do espaço e do emprego do tempo oferecido ou antes imposto, dentro das nossas latitudes, aos rapazinhos que em grupo exercitam aí os seus reflexos. Lá dentro, a figura enorme do professor, ordenando que se faça uma cópia ou as contas, assegura a ordem nas filas e nas carteiras, ou seja, na classe; passado o limiar, lá fora, a algazarra é retomada por entre berros e fúrias, batalhas, um caos sem nenhuma esperança desde que toca a campainha.

Filho do povo, garoto das ruas e do campo, a minha infância ou inferno passou-se, no pátio, sob o terror das pancadas e das incessantes vinganças dos bandos comandados por rapazes terríveis, altivos e empertigados, arrogantes e corajosos. Bastava estender alguns dedos para desequilibrar sem contestar, um golpe de ombros ou de anca, ou até de calcanhar, mesmo que não fossem atacados. No terreiro, entre os troncos de árvore, ao longo de cubículos repugnantes, no meio de nuvens de poeira, junco ou floresta primitiva, os mais fortes supliciavam sem cessar os mais fracos, por simples prazer, e os murros caíam quase sempre em cima dos mesmos. Mas o mais musculado ou desafiador não insistia longamente se se montasse à sua volta uma guarda, mais poderosa em conjunto e mais lutadora do que esses tipos arrogantes. E daí a formação, no meu tempo, de uma milícia contrária às ordens do novo inimigo, munido também ele de gorilas ou ministros. Os combates começam entre os *gangs* logo que a campainha toca.

Recordo-me muito claramente do meu desgosto pelos jovens chefes seguros da sua força mais do que por esses lugares-tenentes, com uma servil obediência, que procuram o poder sem disporem de meios, executores em segunda mão, pequenos cutelos mais implacáveis perante a massa humilde e anónima, pacífica, mas dominada pelos ventos da força. Esses lacaios imitavam sem dúvida os seus parentes: vivíamos nessa ignóbil épo-

ca em que a França perdia a própria alma na colaboração com os nazis. Nenhuma forma de recreio era possível sem que a campanha anunciasse alguma ignomínia.

Os adultos designam como acidentes escolares, cobertos pelo seguro, esses verdadeiros crimes perpetrados conscientemente, na aparente turbulência das suas brincadeiras, por menores irresponsáveis judicialmente. Na saída seguinte para o recreio, portanto, soava a hora da vingança ou do ajuste de contas, como se dizia nos jornais para o que era a guerra dos mais crescidos, uma batalha preparada pelo campo adversário através de sinais e mensagens que circulavam entre a classe, de mão em mão nas carteiras, sob o olhar paternal e obstinado do professor. O grito geral quando a porta se abria depois de a campanha tocar e em que os adultos julgavam exprimir o alívio bem legítimo de abandonar finalmente os cadernos em branco e o quadro negro, mas que significava simplesmente a reabertura das hostilidades.

Quando escuto o toque de qualquer campanha que divide esses tempos nos estabelecimentos ditos de ensino, sei como estremeço de terror.

Regressados ao nosso próprio meio, o tempo civil e familiar ritmava-se do mesmo modo: sirenes dos bombardeamentos, vários sinais de alerta, informações que anunciam, hora após hora, depois da música indicativa, a abertura de novas bolsas de caça. Entre a revolução espanhola de 1936, a Segunda Guerra Mundial e o seu termo somado a Hiroxima, nenhuma criança poderia perceber a diferença entre essas gigantescas práticas de morte e as vinganças sem perdão que opunham todos os lobos, filhos de lobos e futuros pais dos mesmos, pelo eterno regresso do mesmo sinal para ritmar as horas, lei morna da nossa história pequena ou grande, como sinal nos reflexos dos cães.

Finalmente, soa a campanha. Quem não terá gostado do repouso silencioso e de um certo cheiro de paraíso, na sala de aula, quando a porta impedia as tempestades do pátio de recreio e o bom professor recitava duas quadras sobre idílicas vindimas em que realmente o autor não tinha participado, porque a algazarra não parava mesmo já nas dornas em que os sexos, cruelmente, se entrechocavam: mas o que se canta nos poemas será essa felicidade calma do bucólico? Acreditei durante muito tempo, pelo menos até aos nove anos, na paz ideal do intelecto, nas pastorais, na utopia das figuras e dos nomes, até ao momento em que, sete vezes abençoado, compreendi de súbito que as amava porque o professor as distinguia como de primeira classe e me cobria com a sua sombra: desse lado do muro, me reencontrei, pois, sob o mesmo vento de uma outra força, duro e altivo, lutador corajoso, chefe de *gang*... Um horror, ignóbil desgosto, adivinhando já os elogios servis em certos olhares e a canga às costas. Essa vergonha inundou-me e nunca mais me abandonou, como paixão

secreta que me leva a falar agora de nós mesmos, das nossas manigâncias especulativas e do seu mal essencial, ocultos num outro espaço, utopia intelectual, e separados no tempo por qualquer indicativo sonoro.

Passei grande parte da minha vida em barcos de guerra e em anfiteatros para testemunhar perante a juventude, que já sabe isso, que não existe nenhuma diferença entre os hábitos puramente animais, isto é, hierárquicos, desde o pátio de recreio, as táticas militares e os comportamentos académicos: reina o mesmo terror dentro do pátio, dentro dos lança-torpedos ou nos meios universitários, ou seja, esse medo que pode passar pela paixão fundamental dos trabalhadores intelectuais, sob a dimensão majestosa do saber absoluto, esse fantasma que está de pé atrás perante aqueles que escrevem na sua mesa. Eu sinto-o e advinho-o, fétido, viscoso, bestial, regressando a cada passo como o retinir da campainha, abrindo e encerrando colóquios em que vocifera a eloquência para aterrorizar os que falam à sua volta.

Longe de nos aproximar da paz, a ciência e a inteligência distanciam-nos mais do músculo, da garganta ou da estatura. A cultura continua a sua guerra por outros meios — talvez através ainda dos mesmos. Encontramos nos *gangs* teóricos os mesmos pequenos chefes, com efeito, os mesmos lugares-tenentes, por entre a mesma obediência servil e em semelhantes legiões pacíficas, curvados humildemente sob os ventos da força, que por vezes julgam estar na moda, ou pior, que eles tomam com frequência por verdade. Chamar *campus* ao ambiente das universidades é uma coisa tão literal dado que esse termo designava outrora o campo ocupado à noite pelos soldados de Roma antes do ataque ou durante a sua defesa. De facto, os peritos sabem a que facção, a que *gang* pertence este ou aquele *campus* e que grupo de pressão tem aí a palavra.

Ora, os meios intelectuais, linguísticos, teóricos, sabem que no travar dessa guerra não se comparam aos arrogantes e lutadores no pátio do recreio: revelam-se mais finos, astutos, globais e transparentes até à irresponsabilidade inocente da especulação pura. O mais forte pugilista do mundo apenas se deixa cair perante um golpe inesperado, com um *swing* ou um *uppercut*, e parece-me um santo do paraíso ao lado do físico teórico cuja equação pode fazer abalar a Terra ou do filósofo escravizador de povos inteiros ao longo de algumas gerações — ou a seita que o imita durante a sua carreira. Criamos hoje filosofias tão globais que elas irradiam por toda a história e encerram o futuro, com estratégias tão poderosas que atingem a mesma dissuasão conseguida com a arma atômica e decidem sobre um genocídio cultural perfeitamente eficaz.

Eis assim definido o mal próprio dos nossos trabalhos: como qualquer coeficiente, a inteligência multiplica até onde quiser a sua própria vingança e parece mesmo anulá-la dissimulando-se. Mas por muito vingativamente que actue, a violência cresce pouco e lentamente, através dos punhos e dos pés, mas sobe até ao céu e invade o tempo e a história, desde que a razão assuma os comandos.

Assim, as teorias políticas tradicionais, como as ciências actuais dos jogos de estratégia, sobrevalorizam gravemente o papel pacificador do conhecimento racional: esse contra-senso dá origem à autopublicidade dessas disciplinas. A razão gira sempre em redor da proporção e da dominância. Estabelece, pois, uma ponte entre a classe e o pátio dito de recreio.

Porque é que, pelo contrário, a filosofia tende a designar-se deste modo? Porque não se lhe pede para amar a inteligência, o saber ou a razão, mas antes Sofia, a sabedoria. Que sabedoria?

O conhecimento pacificado.

Sem saber isso, o saber entrega-se a um ofício arriscado, para os sábios e para os outros, isto é, um perigo que apenas descobrimos em momentos de tensão ou de crise. Como filósofo universitário francês do pós-guerra, tenho infelizmente sobrevivido a vários terrores desencadeados por teóricos serventuários de ideologias políticas ou académicas, principais directores de grupos que mantêm sob a sua pressão o espaço dos *campus*, as nomeações e as notas de pé de página, proibem a todo o custo qualquer liberdade de pensamento, mas são terrores de que não torno responsável qualquer determinado indivíduo nem uma dada scita, dado que isso equivaleria a vingar-me, e antes condeno o próprio funcionamento da inteligência na instituição e desta na primeira, a implicação recíproca da ciência na sociedade.

Assim, por higiene do corpo e do espírito, pude imaginar para meu uso privado algumas regras de moral ou de deontologia:

Depois de um exame atento, não se deve adoptar nenhuma ideia que revele, com evidência, qualquer vestígio de vingança. Por vezes, a raiva ocupa o lugar de pensamento, mas sempre o diminui.

Nunca se meter em polémicas.

Evitar qualquer dependência: fugir não apenas muito simplesmente de qualquer grupo de pressão, mas também de toda a disciplina científica definida, *campus* local e sábio na batalha global e societária ou diminuição sectorial no debate científico. Portanto, nem mestre, nem sobretudo discípulo.

Essas regras não estabelecem um método, mas muito exactamente um êxodo, caminhada caprichosa e parecendo irregular, mas determinada apenas pela obrigação de evitar os lugares especulativos mantidos pela força, geralmente vigiados por cães de guarda. Um passeio pelo campo consagra uma semelhante trajectória inesperada e denteada, porque somos atacados e depois sem cessar perseguidos, de terra em terra, por dez molossos que se sucedem e nós procuramos evitar.

// Não dispomos de utensílios, de noções e de eficácia, em elevado número, mas em contrapartida necessitamos dispor de uma esfera intelectual

liberta de qualquer relação de domínio. Muitas verdades, muito pouca bondade. Mil certezas, momentos raros de invenção. Uma guerra permanente, sem nunca ter paz. Apenas os animais gostam da hierarquia e daí as incessantes lutas que eles travam. Precisamos para o homem de um intellecto simplesmente democrático. Definamos essa esfera dentro da noção de prescrição.¹

Nenhuma noção importa se não for pacífica.

A vingança produz uma justiça aparente, a equivalência distributiva do castigo. A linguagem corrente toma uma pela outra, quando aconselha, por exemplo, à vítima de uma agressão que faça justiça por si mesma: trata de ti, pois. O castigo remete ou resgata a ofensa que a balança equilibra: tal e qual. Não se fala numa lei de percentagem que suporia qualquer igualdade na sua ordem de grandeza, mas fala-se em pena de talião cuja origem latina (tal... qual) indica uma distribuição mais delicada, qualitativa, essencial: um dente não vale por um olho.

Essa invariância vingadora lança um processo que nenhuma razão poderia deter, dado que a própria razão equivale à reparação plena e inteira, satisfazendo o ofendido que exige ser reparado da injúria e isso consegue. A causa plena encontra-se, em quantidade e em qualidade, no seu verdadeiro efeito: lei racional e da justiça e da mecânica. Isso basta: a injustiça consistiria num excesso ou num defeito na reparação. E é isso que consideramos como razão: nunca uma igualdade quantitativa, mas uma proporção exactamente adaptada aos queixosos e à queixa; consideram-se as razões colocadas nos dois pratos, mas também as relações de extensão sobre o fiel da balança, que pratica assim uma rigorosa justiça.

O princípio de razão ou antes de *dar razão* (*principium reddendae rationis*) não deriva aliás daí: nada, diz-se, passa sem ela. Esse nada vem de *res*, palavra do direito romano que designa o caso judiciário que um processo discute e formaliza: a causa. Antes de significar a causalidade, este último termo indica a acusação. É preciso dar razão, como uma forma de reciprocidade, como se isso viesse em segundo lugar. Nada sem uma razão ou coisa sem causa exprimem menos como absurdo ou contradição do que um desvio no equilíbrio da balança da justiça: a esse nada, a essa coisa, como suspensão no ar, sem apoio, é preciso, em compensação, acrescentar ou retirar essa tara que domina o fiel — bela palavra que no horizonte apela à razão. Não sabemos pensar numa coisa isolada, desligada seja do que for ou flutuando sem peso: o verbo pensar deriva por si mesmo da inclinação e do peso dessa compensação. Como pensar sem compensação, sem a tara racional? Assim a razão exige justiça à coisa, assim como a causa exige ter razão.

Eis aqui um princípio que deve designar-se como de equivalência ou de equidade.

Que exista mesmo assim alguma coisa mais do que nada ou do que isto, qualificada tal e qual, em vez daquilo, eis os enunciados que descrevem dois desvios de equilíbrio que se requer, contra a injustiça, que uma tara os conduza à justa posição, horizontal e plana. Mas se se colocar no outro prato para resgatar os danos causados a esse nada que nunca pôde existir e a isso qualificado de outro modo, estamos dentro da virtualidade ou nos mundos possíveis? A razão justifica a existência do que existe, compensando o possível ou o nada. Medida ou colocada sobre uma vara, a existência, cujo nome indica ainda um desvio no equilíbrio, equivale à razão que se junta ao nada, numa rigorosa equação. Mas, ao contrário, a igualdade matemática conduzirá também ela à lei da justiça?

Então, que é que designamos por pensar? Compensar o que não está no centro da razão, situar a tara racional entre a existência e o nada ou o possível, como se a razão estabelecesse a relação do ser ao não-ser, ou justificasse o que é a partir disso mesmo que não é. Portanto, ela atinge a criação quase divina e supõe uma familiaridade mortal com o nada ou o possível. Esse pensamento racional, essa medida ou proporção compensatória preenchem exactamente a falha ontológica.

A razão vinga-se do nada.

Dando equidade à existência, o princípio da razão conduz a ontologia sob a lei universal do direito. Preenchendo a falha ontológica, a razão faz com que a ciência inteira que deriva dela resulte então do equilíbrio justiceiro.

Inventor do princípio da razão suficiente, Leibniz chama leis da justiça às regras de invariância e de estabilidade pelas quais se compensam tanto as próprias coisas como os enunciados. Essa razão reparadora conservará na ciência ou no racionalismo algum traço de castigo vingador?

Porquê designar como justos, no sentido judiciário, na astronomia medieval ou renascentista, esses prolongados equilíbrios do universo ou da economia, entendida como legislação positiva do mundo físico, aparecendo a *justeza* ou a *justiça* como as invariâncias ou estabilidades, os retornos e compensações circulares do tempo cósmico? As leis da natureza, reduzidas a determinadas harmonias, relacionam-se com o princípio da razão suficiente. Dar de um fenómeno a sua razão consiste em compensá-lo, em torná-lo ainda pensável. Factor de vindicta pública no mundo e no pensamento ou a sua respectiva ordem?

A invariância distributiva da vingança lança um processo em que nada, sem razão, poderia deter-se: assim os prolongados equilíbrios do mundo contam-se através do eterno retorno. O ofendido que obtém razão da injúria inflige ao que ofendeu um dano exactamente igual e de natureza

equivalente para fazer deste último um terceiro homem ofendido, que por sua vez exige um equilíbrio ou razão suficiente: a vingança não cessa e a história conspira e consente o retorno ritmado das constelações bem como as regras impostas pelo pensamento. Tudo está em ordem: o cosmo e o tempo fazem chegar a hora das compensações.

Eis aí o motor imóvel dos nossos movimentos, a razão no mundo e na história, gémea da vingança e imitando as suas compensações ou reparações, como os doutos que se entregam ao pensamento dentro dos muros da escola imitam os vadios que lutam no pátio quando soa a campainha.

Mas nós, como racionalistas evoluídos, esclarecidos pelas leis mais profundas que reinam no mundo dos átomos, chamamos a tudo isso por vezes o equilíbrio do terror. Porque é sempre a mesma ordem que governa o mundo.

A vingança e a sua justiça aparente, fundando o eterno retorno, mantém intacta a memória integral da razão exacta, pelo tempo reversível e cíclico. Desconhecem a duração ou esse tempo irreversível que segue uma dada direcção sem nunca poder arrepiar caminho. Ao longo dessa duração inter-vém o esquecimento, em que a anamnese nunca se restitui nem compensa a memória exacta ou intacta, nunca o efeito integral vale a razão plena e inteira: esse tempo novo impõe uma falha à suficiência, por defeito ou excesso da razão.

E uma vez mais as teorias políticas tradicionais ou as ciências actuais dos jogos e estratégias mergulham num tempo passivo e não numa duração em que todas as coisas mudam. Permanecem, pois, no tempo do eterno retorno, confortam-no e talvez mesmo o produzam.

Essa falha, excesso ou defeito assume no direito francês a designação de *prescrição*.

Define-se, no direito civil, como meio legal de adquirir uma propriedade por posse não interrompida e designa-se como adquirida neste caso, ou libertar-se de um encargo, por exemplo de uma dívida, quando o credor não exige a execução, e então chama-se extinta ou liberatória. No direito penal, estabelece-se um prazo de expiração para que a acção pública já não possa fazer nada contra o criminoso ou o delinquente.

Em suma, a prescrição admite a acção essencial do tempo. A usucapião vale como direito de propriedade como se a duração por si mesma apagasse os direitos de qualquer outro, em particular os do eventual predecessor. Do mesmo modo quando o credor não exige nada e o ministério público não ataca ninguém, por si mesmo o tempo suspende a acção ou modifica-a.

O tempo passa e não decorre de forma passiva, mas, pelo contrário, esquece ou apaga os actos. Retorna apenas para exigir ter razão. Ligado ao eterno retorno e às invariâncias estáveis, a vingança torna-se astronómica como as constelações ou os cometas.

Diz-se que o rio do Esquecimento corre para os Infernos: a prescrição deita-o por terra cujos filhos, sentados à beira das margens, perdem muitas vezes a memória e ao mesmo tempo a razão. Não existe um mundo mais atroz do que aquele em que a natureza se entrega ao eterno retorno e remete para os Infernos o esquecimento e o perdão. A prescrição fá-lo regressar ou coloca-o aos seus pés: real e suave é esse mundo em que os rios correm para as bocas do esquecimento e faz retornar aos Infernos a verdade prazenteira: a aleteia, gelada, não se derrama.

No plano físico, quando regressam a si mesmos os planetas, a usura enfileira-os um pouco e os gigantes vermelhos do céu explodem na hora da sua «supernova». As grandes invariâncias derivaram daí e o mundo perdeu o eterno retorno.

Em terceira posição entre o direito e o não-direito, a prescrição tomba por definição no domínio irreversível da história e opõe os seus lapsos de tempo, anuais ou trintanários, às regras invariáveis e invioláveis. Embora as não limite, anula as leis em vigor no que respeita a encargos, dívidas, propriedade, delitos e crimes. De repente, tudo se passa como se se não devesse mais nada, como se se pudesse esquecer ter alguma vez roubado ou matado, porque o tempo traz consigo a inocência, como um rio baptismal. A prescrição traça no direito o limite do não-direito, a própria fronteira ao lado da história. E esta, como sabemos, apaga os traços, suprime os restos, corrói os actos e os factos, esquece e acaba por se calar, tal como o tempo zomba do princípio de contradição.

Pelos seus códigos e os seus textos, o direito faz parte integrante da memória do ordenador social. Põe aí a sua mão para o construir. Luta contra a usura da história. Eis porque o seu emblema é representado por uma balança e ao mesmo tempo pela simetria do espaço, a equivalência dos encargos e o retorno regular do tempo. Eis porque, do lado da vingança, continua a ser racional. Eis porque está sempre mais ou menos ligado, do outro lado, ao seu limite ou fronteira, ao lado do intemporal, com o direito natural, que justamente se diz imprescritível. Nesse limite, o tempo não tem por si mesmo nenhuma acção e a razão, estável por esse tempo passivo, permanece invariante na sua passagem.

Infelizmente, heroicamente, o direito mantém-se entre as duas zonas, essas duas tentações: uma, ocupada pelo direito natural, universal e invariante, não escrito e portanto imprescritível, intemporal, e a outra, invadida pela história e os esquecimentos marcados pelos seus restos. Segundo as épocas, inclina-se em suma de uma para a outra, para o direito máximo ou o não-direito, alguns diriam da razão rigorosa para o caos, outros fariam de um fantasma idealizado para a saída complexa do concreto.

Tal como temos situado o tempo na Terra e a nossos pés, substituindo o antigo mapa-mundo dos Infernos e do Globo, dado que como no rio

Letes tudo se derrama no Amor e nos seus esquecimentos, também é necessário contornar frontalmente esse espectro para que apenas a prescrição se torne uma lei universal e imprescritível. Não existe invariante senão com a condição de se cair no variável e assim nós pensamos mais nos equilíbrios do que nos movimentos.

A razão vinga o nada e a ciência racional guarda em si alguns traços desse direito primitivo, que se chama natural, sem se interrogar sobre essa natureza que continua a ser estranha à obra do tempo. Em relação aos direitos mais positivos, os nossos actos mergulham no tempo, mas através da prescrição fazem e consideram o tempo como a sua verdadeira matéria-prima. A duração alimenta-os, exalta-os, desnuda-os, elimina-os. Está na sua origem e fá-los desaparecer. E isso é da sua própria natureza: aquilo que vai nascer, sim ou não. A natureza corre ou cola-se de bifurcações em bifurcações, em confluências turbulentas e vivos em braços mortos esquecidos, isto é, esquecimentos tornam-se lembranças e as memórias em perdas áridas. Não pode assim passar por ser nem definitivamente estável nem louca ou irracionalmente instável.

Tal como justifica os nossos actos, o tempo real cria o direito e, se o faz, também o desfaz, e isso é natural, como aquilo que vai nascer ou se arrisca a não nascer. Cria o direito, forma-o, transforma-o e, portanto, funda-o. A Jurisprudência, flutuante, como se sabe, cria o direito ao lado da história, mas o direito reconhece isso ao reconhecer a acção do tempo, pela prescrição. Eis aí a abertura do direito à sua própria fundação, ou seja, para o direito que para os antigos se designa por natural, ou seja, como natureza física. Fazendo-o variar, anulando-o, a prescrição, estável portanto, funda-o. O direito natural, no sentido mais profundo da palavra, não se encontra pois do lado em que se esperava, mas do outro, separado do primeiro pela espantosa extensão do céu. A prescrição faz parte do direito natural, nisso se funda o direito e assim ele permanece imprescritível. O único acto que não podemos apagar nem anular é o acto de anular ou de apagar. Não se esquece o esquecimento, como um acto de algum modo inesquecível.

Isso pertence ao direito, mas também à moral, à política e à teologia: o perdão estabelece a ética, a clemência cria a força, a moderação ou misericórdia abrange a justiça e incide sobre o destino.

Como o próprio termo indica, e assim se exprimia no direito romano, a prescrição inscreve-se antes de mais como preâmbulo ou prefácio, como epígrafe de qualquer texto. Quando se pretende escrever, chegado esse momento, sobre a teoria ou a literatura, sobre o direito, a ciência, a matemática ou o amor, devemos saber que antes da página em branco, na sua margem ao alto, a prescrição está sempre presente. Por definição, existe sempre antes de tudo. Escrita ao alto da página, mas agarrada a ela e deixando-a intacta, livre, virgem, branca, inocente. Numa terceira posição: inscrita, apagada.

Desde há dois milénios, pelo menos, todos nos lembramos e todos nos esquecemos de que os samaritanos tinham o pior dos papéis, como inimigos malditos, implacáveis, irreconciliáveis. Mas a parábola do bom samaritano enuncia uma contradição: um homem desses não pode passar por ser bom. Toda a gente se lembra disso, cada um de nós o esquece: existe realmente uma prescrição e ela triunfou.

Exige o esquecimento, mas tem já escrita a memória, dado que deixou aí o seu traço. Lembra-se como escreve, mas prescreve que isso se esqueça. Não equivale já à conservação nem se identifica com a perda árida, mas inventa novamente, como um terceiro, a memória-esquecimento, a recordação guardada e ao mesmo tempo apagada, intelectualmente invariante na caixa negra da história, mas passionalmente, historicamente, sabiamente perdida: nova invariante por variações, estabilidade por instabilidades, fundação do direito agora mais forte do que o suave eterno retorno, imóvel como um saco de chumbo ou sonante como a campainha.

Para não escrevermos já senão acerca da beleza ou do amor pela sabedoria, passamos a interessar-nos mais pela filosofia do que com a prescrição.

Quando se puder ler sem nenhum escândalo uma história em que o homem mais abominável se comporta então como o melhor dos homens, então chegará o Messias. Ele já chegou, porque escreveu este texto de que não sou o autor.

EU. NOITE.

O autor? Quem é ele, quem sou eu?

Admiravelmente nomeado, o sujeito, pudico ou apavorado, esconde-se, lança-se para trás ou sobre a sucessão dos seus hábitos, outrora escondido sob outras capas e mantos, como um Arlequim inencontrável, cuja desfolhagem mostrou sempre e por todo o lado a mesma coisa, talvez com algumas variações, ou seja esse seu aspecto matizado, quer se trate da roupa, da pele, do sexo ou do sangue, ou enfim da alma — *a minha alma com as mil vozes que Deus me deu coloca-se no centro de tudo como um eco sonoro* —, cujas facetas justapostas, como as de um espelho ou o olhar do mocho, reflectem, embora íntimas, a fulgurante multiplicidade dos acontecimentos exteriores, como se o número daquelas correspondesse ao das paredes interiores que as suportam. Podemos procurar um outro? Do comparativo, o interior, ao superlativo, o íntimo? Existe ainda algo mais íntimo? O que desliza por baixo assemelha-se sempre ao que se pode ver à superfície?

À falta do sujeito, eu posso falar do adjectivo. Se o primeiro se coloca por baixo, a menos que outros o não coloquem, o segundo é posto de

lado. À pergunta: quem sou eu?, ou a substituo por quem é ele?, ou o pudor exige que eu procure sempre responder ao lado. Portanto, através de certos adjectivos.

“Quem sou eu? Dizem que sou delicado, adjectivo estimado no meu país, em que se gosta das velhas palavras nobres, como gentil, ou seja atencioso, submisso, adaptado, cortês. No outro, eu adivinho depressa as qualidades, positivo, e de imediato eu sorrio, mas não sei duvidar dos seus vícios, ingénuo. E rapidamente superabundam os adjectivos. Avanço facilmente ao seu encontro, oferecendo de bom-grado uma oportunidade à contingência, confiante. Tímido ou assustado, parece, eu não desconfio, mas pode então dizer-se que sou corajoso, não? A minha primeira estima pelo outro, que o encoraja e muitas vezes o fortifica, faz-me colocar sempre a fasquia acima de mim, não encontro nada melhor do que eu mesmo: generoso? Talvez, mas eis que de súbito descubro que me coloco em baixo e assim eis-me um pouco olhado como sujeito, pelo menos subjugado. Defino o eu pelos contactos, as proximidades, os encontros e as relações: sim, na comunicação, eu construo-me e situo-me diante de mim próprio. Serei finalmente sujeito?”

Mas disso me previno: a própria palavra sujeito não foi antes um adjectivo que rapidamente se tornou um nome? Em primeiro lugar dependente, submisso, limitado, exposto, obrigado exactamente a isso, como posso eu dizer a quem falo: obrigado, sinto-me obrigado, antes de tomar isso como ponto de partida de um enunciado lógico e gramatical, onde esse ser individual se torne uma pessoa e o suporte através dos seus actos e conhecimentos. Adjectivo muito bem posto de lado que significava o dócil e o obediente e que, de repente, tomou o lugar principal e, substantivando-se, expulsou os outros adjectivos para fora do centro em que, em filosofia, sua majestade começou a dominar? Devemos reconhecer, no sujeito, um sujeito que teria assumido indevidamente o lugar central, um rei de comédia como Arlequin, Imperador da Lua, ou de tragédia e então supliciado, atravessado no meio pelas setas?

Portanto, quem sou eu quando assim mesmo me situo em baixo? Admirativo, entusiasta até em relação a quem se revela inventivo e bom, respeitador de quem trabalha, bastante generoso, desobedecendo violentamente a quem ordena e estabelece ou pronuncia a lei, docemente irónico diante de quem se pavoneia, emocionado pela beleza do corpo ou do talento, gelado perante a grandeza que se ostenta, depressa rompendo com quem é vaidoso, apresento as minhas homenagens às criadas e amas de leite, pertengo à família dos mais humildes e raramente me curvo perante os bem situados, portanto, segundo a pessoa e a sua roda, eloquente, taciturno, falador, caloroso, reservado, ausente ou totalmente entregue ao outro. Então, quem pudeste tu reencontrar, tu que me amas ou me odeias, a quem suponho ser hostil ou indiferente? Um homem jovial ou modesto, selvagem, distraído, ou pelo contrário concentrado...

Mas acontece que tudo isso é verdadeiro: diz-me, pois, é o que te peço, o que devemos entender por mentira? A relação produz a pessoa, não creio inteiramente nas máscaras. Fugidio, lançado vivo, sob o «nós» que se move na intersubjectividade, o eu, como se diz, faz o que pode: adapta-se, subordinado aos laços da comunicação. Mestiço, quarterão, hermafrodita, ambidestro, tatuado, vivendo sob mil camadas de mantos aos pedaços, posso-me desembaraçar dele sem dificuldade, mas isso não altera grande coisa. Não acusem de serem máscaras os perfis que os outros traçam em mim.

Servidor de mil amos, Arlequim cobre-se com esses sujeitos-espectadores, porque permanece no meio do público e dele faz parte, e por isso continua a ser um imperador de comédia, enquanto Salomão, exterior e distante, atrapalhado com a sua loucura solar, se torna num verdadeiro rei de tragédia. Em chamas, o trágico forja só por si a unidade da pessoa ao mesmo tempo que as de acção, de lugar e de tempo — o sujeito do próprio saber, pelo menos no Ocidente, funda-se sobre esse trágico —, o cómico deixa-os entregues à sua multiplicidade. Subordinado aos seus sujeitos, o Imperador da Lua enverga as suas cores e os seus mantos. Irresistivelmente, diagnostico esse teatro essencial do doente mental no trágico solar, porque o comediante, normal, anda na boca de toda a gente.

Portanto, novamente pergunto quem sou eu? Solitário e social, tímido e corajoso, humilde e livre, reluzente, penumbroso, animal de fuga e de amor, nunca me cubro de pó nem me pinto, não uso qualquer título debaixo da minha assinatura ou no cartão de visita, sinto a roupa sobre a pele como um homem nu encoberto. Sou bastante coerente para nunca ter necessidade de mentir.

Na realidade, portanto, sou todos aqueles que sou nas e pelas relações sucessivas ou justapostas nas quais me encontro embarcado, produzidas por mim, sujeito adjectivado, subordinado ao nós e livre de mim, e que o leitor se resolva realmente a perdoar-me: eu não falo (serei eu, verdadeiramente?) senão para procurar o mais lealmente do mundo o que existe no outro. Por isso, o eu é um corpo misturado: constelado, manchado, zebrado, listrado, ondulado, ocelado, cuja vida deve seguir o seu próprio caminho. E eis que assim regressa o manto de Arlequim, coberto de adjectivos, quero dizer, de termos que se colocam lado a lado.

Assim o infeliz desperta em mim o velho cristão que nunca dorme senão sob um dos lados e de novo faz nascer, sobre um monte de palha, o poderoso que para aí conduz o antigo cátaro, sempre presente, embora um verdadeiro holocausto tudo tenha irradiado — não tenho mais antepassados —, o dogmático mais teimoso desperta o trocista que dorme e o estúpido o inextinguível riso dos deuses, o violento suscita quem é mais pacífico, mas a todos a beleza os faz ajoelhar.

Serei, pois, um quadro em relação a isso, um perfil fugaz apagado perante um horizonte desiludido e mentiroso? Não, eu sou a soma desses

adjectivos, novamente substantivados (deve falar-se antes em novos ricos), a iconografia dessas silhuetas, integral, inquieta e flutuante, mergulhada no rumor e na questiúncula, no meio de gritaria, do ruído de fundo dos parasitas que gravitam em redor desse eu, exílio banhado no meio dos choros, tórax alimentado num lago de lágrimas, uma total solidão líquida, em estado instável, solução sem exclusão em que o fluxo do abandono atravessa de súbito o espaço variável da coragem, onde a camada amarela do despertar se perde e se lança no volume negro dos esquecimentos, em que alguns traços subtis de orgulho se fundem sem futuro numa bacia de humildade gordurosa... Sim, os adjectivos mergulham por si mesmos uns nos outros e representam sem cessar o sujeito: uma confusão em que cada um por sua vez e por vezes todos juntos se dirigem para o centro, mas onde ocupam todos os lugares e todas as direcções do espaço, em todos os sentidos.

“ Por isso, quem sou eu desde logo se exprime sem dificuldade: uma mistura, uma confusão bem ou mal temperada, exactamente um temperamento. A palavra exprime a coisa em si mesma e, por consequência, eu sou feito de tempo, desse tempo derivado da temperatura ou da temperança. Como ele, a mistura é contraditória: de um dia para outro, tudo se pode modificar ou, no mesmo lugar e ao mesmo tempo, tudo se confunde.”

“ Contraditórios em si, a mistura e o tempo revelam-se, como a minha alma, nebulosa, variável, ondulante, matizada, aquitana. A minha alma, a mistura e o tempo não podem exprimir-se por substantivos, muito estáveis, nem por adjectivos, muito justapostos, mas descrevem-se mais precisamente pelo conjunto das suas preposições: *antes* e *após* constroem a fluidez viscosa, *com* e *sem* as partilhas hesitantes, *sobre* e *sob* o sujeito falso e verdadeiro, *por* e *contra* as paixões violentas, *atrás* e *perante* as frouxas hipocrisias e as corajosas lealdades, *em* e *fora* as claustrofobias corporais e teóricas, sociais e profissionais, *entre* e *além* a vocação metafísica do arcanjo-mensageiro, *de* e *para* o meu furor de viajante, topologia fina que exprime do melhor modo os lugares e as proximidades, as rupturas e as continuidades, as acumulações e as raridades, as posições e os sítios, os fluxos e as evoluções, a liquidez dos solventes e dos solutos.)/

Não, eu não sou um problema; literalmente, eu sou uma solução. E consentirei incluir alguns títulos no meu cartão de visita se porventura entender assim as diversas relações das substâncias aí dissolvidas, a sua densidade da aliança. Quem sou eu? Uma fusão de aliados, mais coalescente do que coalisado.

De humor aquitano, portanto, temperado como o clima da minha paisagem natal, melancolicamente alegre, entusiasta e desesperado, de matizes marcadamente suaves, em doses diferentes e títulos moventes, segundo o instante e as pessoas de um bom ou mau encontro, tudo como parte ou suspensão que pode de repente ser revelada ou trazida à luz sob o facho cruzado das circunstâncias ou das intersecções, pela exigência súbita de uma relação forte e pontual.

Uma espécie de pseudópodo avança. Estende-se. Retirar-se-á. Talvez nunca mais volte a aparecer. Vai tornar-se um áxono. Que inventarei esta manhã sob a acção de que pata de pomba? Que nova propriedade resultará dessa nova mistura? Que delicada Afrodite nascerá, radiante, dessa inesperada desnatação?

Na multidão, eu sou octavão. Trago, pois, em mim mesmo, no mais íntimo de mim, quase diria comigo próprio, a vestimenta compósita de tecidos que cobrem a minha roupa real e virtual, os andrajos em que se justapõem mal mil caras, o meu tempo os coseu e depois os misturou em conjunto, como ninharía esfarrapada, decerto, mas tornada a minha própria carne, o meu sangue líquido misturado: quebequense desde a ilha de Coudres no meio de Saint-Laurent, africano desde as margens do Níger, chinês desde Yang-tsé, brasileiro desde Belém na margem do Amazonas, os adjectivos locativos abundam por sua vez, o meu sangue corre sob os rios da Garona, Mackenzie e Yukon, a minha carne sai das areias da Garona, do Amour, do Ganges e do Nilo, descendo da Garona, do Huanghe, do Elba e do Mississipi, nasci nas origens da Garona, do Tibre, do Pactole e do Jordão, marinheiro do mar na confluência dos rios da Terra, o meu cartão de visita identifica-se com as minhas visitas, com a própria geografia. Como quarterão, pertença à multidão, não sou o diabo, mas sou o mapa-mundo e todo o mundo ao mesmo tempo.

E todo o mundo, creio, é uma mistura como eu de sangue retalhado em mil títulos e lugares, correndo sempre para todos os rios, excepto talvez aqueles que leram e acreditaram nos livros que explicam o princípio de identidade, que em resumo permite reinar. Como mundo, eu sou legião; não, não se trata de uma doença.

Nunca os africanos acreditariam que eu fosse um tubabe, os chineses julgavam-me saído de uma qualquer minoria nacional, por toda a parte imigrada mais do que emigrada, um índio da América chegou mesmo a perguntar-me, num «pow-wow», a que tribo eu pertencia. Creio no fundo de mim que o acto de se pertencer é que causa, em face da exclusão, o mal do mundo. Encaro isso como uma intersecção de cem mil dependências, como mestiço.¹¹

Como camponês, sim, aprendi a lavar; como merceeiro decerto vendi azeite, e sal seguramente como marinheiro; como pedreiro, afeiçoando a pedra, não tenho feito outra coisa em toda a minha vida; vadio, talvez, e monge, claro que sim; desde há pouco tornei-me num noviço montanhês; em busca da santidade, apaixonadamente; ou escritor, sim, como espero que seja; mas, como filósofo, lamento a emoção e a esperança perante a ideia de nisso me poder tornar... Sim, a todos, a todos eu compreendo.

Mas quem não sou eu? Touro, serpente, lince, cão, lobo, gaivota? Eu sou e compreendo quem faz parte da arca. Do dilúvio fluido e da aliança

estabelecida. Que animal me poderia servir como totem? A raposa? Não, eu vivo como um animal sem espécie. Nada de gênero, sangue misturado, sem dependência: livre, livre, na espécie irisada das misturas, animal de temperança e de temperamento, um ser feito de tempo.

Quem sou eu, líquido, entre as lágrimas escondidas? Quem sou eu, topológico e temporal? Quando o silêncio, enfim, e a noite, insularizam a solidão, quando se cala a linguagem que tem a sede dos outros em mim — como amordaçar o bico desse irremediável tagarela? — erguem-se as vozes, a tonalidade musical fundamental que me acompanha desde a mais longínqua infância, continua sem ruptura, num rompimento contínuo, armação ou armadura que me sustenta e cuja tessitura indica a minha própria tonalidade, sons puros privados de sentidos, eu sou, escuto a flauta e o violoncelo, a canção de embalar e o cânone, a bandurra e a tuba, a sanfona e a rabeca, serenata e *ballet*, cavatina e rigodão, soprano, baixo cantante, sinto dentro de mim os grandes órgãos, as minhas delícias e prazeres: bordão, fanhoso e aflutado. Mas de novo essas peças ou instrumentos se confundem, por vezes harmonizados, quase sempre provocantes ou lamentosos, uma confusão, charivari, acofenas atonais, de onde raramente emergem as radiantes Afrodites por entre alguns achados musicais. Ou um puro grito de dor. No fundo do fundo desliza e movimenta-se a música, fluxo e rio unido e turbulento, portagem e portador do tempo, no fundo do fundo do fundo flutua esse ruído de fundo.

E aí me lanço no mundo das coisas que se lançam em mim.

Eu: uma questiúncula em bruto. Eu: uma nota prolongada. Eu: um pronome, quando a linguagem enfim se mistura, para esquecer, apenas como única mentira, as outras confusões e ligar a multiplicidade de todas as peças. Eu: uma terceira pessoa, em que está a outra, os outros, todos, isto, o mundo, e o impessoal das intempéries temporais: chove, chora, faz vento, queixa-se; protesta, grita, música, ruído; de súbito, é preciso estar, e eis-me assim aqui, ético, reunido, de pé, ao trabalho, desde o romper do dia.

A filosofia clássica aconselha passar dos modos e atributos, circunstanciais, para a substância; passar dos adjetivos, volúveis e inconstantes, ao substantivo estável e fixo: mas a palavra sujeito, como já disse, foi um adjetivo antes de se transformar em substantivo. Mentiroso! Poderia dizer-se que o volúvel, só depois de ter vivido, é que se fixou.

Quando se escuta ou compõe algumas variações sobre um determinado tema, não nos interrogamos por vezes se o próprio tema não se desenvolve como uma variação entre outras? Ou mais simples, sem dúvida, mais puro, mais curto, decerto, mas porquê separar-se delas? Existe de facto uma grande distância entre estas últimas e entre elas e o tema que nada me impede possa então designar como variação sobre uma das variações. Porquê

considerá-lo mais estável e melhor centrado do que estas últimas? Sim, o tema não é senão uma das variações.

Assim o próprio rei é um sujeito, um homem entre tantos outros, dois pés, dez dedos, nos melhores casos, e sustenta-se sobre o mesmo chão tal como eu. E prova disso é que, desde que a guilhotina funcionou, todos esses sujeitos de outrora, talvez com raras e sábias excepções, evitam tomar aí o seu lugar ou fazem tudo para acolher o rei temporário, que não deixa de ser sujeito tal como os primeiros, encarado no sentido político, dado que o número de atentados dirigidos contra ele o coloca muito acima do número daqueles que conspiram contra alguém. E ei-lo assim atirado a baixo: tem de saber que deve o seu lugar de rei a esse facto de ser o mais sujeito dos sujeitos.

Adjectivo substantivado, tema-variação, rei-cidadão; tal como o Sol não é mais do que uma estrela marginal, anã amarelada e medíocre, sem verdadeira grandeza, no imenso concerto dos supergigantes, vermelhos como Bételgeuse ou azuis como Rigel. O rei Salomão, regressado até nós, diria: nada de novo sob a galáxia Cygne? Eis como durante muito tempo a revolução astrofísica nos ensinou a não centralizar mais o céu nem o universo. E ouve-se mesmo dizer que o ponto original do *big-bang* não teria lugar nem tempo.

Por isso, o centro não é mais do que um centão, juntamente com numerosas peças compósitas. Ao Imperador da Lua podemos pedir que se dispa para mostrar o que nos esconde: mas ele não esconde nada. Tudo está realmente e sempre por toda a parte como aqui, talvez nos limites de grandeza e de perfeição, quero dizer que tudo é um manto de arlequim, a própria substância, o tema, o sujeito, mesmo eu próprio, o rei, o Sol, e até os substantivos. A singularidade poupa-se, a unidade multiplica-se.

E mesmo Deus? Não é esse um dos segredos que eu desvendo: único e triplo, múltiplo, adjectivo e substantivo, divino e divindade, rei e sujeito, supergigante na sua glória central e anão perdido num estábulo da periferia, universal e singular, lei criativa, incarnação trágica prestes a morrer, terceira pessoa espalhada por todo o lado?

Absurdo, impossível, inadmissível: nunca o ousei dizer, não, nunca tive a coragem de expor aquilo em que acredito.

Mas, em primeiro lugar, eu não sei se creio, desconheço o que é crer, não sei que pensamento, acto ou sentimento acompanham a crença ou a fé. Sei talvez um pouco o que é de saber, sei o que sei, quando o sei, como faço para o saber, conheço a ignorância e a dúvida, a procura e a questão, conheço o conhecimento, a sua felicidade e os seus objectivos, os seus múltiplos caminhos, a sua busca entusiasta e os seus desertos, a sua profunda humildade, o seu esquecimento raro e necessário da razão dominadora. E eu reconheço o que sinto, encerrado para sempre na caixa negra do pudor. Será isso uma mistura de qualquer incerto conhecimento e de um

certo patético que consente se lhe chame crença? Não o sei. Ou sei que isso me é indiferente. Que me importa saber de onde vem o que vou ousar dizer: eis-me já bastante velho, isto é, bastante forte para ter essa coragem.

Não sei se creio em Deus. Sei que muitas vezes não posso acreditar em Deus: sou ateu em três quartos da minha vida. No entanto, através de intermitentes fulgurações, sei que o divino está aí presente, na minha proximidade, que ele reina no universo. Reinara aqui não é falar propriamente de um rei, mas dessa forma de construção designada por um ladrilhador quando diz de um desenho hexagonal e vermelho que impera em todas as divisões de uma mesma casa. Por toda a parte no universo, o divino está nele tecido, outros falam de lei, mas eu prefiro descrever a matéria ou a carne. Disso estou convencido, não agora, mas por vezes, raramente, de maneira extática. E quando a ocultação demorada sucede ao breve reflexo intuitivo, eis-me seguro de que Deus não existe: uma hipótese já velha e sem interesse. Talvez então me entregue a mim mesmo, sem dúvida que me castigo, deixando que a minha própria inteligência se entregue a essa miséria. Foi Deus que nos abandonou a partir do dia em que nós mesmos o abandonámos?

Não creio, mas creio. E isso não se decide, mas segue-se. Místico incrédulo, as minhas raras certezas mergulharam na mais morna incredulidade. Ora, durante esses momentos em que creio, eu creio no Deus único, muro contínuo do universo, embasamento, fundação e cumeeira, presença inevitável, proximidade constante e sentida, mas não posso deixar por muito tempo os bosques sem as hamadriades, o mar sem as sereias e as guerras das nações sem o seu odioso sagrado, as cidades sem os templos da diferença e as suas habitações sem os manes dos aedos: o ar povoa-se de arcanjos que passam, de inúmeros mensageiros; sim, aí me sinto verdadeiramente pagão, confesso, politeísta, camponês filho de camponeses, marinheiro filho de marinheiros, mas tenho visto por vezes os deuses fugirem de uma ilha em que aporto ou aparecer numa auréola, tenho-os ouvido protestar, cruéis, abomináveis, nas encarnações de todas as forças, tenho ouvido muitas vezes legiões de demónios fustigados pelo zumbir dos canhões, sim, fui aterrorizado pelo próprio diabo — quem não vislumbrou desenhar-se o seu corpo monstruoso, real, por detrás das nuvens do estrondo atômico? —, mas também já vi passar uma verdadeira deusa no meio de muitos sorrisos, juro pela minha palavra de filósofo, garanto-lhes, tenho disso testemunhas.

Por vezes, acredito no Deus de meu pai, ateu convertido de súbito no meio do estrondar dos obuses no campo de Verdun, creio muitas vezes nos deuses dos meus velhos antepassados, que sei bem inundam ainda o espaço, constituem o mundo e, sobretudo, são eles que consolidam a sociedade.

Aliás, desde Nagasaki, sinto-me seduzido pela minha ascendência cántara: multidão de deuses reduzida a dois, de que um deles, o do mal, permanece como mestre sem partilha de tudo o que os homens chamam poder e glória, a história, enquanto o da bondade se esconde e desaparece na palha de um

estábulo, tão afastado, comum, apagado, que continua inacessível. Tudo para o primeiro, nada para o segundo, desfigurado, derrotado, improvável.

Eu creio, sobretudo creio, creio essencialmente que o mundo é Deus, que a natureza é Deus, cascata branca e riso dos mares, que o céu variável é o próprio Deus: naveguei com Deus, voei pelo meio de Deus, recbi a sua luz verdadeira nas minhas costas pelos corredores de gelo no alto da montanha, ao romper do dia, tenho escrito por vezes mesmo sob o seu sopro, traçando ingenuamente o meu caminho de humildade sobre a página divina e, em virtude desse ofício, nunca deixei de sobreviver por ele, com ele e nele... Mas, por cima de tudo, todos somos Deus, tu que eu amo e tu que me odeias, tu que passas e que eu nunca conhecerei, todos aqueles que me excluíram, tu de quem já recebi flores primaveris, todos enfim que fazem barulho, nesse burburinho que é a minha vida carnal e categorial...

Mas por acréscimo estou certo, absolutamente certo, de que para lá de toda a esperança existe uma falha, uma coisa bizarra nesse panteísmo massivo e denso, uma excepção estranha, origem de toda a dor, que sou eu e *apenas eu*, nesse concerto divino atravessado por pequenas questiúnculas, me diz que não sou Deus; somente essa falha de nada não é Deus, isto é, um novo sentido, bastante agudo, da velha palavra ateu. Aqui, Deus não existe. Aqui, Deus apenas se ausenta. A minha parte de destino é esse lugar de ateísmo.

Tudo é Deus excepto aquele que o escreve, que deixa ficar a caneta entre as lágrimas.

O um. O centro. O sol. O tema. A substância. Deus. O nome próprio: Salomão, Arlequim, o autor deste livro.

O múltiplo. A periferia compósita. As estrelas de todas as magnitudes. As variações. Os atributos, o manto esfarrapado. Os múltiplos adjectivos: gentil, cortês, falador, taciturno... Ou ainda antes: a mistura conseguida, a música, o tempo, o rumor de granalha que os moinhos fazem, as almas e o mar.

O múltiplo e a unidade apresentam-se, na realidade, como singularidades-limite de uma variação. Eis aí a imagem simples. Mesmo que seja um mosaico: ela justapõe milhares de elementos entre diversas formas e cores variadas, cujos limites desenham uma espécie de rede. Eis aí o múltiplo: mapa-mundo, manto de Arlequim, centão de vários textos.

Porque um quadro pintado a óleo sobre uma tela representa a mesma coisa que o mosaico: a rede desaparece, as proximidades fundem-se, os elementos ligados dão lugar a uma camada contínua de formas e cores misturadas. *La Belle Noiseuse*, obra-prima desconhecida de um pintor anónimo, faz emergir um soberbo pé no meio de um caos de tonalidades.

No correspondente gráfico geométrico, mergulhado num espaço homogéneo e isotropo, as curvas desenvolvem-se segundo certas leis e repetem-se graças às rectas, verticais e horizontais, os pontos não existem por

partes, nem as linhas nem os planos de espessura: o reino de um sucede aqui ao do múltiplo no mosaico e na mistura das cores líquidas sobre a tela.

Por um lado, podemos extrair do quadro o mosaico, criando uma separação, depois um quebra-cabeças ou um jogo de paciência a partir dos seus traços ou região por região. Essa mistura tende então para o múltiplo, *partes extra partes*. O descontínuo emerge da continuidade, como os números inteiros numa prova real. Os elementos mergulhados nessa mistura separam-se bem ou mal. O mosaico mostra todos os grãos. Em rigor, dir-se-ia com segurança que se podia ver *La Belle Noiseuse* infinitamente de perto, onde se descobriria essa disposição granular.

Podemos inversamente imaginar uma mistura tão infinitamente diluída que as cores se dissipariam para dar origem à sua homogeneidade. Uma gota de mel, um pingo de leite, uma pinga de sangue no mar Mediterrâneo não poderiam perturbar a sua cor uniformemente avinhada. Então, as volutas complicadas simplificam-se em extremo, todo o pormenor se anula e os objectos vitrificam-se: a aproximação dá lugar ao rigor, a mistura tende infinitamente para o mais puro e a pintura para a geometria.

Como balanço, o múltiplo e o um tornam-se singularidades-limite da mistura e esta última não cessa, permanece aí, envolve-nos e banha-nos, sendo necessário apelar sem dúvida para a realidade talvez com o auxílio de duas opostas singularidades: o seu limite do lado do um e o outro limite sobre as faces do múltiplo, Arlequim vestido com o seu manto, Salomão e o seu sol.

O monismo e o pluralismo são filosofias-limite construídas abstractamente sobre um fundo real de mistura. A primeira geometriza-o, enquanto a segunda propõe um mosaico, um corte como jogo de paciência, uma imagem sobre o ecrã de um receptor de televisão.

Como falar da mistura? De novo, claro, através de preposições. Se tivéssemos de descrever *La Belle Noiseuse* ou o manto de Arlequim, deveríamos esgotar sem cessar a sua lista ou rubrica: esta cor ou aquela forma que se encontra em e fora, antes e entre, além e contra, sobre e sob, segundo ou tal como esta ou aquela: eis que assim regressa a topologia.

Ora, existe uma topologia no primeiro gráfico geométrico, uma do mosaico e enfim uma outra do quadro. A descrição rigorosa que ela propõe ou aquela que vibra e estremece como a cortina iluminada sobre o palco em que Arlequim se despiu. Por vezes, divisamos aí o um, enquanto distinguimos o múltiplo ou mergulhamos na confusão.

Mas posso ainda descrever, da mesma forma, a dança do fogo que nos incendeia, através de contínuas centelhas, breves, longas, distantes, vizinhas, sobre e sob, fora e dentro, diante, atrás, depois, antes, além e entre...

Era isso que eu queria demonstrar.

Fogo. Imagino uma pirâmide, um prisma, absolutamente transparentes. Quando a luz clara do dia, ela mesma invisível, mas capaz de tudo deixar

ver, se lança para uma face desse cândido prisma, ela reflecte, de frente, um arco-íris de cores misturadas e distintas: nenhuma escapa. Espectro de estrelas, manto de Arlequim.

Quem sou eu? Ninguém, falando absolutamente. Nenhum. Se me sentir muito pálido e macilento deixo de existir. Espectro triste e descorado, prestes a dissolver-se no ar. Nada, em rigor. Demasiado branco, invisível, cândido, transparente. Zero. Sólido puro inteiramente entregue à luz, venha ela de onde vier, de cima e de baixo, brilhante, discreta, fixa ou irregular. Nem uma só parte de ser, nada a não ser o próprio nada.

Então, tudo. A luz branca sobre a pirâmide translúcida explode segundo o leque, mais que multicolor, da pancromia. Nada e, portanto, tudo. Nenhum e, portanto, possível. Ninguém e, portanto, todos. Branco, ou seja, todos os valores. Transparente, portanto acolhedor. Invisível e assim mesmo produtivo. Inexistente, portanto, indefinidamente apto no universo. Eis aí de novo a lei.

Universalmente, pois, porque o homem não é nada mas pode: possui uma infinita capacidade. Sou alguém e não valho nada: portanto, sou capaz de aprender tudo e tudo inventar, corpo, alma, entendimento e sagesa. Depois de Deus e o homem terem morrido, reduzidos ao puro nada, a sua força criadora ressuscita.

Por isso, eu pude e tive de escrever este livro: porque a aprendizagem, de que é um fundamento, é a clara essência da humanidade.

TU. DIA.

Dedicatória. O meu amigo Hergé não gostava desse nome, suponho, porque assinava com as iniciais dos dois prenomes, Rémi e Georges. Uma tal sigla mostra e esconde que ele mal começava a ser ou a existir, como uma criança. O pudor liberta o essencial e reserva-o. Por isso, Tintin não tem nome, nem sequer um apelido, mas é uma onomatopeia. Evocamos esses dois nomes e não os designamos.

Quem era, pois, traço por traço, aquele que povoou a nossa infância?

Georges era branco: luminoso, diáfano, sedutor, mas calmo. Adepto ou inventor da linha clara no seu trabalho, vivia numa casa de cores ligeiras e um corpo límpido e puro. Lembro-me dele como de uma transparência, a sua inteligência levitava, sabia já quando falávamos que eu tinha pacto com um anjo. Tintin assemelha-se a ele, mas sobretudo o Corisco Abençoado. Nas altas zonas do Tibete descobrem-se todas as chaves do segredo: a neve branca, o monge em êxtase, o amigo perdido e o bem abominável. Já sem maus sacrificados nem punidos, o atroz mundo de vitórias e derrotas enfim sossegado, a grande conversão, exactamente ao contrário daquela que lhe aconselhou. A linha clara desvenda o conjunto das suas incandescências. Portanto, Georges ou Hergé, que assinava com um nome em branco, amou uma colorista.

Trinta raios convergem para o centro da roda, dita a sabedoria chinesa, mas o pequeno vazio no meio confere à roda força, coerência e função. Mais de vinte álbuns irradiam como uma alvorada a partir dessa vida, mas como designar a luz cristalina, transparente e branca, que deu origem — através de que prisma? — a essas imagens em que milhões de crianças e de adultos se reconhecem desde há muito tempo?

Como encontrar-lhe um nome? Um génio? Sim, entre os notáveis e as glórias consequentes que pude encontrar na minha vida, creio poder dizer que Georges se destaca como um verdadeiro génio. Mas não se podem referir muitas obras que se leiam continuamente desde há mais de meio século por várias gerações, cada uma delas relendo ao mesmo tempo o que uma seguinte descobre. O génio não se define apenas por esse crescente reconhecimento, mas sobretudo pela relação secreta que mantém com as duas manifestações positivas da vida: o cómico e a infância. As sobrinhas bonitas e o tio de cabelos brancos riem-se em conjunto de Molière e de Aristófanes que ninguém excede em força e em vigor. Os grandes momentos das culturas começam por esses elevados reflexos de juvenil alegria: a criatividade ri.

Hergé perde nas neves do Himalaia os últimos valores negativos de modo que a sua obra afirma-se como um imenso sim, único ou raro num século que privilegiou, nas suas artes e nos seus actos, a destruição e as ruínas e que se compraz na esterilidade. Quem anuncia por nós, dos sete aos setenta e sete anos o que devemos fazer, esse sim ingénuo, natural, confiante, vivo, vital, risonho e novo? Transparente, cândido.

O dominó branco vale por todas as cores, virtualmente: conforme se coloca aqui ou ali, ei-lo um, dois ou três. E deve essa possibilidade à sua brancura: zero e reunião de todas as cores, assim as combina e as elimina, tudo e nada. A luz branca decompõe-se no espectro do arco-íris e absorve-o, como a cauda do pavão depois de se abrir em leque. Se queres ser tudo, aceita não ser nada. Sim. O vazio transparente. Essa abstracção suprema, esse desprendimento que equivale à polivalência. Embranquecido, compreenderás tudo e poderás tornar-te, à vontade, num peixe, planta, flor, arcanjo ou luminária.

Assinando com as iniciais dos prenomes, sem nome, existindo apenas, Hergé desenha, primeiro a preto e branco, uma personagem quase anónima, designada por uma onomatopeia, redonda como uma lua, a cabeça mal definida, sabendo tudo e podendo fazer tudo, capaz de todos os possíveis, congregando à sua volta o capitão Haddock, o professor Tournesol e Castafiore, Serafim Lampião... O dominó branco produz e compreende a sequência de todos os dominós. O centro criador, a cabeça de Tintin ou o génio de Georges, brilham, incandescentes, como a neve ou os glaciares do Tibete. Em trinta raios, o mundo inteiro, Ásia, América, as ilhas da Oceania, Incas, Índios e Congolese, convergem para o centro em que se

verifica em toda a roda coesão e plenitude, existência e perfeição, o vazio redondo e transparente do meio, o centro cândido, a cabeça de Tintin, a alma angélica de Georges, o mundo aos pés de Corisco Abençoado, banco de gelo, infância, tudo isso que diz sim.

As circunstâncias vitais, reencontros, esperas, viagens, oportunidades e falhas, trabalho, muito trabalho, sobretudo, massivo e denso, invadem os dias e as horas, ocupam as noites, deixam o corpo e a alma entregues ao mal do tempo, enfim, todos os pormenores de uma vida dedicada à obra concorrem todos, para o centro, para um homem, meu amigo, a quem presto publicamente testemunho e que, transfigurado por ela, o seu rosto irradia brilhando como o sol. Como esboçar o seu retrato, no meio da rosácea, dado que a luz que daí sai produzia todos os traços, todos os retratos explodindo sobre o contorno do vitral, vinhetas múltiplas que nos fascinam desde a nossa amarga infância?

E fascinam-nos porque o sinal branco, a cabeça inofensiva e quase inexpressiva, infantil e indeterminada de Tintin rasgam a página ou invadem a casa como uma dessas janelas através das quais, nas feiras e festas, todos aí tiram o seu retrato fotográfico para passarem por herói, vedeta ou rei, podem deslizar por aí o próprio rosto ou o seu busto e reaparecer, do outro lado, num cenário de floresta virgem, palácio ou ópera. Mas também pode acontecer que um focinho de touro lhe caia sobre o pescoço e sobre os ombros e o faça voar, titubeante, com os próprios chifres...

Cada leitor mergulha, pois, o seu próprio corpo na abertura deixada por essa ausência branca e em sua evocação diz-se: Tintin sou eu. O aventureiro, por sua vez, tenha o nome que tiver, identifica-se pela mesma razão e participa junto de mil outras pessoas, de toda a classe, etnia, cultura, latitude, nas personagens dessa enciclopédia em elipses ou parábolas que faz de Hergé o Júlio Verne das primeiras ciências humanas.

Subindo dessa multidão irrequieta e suave até ao seu animador ou criador, acedemos à luz clara e calma, quase ausente, em que uma série de transparências produz por retorno certas densidades.

Quem percorreu Xangai, o Tibete, a Escócia ou o Próximo Oriente sem se interrogar: não reconheço esta paisagem que se parece estranhamente com o que eu já vi na minha infância através dos olhos de Tchang ou do filho do emir? Como pode acontecer que, bloqueado pela guerra num cordão como Garona, tenha já viajado tanto e aprendido tantas coisas sobre os homens? As coisas modificam-se como por encantamento: o mundo retrata as coisas memoráveis, os modelos reflectem a imagem, a vida desata em seguida os sortilégios da arte. Sei mesmo que não sentiriam nenhum interesse pelas flores dos campos se não tivessem visto antes uma papoila num qualquer quadro de Renoir: não existia a Ile-de-France antes de Corot. Esta banal experiência, que se diz ser marcada pela própria experiência,

tem a sua origem no próprio autor que obedece a essa lei bizarra que inverte a ordem e a disposição das coisas: domina-a e comanda-a.

O homem realiza com o seu corpo e capacidades, sangue, alegria e lágrimas, é a sua obra que começa a produzir por si mesma a vida como ela avança e o mundo como ele se apresenta e, portanto, esse homem é que decide um dia meter mãos à obra. Círculo encantado que alimenta um com a outra e a outra de um homem e da obra, espiral que não se detém senão à hora da morte, nunca saberemos se a casa se torna branca porque o desenhador morre ou se morre porque Tintin dessa vez daí não sairá; círculo de fusão que faz nascer em Moulinsart todas essas histórias sem fronteiras como de uma abundante cornucópia, provando assim que muitas pessoas e coisas aí se escondem, nas armaduras ou nas suas dependências. Vigiem, pois, quem dela sai ou aí deixa vestígios: defenda-se o tesouro.

Diamantes, rubis, colares, cujo valor explode longamente sobre o trajecto aberto dessa hélice invasora até aos astros, mas que retorna a si para se alimentar dos antípodas no castelo, no fetiche, na cave, na estátua, no próprio corpo do autor, entendido assim como produto e produtor.

Georges irradia de luz clara um diamante desse tesouro. Tinha sempre o hábito de sair do seu castelo, que era o seu orgulho ou nele habitava. O círculo ergue-se não se sabe de onde e sobe como uma espiral opulenta que chega às extremidades do mundo e o encanta, mas que regressa sempre à sua própria vertical: Rameau conta os compassos que nascem naturalmente da própria música, cujos compassos produzem a música de Rameau e por fim o próprio Rameau compõe esses compassos. Georges não deixava de entrar e de sair do seu moinho.

Por isso, o retrato do homem limita-se a olhar a obra como se diz olhar o ciclone, espaço calmo e ensolarado, esse lugar em que o tesouro de Georges brilhava, tranquilo e diáfano.

Nas horas felizes em que nos esperava no patamar de sua casa, de braços abertos, os olhos e o rosto iluminados de sorriso e bondade, nunca achei que fosse longo o trajecto até Dieweg nem que a minha emoção excedesse o reconhecimento perante aquele que tinha povoado a minha infância. Através das minhas lágrimas, eu adivinhava o sedutor.

Bombardeamentos, deportações, guerras e crimes em massa esmagaram a nossa infância, no desespero e na dor, sentindo vergonha pelos homens, excepto o único encantamento que nos deram a China e a Amazónia, brilhando atrás da linha clara e o perdão incómodo do monstro abominável desprezado de todos e, visto de perto, tornado misericordioso e bom, numa conversão no meio do deserto imaculado. Apenas as luzes no seio das trevas. Para quê viver bem se ninguém se encanta com o mundo? Como e onde viver se não existe nenhum lugar encantado no meio das destruições? E, como conseguimos sobreviver, nesses tempos e nesses lugares inviáveis, senão com

a graça de tais utopias? Ainda o olhar do ciclone, único espaço em que um barco nada arrisca, silêncio branco no meio dos gritos.

Entre o paraíso e a paisagem morna, entre o vale amargo e o reino, o Messias e o homem da rua, a diferença, infinitesimal, brilha como uma pequena lágrima.

As coisas e os corpos encantados parecem mergulhados numa água límpida sob a qual cintilam como diamantes ou pérolas: transfigurados pela laca, um oriente ou uma aurora de que desconhecemos a natureza e a origem, nimba-nos e protege-nos com a sua própria luz.

Para assim as fazer irradiar, contentamo-nos muitas vezes em fazê-las emergir na transparência da linguagem ou no brilho do estilo e por vezes conseguimos: vemo-las reluzir através de palavras claras ou obstinar-se e regular-se dentro do seu rigor quando não se enrugam sob a fealdade ou a secura dos próprios termos. «As árvores e as plantas, dizia o fabulista La Fontaine, tornaram-se para mim criaturas falantes, e quem não encararia isso como uma forma de encantamento?» Assim discorrem igualmente o girassol e a flor casta, as plantas, mas também o *haddock*, peixe, com o cão, animal que ladra quase sempre. Para completar o milagre, podemos mergulhar por sua vez as palavras e as línguas no sortilégio do canto, de onde nos chega a palavra encantamento.

As coisas emergem pela palavra e esta mergulha na música: dupla transfiguração do mundo pela obra poética, como uma entrada de Wagner que sobe e desce todas as gamas de som pelo espaço ou a escadaria de Moulinsart.

O desenhador não entende isso assim por ser surdo de um ouvido. O encantamento, para ele, atravessa-se pelo canto: a cantora ridícula enche atrozmente o ar cheio de jóias e perde as suas que julga terem sido roubadas, mas que ainda brilham tranquilamente a um canto da gaveta.

A banda desenhada abre um caminho original, diferente do da linguagem, do ritmo ou do som, e deixa irradiar os seres e as coisas pelas suas próprias formas e pela sua água singular: poesia silenciosa e linha clara. As vinhetas substituem as rimas e os versos cadenciados nesse fabulista clássico de centenas de vários actos e cujo palco é o universo. Eis que encontrei, pois, o nome de quem não queria, porque a fonte nos oferece uma imagem de água límpida e tranquila.

Os retratistas outrora rodeavam as cabeças dos santos e mártires, virgens ou arcanjos com uma auréola cuja luz assinalava a sua transfiguração. Riam-se antes daqueles que disso se riem: a maioria das culturas, modernas ou antigas, têm uma palavra particular para designar a glória com que por vezes brilham certos corpos, numa explosão de energia ou de amor, bondade, êxtase e a sua fervorosa atenção. A esse sinal, reconhece-se logo o que alguém pensa: a ideia evade-se ou emana do seu corpo num clarão dourado.

A glória social não faz mais do que imitar pobremente essa auréola real que se espelha no rosto. Os grandes pintores, dotados de um olhar penetrante, vêem-na. Ou projectam antes, na sua obra pintada, a sua experiên-

cia e a sua atenção divinas quando reproduzem as coisas do mundo tal como elas são no próprio instante em que nascem das mãos do seu criador: infantes, iniciais, pré-nomeadas, principiantes.

Não sei como escolher: a auréola descreve a luz que emana do modelo ou do desenhador, ou fixa antes a origem da luz que ilumina ambos, ou deixa-a enfim ver como os olhos verdadeiramente vêem?

Para concluir o livro que diz e descreve as circunstâncias da vida do terceiro instruído, como um círculo de raios em redor do seu núcleo, projectei traçar o retrato de um amigo meu, um dos perfis dessa vida. Apenas pré-nomeado, ei-lo aí: vazio no meio desse círculo reluzente, com um brilho claro, luar de aurora, auréola clara, olhar do pintor e do ciclone, fulgurante e calmo, tal como o conheci, como o amei, pudico, reservado.

A TERCEIRA PESSOA: FOGO

Quando um homem atravessa a nado um largo rio ou um braço de mar, como a ler ou a escrever um autor ou um leitor atravessa um livro e o acaba, acontece por instantes que franqueia um eixo, um meio, igualmente distante das duas margens. Aí chegado, continuar em frente ou regressar será a mesma coisa? Antes desse ponto, para lá desse instante, o campeão ainda não deixou a sua terra de origem, enquanto depois é já o exílio a que se destina que o submerge.

Fio comovente, pequeno e fino como uma aresta, esse limiar decide da viagem e de toda a aprendizagem, de que mal se nota esse lugar raro, tão abstracto que se pode dizer inexistente e no entanto tão pregnante e concreto que se percebe a sua natureza e mesmo a sua cor na totalidade do trajecto que consiste em franqueá-lo. Toda a largura do rio ou a sua elevação — do livro e, no seu meio, do mundo — se pressente como se reproduzisse em grande esse fio.

O limite de uma fronteira designa, para lá dela, terras familiares, um terceiro se coloca nessa partilha, mas a viagem seduz e arrasta esse terceiro lugar através de todo o espaço assim partilhado.

Diante dela, menos do que em casa, o noviço nada ou desloca-se para o que é estranho; depois dela, chegado a qualquer parte, lembra-se sempre de onde partiu: um tanto inquieto, a princípio, mas logo depois cheio de esperança; em breve nostálgico e logo de seguida quase a lamentar-se: Como é que, então, um lugar singular pode passar por ser raro e difundir-se por todo o lado, no terreno e na alma, continuar abstracto, utópico e todavia tornar-se pantótico ou em pânico, entendendo por isso a expansão em todos os lugares dessa singularidade?

Embora nascido canhoto, escrevo com a mão direita, a felicidade de viver com um corpo assim adaptado nunca me abandonou e assim ainda peço aos professores para não contrariarem, como hoje se diz, os meus companheiros de bombordo, mas dar-lhes essa imensa vantagem e harmonizar o seu corpo, obrigando-os a manter o lápis na mão direita, complementar. E, por simetria, seguir o mesmo critério com os destros. Como a maioria das pessoas hoje trocam a caneta pela consola do computador, o seu teclado exige sobretudo uma conjugação dos dedos.

A linha que separa a esquerda da direita — e a fêmea do macho —, não sei por onde é que passa, no meio do organismo, tão geométrica e formal, sem dúvida, como a fronteira ou o eixo sobre o rio ou o estreito, mas todo o corpo muda e se transforma conforme se volta para a direita ou para a esquerda, hemiplégico num e noutro caso, ou aceita aventurar-se para a outra borda, hermafrodita, navio de dois bordos, para se cumprir e estar de acordo. Uma vez ainda, raramente o terceiro lugar invade o sistema por inteiro: qualquer pessoa se diz destra ou canhota — ou adaptada.

E então anula-se na memória escura ou dilata-se na alma o terceiro lugar: aberto, dilatado, povoa-se de terceiras pessoas. Aprender: tornar grandes os outros e a si mesmo. Criação e mestiçagem. Como a terceira pessoa é espírito, o manto e a carne de Arlequim enxameiam os espíritos coloridos: os fogos.

Um palpitação, uma pulsação, um estremecimento como se vê numa cortina de chamas que brilha e cresce de súbito para iluminar até ao horizonte e enfraquece de seguida para iluminar apenas uma proximidade estreita e limitada ou anular-se na obscuridade, um cintilar fremente, animam, neste livro, a descoberta, em muitas regiões, desses estranhos terceiros lugares, raros como certos limites, agudos como arestas, singularidades que se podem dizer fora do comum, ambidextros, hermafroditas no que respeita às pessoas, mensageiros que pertencem a dois mundos porque os colocam em comunicação, tal como Hermes, o deus dos tradutores, passando de uma margem para a outra, mas que também se pode encontrar na terra ou no mar, ilhas ou caminhos; esses terceiros lugares constituem a carne viva e visível, quente e tangível na vida ou no espaço observável sobre o mapa, do projecto mais intelectual, sábio ou cultural, e de ética tolerante, da terceira instrução, meio harmónico, entre as duas margens, filha da cultura científica e do saber saído das humanidades, da erudição técnica e da narrativa primorosa, do que é recolhido e inventado, ambos conjugados porque na realidade não se pode separar a única razão da ciência universal e do sofrimento singular. Porque a urgência o impõe hoje, a história recupera esse projecto, ainda há pouco bem raro.

E, de súbito, uma criação multiplicada: essas singularidades, espaciais, carnaís ou pedagógicas, sem que nada o tenha previsto, difundem-se por

toda a parte, por todo o corpo, através do leito do rio, no espaço intelectual, até esboçar uma síntese ou indexar um espaço universal. A pequena chama brilha. Entre o nada e tudo e, em retorno, da soma ao zero. Da comunicação fechada entre as duas primeiras pessoas, no singular ou no plural, ao conjunto dessas terceiras que se anulam ou se tornam o todo da sociedade, do universo, do ser e da moral. Nunca eu poderia esperar tanta luz viva, embora, apesar dos seus clarões, pudesse tolerar essa sombra escura pelo incessante partilhar da sua vibração.

Baixa, a chama iluminaria as proximidades; o fogo, do alto, ilumina o mundo. As páginas dissipam-se como numa lareira em que a dança, breve ou demorada, das centelhas depressa lambe o local, ilumina o global e de súbito regressam as trevas: dia, noite, manhã, claro-escuro. Ver: o fogo ilumina; mal: a chama arde. Dois focos, de repente: ciência fulgurante, uma dor pungente.

No meio de circunstâncias improváveis e difíceis, guerra, tempestade, acasos e infortúnios do mar, aportámos a uma ilha nua perdida na imensidade do Pacífico, em que os naturais se entregavam a práticas estranhas, mas onde pudemos aprender que a regra constantemente seguida por todos os nossos semelhantes, dos quatro lados da água, se reduzia a uma excepção, sem dúvida monstruosa, de um universal apenas reflectido e descoberto por sorte nessa singularidade abandonada. Como se um preconceito tivesse conquistado todo o volume enquanto a prudência humana e razoável se refugiava em retiradas localidades.

O oblíquo conquistou o geral. O universal integra-se no singular.

Cintilação das chamas: anão amarelo, o Sol ilumina menos o mundo do que um canto do universo e este não se deixa ver em majestade senão através de breves e fulgurantes intuições, evidentes e problemáticas, mas nocturnas. A teoria da comunicação nunca deixou de tomar como modelo a emissão ou a expansão da luz. E esta repousava nas trevas e devia triunfar no espaço e na história. Tornados entretanto relativistas e modestos, os contemporâneos, antes prudentes, esforçam-se por assestar sobre o pormenor um feixe luminoso quase pontual, fino e pontiagudo como um raio *laser*. Tínhamos abandonado a síntese unitária para nos reencontrarmos ou nos perdermos deliciosamente nas delicadezas do ínfimo, esquecido do universal em favor das singularidades portadoras de sentido. Mas confesso de boa vontade ter desde há muito tempo preferido o local estranhamente aberto a um global pretensioso sempre cheio de abusos: e não precisei de nadar até ao meio desse rio ou interrogar-me seriamente sobre as minhas mãos ou ilhas, atento a esses pequenos e frívolos pormenores.

Definido como cúpula e especificidade, o ideal de conhecimento passou, pois, das leis gerais para o debate profundo, mesmo para uma fragmentação interminavelmente disseminada. Surpresa: em poucos lugares ou

proximidades, o universal se poderia instalar. Ora, espantosamente renovado, não exige mostrar-se ou reger, mas pelo contrário exige o seu regresso à localidade mais próxima e fina, adamantina, em que foi sepultado. A chama, minúscula, torna-se imensa e regressa ao rés do solo.

Irregularmente, do local para o global, bate, dança, treme, vibra, cintila esse conhecimento como uma cortina em chamas. No centro do sistema, o Sol ilumina todo o conjunto, mas esse anão marginal encontra-se aí lançado, em qualquer parte do universo. Estas duas proposições, a universal e a singular, para um único Sol, permanecem ao mesmo tempo como verdadeiras. Face a ele, tão universal como a ciência, a questão do mal e do sofrimento, da injustiça e da fome, tenebrosa, ocupa o segundo foco ou o escuro do universo, tal como a existência singular do homem indigente e dolorosa.

Essa palpitação não diz apenas respeito ao saber claro ou o mal, ou seja, aos princípios de toda a aprendizagem e a medida do conhecimento: fio de palha acariciado por um raio de luz emanado de uma fissura, ou firmamento no seu todo sob o reino do meio-dia, uso e lei, mas também a sua qualidade, talvez mesmo a sua expressão.

Dedicados à procura da verdade, nem sempre aí conseguimos chegar e, se realmente chegamos, não é através de análises ou de equações, experiências ou evidências formais, por vezes mesmo através de tentativas. Mas quando tal não se conseguir diga-se o que se faz, de resto, se se quiser; de resto, porque se a meditação fracassa, não se deverá tentar a narrativa? Porque é que a linguagem há-de permanecer sempre destra ou macha, hemiplégica e limitada a uma das partes? Aristóteles dizia de forma excelente: o filósofo, enquanto tal, descreve muito bem, mas logo acrescentava que aquele que narra de algum modo revela ser filósofo.

Criado nessas chamas irregulares, instruído, educado, cria nele as terceiras pessoas ou espíritos que disseminam no próprio corpo e alma a sua forma e o seu reflexo, enquanto as partes e pedaços compõem os fogos coloridos do manto de Arlequim ou o fogo branco que os ilumina.

Espírito: luz clara, pudica e reservada, enxameando o corpo e a alma como milhões de sóis nocturnos enchem o universo de constelações.

Re-nascido, ele conhece, tem piedade.
Finalmente, pode ensinar.

1980-1990.

ÍNDICE

LAICIDADE.....	11
CRIAR	17
Agradecimentos	19
Corpo	19
Sentidos	21
Nascimento do Terceiro	22
Aprendizagem	23
Cérebro	25
Nascimento e conhecimento	26
Escrever	27
Sexo	28
Quimera	31
Vínculo e laço	34
Primeiras recordações	35
Rosácea	36
Trinado, música	39
Dança: minuete do terceiro lugar	40
Magnificência	41
Alegria, dilatação, criação	43

INSTRUIR.....	47
Claro-escuro	53
O terceiro lugar	54
O terceiro homem	57
Instruir ou criar	59
A terceira pessoa	60
A terceira mulher	62
O terceiro instruído: antepassados	63
O terceiro instruído, de novo: a origem	66
Começo da criação	73
O problema do mal	74
Guerra por teses	78
O estilista e o gramático	80
Paz sobre as espécies	90
Núpcias da terra com os seus sucessivos mestres	91
Paz e vida pela invenção	93
Um outro nome para o terceiro instruído	102
A dupla genérica da história, morte e imortalidade	102
EDUCAR	111
Lei do rei: nada de novo sob o sol	113
De novo sob o sol, algures	122
De novo sob o sol, aqui	127
Eu. Noite	137
Tu. Dia	147
A terceira pessoa: fogo	152